FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

TECIDOS URBANOS COMPLEXOS

O caso de Campolide: o Espaço Público como motor da Reabilitação Urbana

Catarina Soares Macedo

Trabalho Final de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Mestrado Integrado em Arquitetura, com especialização em Urbanismo

Orientador: Professor Auxiliar com Agregação João Pedro Costa

Presidente: Professor Doutor Pedro Conceição Silva George

Vogal: Professora Doutora Filipa Viegas Serpa Santos

Lisboa, FAUL, 9 de Março de 2017

Aos meus Avós.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor João Pedro Costa.
Pela orientação, paciência e incentivo.

À minha família e amigos.

RESUMO

Titulo | Tecidos Urbanos Complexos

O presente trabalho tem como tema central a complexidade dos tecidos urbanos, e procura resolver de que forma é possível explorar a reabilitação urbana, através do espaço público como motor das vivências na cidade. Hoje em dia, vários ambientes urbanos são caracterizados pela descontinuidade e fragmentação de espaços, devido à falta de planeamento e transição das várias forças geradoras de mutações nas cidades.

A mobilidade ampliada e as distâncias cada vez maiores levam à perda da qualidade do espaço de convivência e partilha, segregando e absorvendo a importância do espaço público na cidade.

Cada vez mais é procurada a reativação das relações estabelecidas entre a habitação, o trabalho, o ócio e a circulação, explorando o espaço público, devido à sua importância como palco de expressão da sociedade, integração e manifestações culturais.

Com este trabalho propomos um novo olhar a uma área da cidade com uma localização bastante privilegiada - que parece ter sido esquecida e apresenta falhas de continuidade a nível físico, social e funcional – através de uma metodologia em que se relacionam diferentes tipos de intervenção, com vista a agregar e transformar a freguesia de Campolide, num tecido urbano complexo com coerência, riqueza e vitalidade. Numa dinâmica de reabilitação urbana em que os diferentes atores estão em comunicação e as parcelas do público e do privado se complementam mutuamente.

Palavras-chave | cidade, tecido urbano, espaço público, reabilitação urbana, habitar, rua.

ABSTRACT

Title | Complex Urban Fabric

The complexity of urban fabrics is the central theme of the present thesis, which seeks to determine the possible ways to explore urban rehabilitation through the view of the public space as a motor of city experiences. Nowadays, several urban environments are characterised by the discontinuity and fragmentation of spaces, due to a lack of planning and transition of the various implementing forces that generate changes in the cities.

The expansion of mobility and the continuing increase of distances lead to the loss of quality of the cohabitated and shared space, segregating and absorbing the importance of public space in the city.

More and more each day, public spaces are sought to be reactivated as habitation sites, workplaces, leisure or circulation spaces due to its importance as a stage for the expression of society, integration or cultural manifestations.

It is proposed a new approach of looking at a privileged central area of the city - that seems to have been forgotten and presents flaws of continuity on a physical, social and functional level - through a methodology in which different types of intervention are related. These modifications attempt to aggregate and transform the parish of Campolide into a coherent, wealthy and lively complex urban fabric that promotes dynamism in which the different actors are in communication, and the private and public parcels complement each other.

Key-words | city, urban fabric, public space, urban rehabilitation, urban, inhabit, street.

ÍNDICE

RESUMO 9

ABSTRACT 11

ÍNDICE GERAL 13

ÍNDICE DE FIGURAS 15

LISTA DE ABREVIATURAS 23

INTRODUÇÃO 27

1. PROBLEMÁTICA TEÓRICA 33

1.1. Estado do Conhecimento 35

1.1.1. Tecidos Urbanos Complexos 37
1.1.2. Reabilitação Urbana 49
1.1.3. O Espaço Público e a Rua 69

1.2. Projetos de Referência 65

2. CASO DE ESTUDO: CAMPOLIDE 77

2.1. Elementos de Caracterização da Área em Estudo ...79

2.1.1. Análise do Sítio 81
2.1.2. Análise do Tecido Urbano Complexo 89

2.2. Análise de Instrumentos de Gestão Territorial 95

2.2.1. Plano Diretor Municipal 97
2.2.2. Planos em Vigor 98
2.2.3. Planos em Execução 104

3. PROJETO 113

3.1. Estratégia e Proposta Urbana 115

3.2. Rua de Campolide 129

3.2.1. Análise da Rua de Campolide 131
3.2.2. Estratégia e Projeto de Reabilitação do Espaço Público 135

CONCLUSÃO 145

BIBLIOGRAFIA 151

ANEXOS 159

Fotografias do Local
Processo de Trabalho
Maquetes de Estudo
Maquete Final
Paineis Finais

ÍNDICE DE FIGURAS

1. PROBLEMÁTICA TEÓRICA

FIGURA 1| Tecido urbano de diferentes cidades no Mundo | pág. 39 – *Fonte: B.plan Batch 2014/2015. Disponível em http://mansi-shah.weebly.com/teaching/archives/06-2015.*

FIGURA 2| Elementos que originam a complexidade do tecido urbano, pág. 40 – *Fonte: fotografia da autora.*

FIGURA 3| Evolução do tecido urbano na cidade de Barcelona | pág. 42 – *Obtida em P. BRANDÃO, Espaço Público e a Interdisciplinaridade, 2000.*

FIGURA 4| Na construção da cidade, os três fatores Parcela (P), Urbanização (U) e Edificação (E), têm múltiplas formas de combinar-se no espaço e tempo, conferindo riqueza morfológica às cidades, pág. 44 – *Obtida em M. SOLÀ-MORALES, Las Formas de crescimento urbano, 1997, pág. 119.*

FIGURA 5| A evolução das cidades e o modelo do policentrismo na modernidade | pág. 45 – *Fonte: Cedric Price. Disponível em http://bigthink.com/strange-maps/534-the-eggs-of-price-an-ovo-urban-analogy.*

FIGURA 6| Sistema complexo de relações | pág. 46 – *Obtida em N. PORTAS (coordenador), Políticas Urbanas I, 2007, pág. 222.*

FIGURA 7| As transformações do espaço urbano | pág. 48 – *Obtida em N. PORTAS (coordenador), Políticas Urbanas I, 2007, pág. 168.*

FIGURA 8| Estratégia de reabilitação urbana de Lisboa | pág. 52 – *Disponível em http://slideplayer.com.br/slide/9977128/.*

FIGURA 9| Exemplo de microcirurgia urbana, pequenos projetos que fazem a diferença na regeneração da cidade | pág. 53 – *Disponível em http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/768156/microcirugia-urbana-primer-lugar-en-concurso-reinventar-mostoles-centro-espana.*

FIGURA 10| A imagem das ruas nos dias de hoje, do ponto de vista do peão | pág. 57 – *Fonte: Karl Jilg, Swedish Transport Administration. Disponível em http://www.sustainablecitiescollective.com/octaviusiii/1019971/how-we-allocate-street-space.*

FIGURA 11| Os benefícios do espaço público | pág. 58 – *Fonte: World Bank Staff. Disponível em http://blogs.worldbank.org/endpovertyinsouthasia/public-spaces-not-nice-have-basic-need-cities.*

FIGURA 12| Crescimento do espaço público no centro de Copenhaga entre 1962 e 1996 | pág. 60 – *Fonte: Jan Gehl. Disponível em: https://slowstreets.wordpress.com/2015/10/26/critical-elements-to-make-pedestrian-streets-work/copenhagen-stroget-zone-map-1996/.*

FIGURA 13| Exemplo de reabilitação de uma rua no centro histórico na Cidade do México, e a diferença de apropriação do espaço com a nova intervenção em 2014, face à anterior em 2009 | pág. 62 – *Fonte: Urb-i / Google Street View. Disponível em: http://www.urb-i.com/mexico-city?lightbox=dataItem-igr3i8u8.*

FIGURA 14| Perfis de rua tipo e esquema de exemplo, em que o piso térreo se apropria da rua, e a rua invade o espaço privado | pág. 63 – *Obtida em A. AMADO, A Rua Direita nas Cidades Portuguesas, 2012.*

FIGURA 15| Fatores que influenciam o sentido de lugar | pág. 64 – *Fonte: Project for Public Spaces. Disponível em https://www.pps.org/reference/grplacefeat/.*

FIGURA 16| Esquema funcional de uma *Woonerf*, pág. 67 – *Fonte: sem autor. Disponível em http://www.archrecon.com/2010/03/woonerf.html.*

FIGURA 17| Logotipos dos Projetos de Requalificação de Espaço Público em Lisboa, pág. 70 – *Fonte: CML. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico.*

FIGURA 18| Comparação entre a Praça do Saldanha antes (a) e depois (b) da intervenção do Projeto Pavimentar Lisboa, pág. 71 – *Fonte: (a) CML; (b) Nuno Correia. Disponível em (a) http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-09-05-Veja-como-Lisboa-vai-mudar; (b) http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/novo-eixo-central-de-lisboa-cidade-de-bairros.*

FIGURA 19| Materialidade de pavimentos nalgumas ruas de Lisboa, pág. 72 – *Fonte: fotografias da autora.*

FIGURA 20| Proposta para o espaço público na Praça do Saldanha, realizada no âmbito do projeto Pavimentar Lisboa, pág. 72 – *Fonte: CML. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/eixo-central.*

FIGURA 21| Tabela com projetos de referência consultados para realização e apoio do projeto, pág. 73 – *Fonte: realizada pela autora.*

(1) Disponível em http://b-k-k.com.au/projects/central-dandenong-lonsdale-street-redesign-and-upgrade.

(2) Disponível em http://inhabitat.com/stunning-open-air-library-pops-up-in-east-germany/.

(3) Disponível em http://www.stevenholl.com/projects/storefront-for-art-and-architecture.

(4) Disponível em http://www.thehighline.org.

(5) Disponível em http://www.landezine.com/index.php/2011/04/new-road-by-landscape-projects-and-gehl-architects/.

(6) Disponível em http://www.pbeb.it/index.php/riqualificazione-di-piazza-vittoria/.

(7) Disponível em http://www.resdochao.org.

(8) Disponível em http://www.lyon.fr/page/projets-urbains/plan-lumiere.html.

(9) Disponível em http://portoderio.pt/2016/02/11/parque-da-cidade/.

(10) Disponível em https://www.dragten.nl/dragtena/slides/Moleneind,%20Water%20is%20leven%202007.php.

(11) Disponível em http://www.landezine.com/index.php/2012/07/passeig-de-st-joan-boulevard-by-lola-domenech/.

(12) Disponível em http://www.publicspace.org/en/works/f250-passage-56-espace-culturel-ecologique.

(13) Disponível em http://www.publicspace.org/en/post/special-mention-2014-baana-pedestrian-helsinki-finland.

(14) Disponível em http://www.west8.nl/projects/madrid_rio/.

(15) Disponível em https://www.pps.org/places/streets/stroget/.

(16) Disponível em http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=764636&page=52&langid=6.

(17) Fonte: fotografia da autora.

(18) Disponível em http://wp.ferrater.com/?oab_proyecto=1028.

(19) Fonte: fotografias da autora.

(20) Disponível em http://www.publicspace.org/es/post/premio-ex-aequo-2014-el-valle-trenzado-elche-espana.

2. **CASO DE ESTUDO:** CAMPOLIDE

FIGURA 22| Cronologia temporal da história de Campolide, pág. 82-86 – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 23| O crescimento gradual da freguesia de Campolide, nos anos de 1936 – 1959 – 2012, respetivamente, sendo que a última figura é como se encontra hoje o limite administrativo, pág. 82 – *Fonte: montagem realizada pela autora, com recurso a imagens do LX-i.*

FIGURA 24| Aqueduto das Águas Livres sobre o vale de Alcântara, na década de 40, pág. 83 – *Fonte: Arquivo Fotográfico CML.*

FIGURA 25| (a) Comboio a Vapor na Estação de Campolide em 1925; (b) Elétricos na Rua Marquês da Fronteira, em 1960; (c) Estação de Campolide em 1962., pág. 84 – *Fonte: Arquivo Fotográfico CML.*

FIGURA 26| Edifícios devolutos, pág. 85 – *Fonte: fotografias da autora.*
FIGURA 27| Topografia: (a) mapa de altimetria; (b) mapa de declives, pág. 86 – *Fonte: realizada pela autora, com recurso ao ArcGis.*
FIGURA 28| Estrutura etária dos edifícios, por ano de construção (baseado no Censo 2011), pág. 87 – *Fonte: realizada pela autora, com base no Censo de 2011.*
FIGURA 29| Notícia acerca de uma votação que ocorreu, a favor ou contra de manter a calçada em Campolide, pág. 87 - *Fonte: Jornal Público. Disponível em https://www.publico.pt/2015/03/06/local/noticia/moradores-de-campolide-decidiram-615-quer-substituir-a-calcada-1688254.*
FIGURA 30| Sistema viário da cidade de Lisboa, e a sua relação com a freguesia de Campolide, pág. 88 – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 31| Estacionamento abusivo em todos os passeios e ruas da freguesia, não permitindo o conforto e acessibilidade pedonal, pág. 88 – *Fonte: fotografia da autora.*
FIGURA 32| Perfil transversal, exemplificando as pendentes acentuadas que caracterizam os vales e encostas, pág. 90 – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 33| Análise SWOT, pág. 90 – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 34| Esquisso representativo da problemática, em que as barreiras envolvem ilhas de tecidos urbanos por consolidar*, pág. 91* – *Fonte: realizado pela autora.*
FIGURA 35| Exemplos de barreiras criadas pelas infraestruturas, pág. 91 – *Fonte: fotografias da autora.*
FIGURA 36| Análise de elementos urbanos que caracterizam a imagem de Campolide, pág. 92 – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 37| Arco do Aqueduto das Águas Livres, pág. 92 – *Fonte: fotografia da autora.*
FIGURA 38| Diagramas de análise do tecido urbano: coluna (a) Cheio/Vazio; coluna (b) Público/Privado*, pág. 93* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 39| Análise do PDM: Uso do Solo*, pág. 97* – *Fonte: realizada pela autora, através do PDM.*
FIGURA 40| Planos em vigor*, pág. 98* – *Fonte: realizada pela autora, com recurso a Ortofotomapa do ArcGis.*
FIGURA 41| Planta de apresentação da proposta para o Plano de Pormenor do Campus de Campolide*, pág. 99* – *Fonte: Plano de Pormenor do Campus de Campolide.*
FIGURA 42| Estabelecimento Prisional de Lisboa, em 1913*, pág. 100* – *Fonte: Arquivo Fotográfico CML.*

FIGURA 43| Planta de apresentação do Plano de Pormenor da Av. José Malhoa, *pág. 101* – *Fonte: Plano de Pormenor da Av. José Malhoa.*
FIGURA 44| Planta de apresentação do Plano de Pormenor da Artilharia Um, *pág. 103* – *Fonte: Plano de Pormenor da Artilharia Um.*
FIGURA 45| Planos em elaboração, *pág. 104* – *Fonte: realizada pela autora, com recurso a Ortofotomapa do ArcGis.*
FIGURA 46| Planta de localização do Plano de Pormenor da Quinta da Bela Flor, *pág. 105* – *Fonte: Plano de Pormenor da Quinta da Bela Flor.*
FIGURA 47| Unidade de Execução da Praça de Espanha, *pág. 106* – *Fonte: Unidade de Execução da Praça de Espanha.*
FIGURA 48| Edifcios nas encostas instáveis do Vale de Alcântara, *pág. 108* – *Disponível em http://orlandoduarte.blogspot.pt/2009/04/requalificacao-do-b-da-liberdade.html.*
FIGURA 49| Localização do Bairro da Liberdade e Serafina, à direita e à esquerda do Aqueduto, respetivamente, *pág. 108* – *Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:2010-03-07_14_04_46_Portugal-Sete_Rios.jpg.*
FIGURA 50| Edifício do antigo Laboratório e Farmácia militar, pág. 109 – *Fonte: fotografia da autora.*
FIGURA 51| Unidade de Execução Conde Nova Goa, *pág. 110* – *Fonte: Unidade de Execução Conde Nova Goa.*

3. PROJETO

FIGURA 52| Estratégia do Plano Urbano com 2,77 km^2 de área, *pág.116* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 53| Proposta de Plano Urbano, *pág.117* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 54| Planos de Pormenor estratégicos para a intervenção à escala macro, *pág. 118* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 55| Planta Índice de intervenção através de PPs, *pág. 118* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 56| Usos propostos para o PP do Campus de Campolide, *pág. 119* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 57| Proposta do PP da Praça de Espanha, *pág. 120* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 58| Permeabilidade entre pisos térreos na proposta do PP da Artilharia Um, *pág. 121* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 59| Proposta do PP da Artilharia Um*, pág. 121 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 60| Proposta de intervenção para o PP da Quinta da Bela Flor*, pág. 121 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 61| Render da proposta para o parque urbano da Quinta da Bela Flor, integrado no projeto do Corredor Verde do Vale de Alcântara*, pág. 122 – Fonte: CML. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/corredores-verdes/vale-de-alcantara.*
FIGURA 62| Escadinhas da Liberdade em 1945*, pág. 122 – Fonte: Arquivo Fotográfico CML.*
FIGURA 63| Exemplo de uma maratona anual que ocorre no Aqueduto, um uso que nos parece pertinente para dinamizar o monumento*, pág. 123 – Disponível em www.ammamagazine.com*
FIGURA 64| Proposta para o Plano de Pormenor do Bairro da Liberdade e Serafina*, pág. 123 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 65| Proposta para o PP da Estação de Campolide*, pág. 124 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 66| Proposta para a Estação de Campolide, projeto que irá integrar o Corredor Verde do Vale de Alcântara*, pág. 124 – Fonte: CML. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/corredores-verdes/vale-de-alcantara.*
FIGURA 67| Planta de proposta para o PP Conde Nova Goa*, pág. 125 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 68| Desenho de Proposta de Edifícios no PP Conde Nova Goa*, pág. 125 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 69| Maquete de estudo realizada para os edifícios de comércio e serviços propostos para o PP Conde Nova Goa*, pág. 125 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 70| Esquisso de proposta para uma ARU, num interior de quarteirão público que se encontra obsoleto, reativando o antigo mercado e criando espaço público*, pág. 126 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 71| Desenho da proposta para a mesma ARU referida na figura anterior, *pág. 126 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 72| Áreas de Reabilitação Urbana, que atuam a uma escala micro na estratégia do Plano Urbano*, pág. 127 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 73| Planta Índice de intervenção através de ARUs*, pág. 127 – Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 74| Desenho de ambiente exemplificativo de intervenção num projeto de Espaço Público, *pág. 127 – Fonte: realizada pela*

autora.

FIGURA 75| Planta de Projetos de Espaço Público, *pág. 128* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 76| Planta Índice de intervenção através de PEPs*, pág. 128* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 77 | Diagrama ilustrativo da análise da rua de Campolide, e as cinco realidades distintas que a caracterizam, *pág. 132* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 78| Estratégia do programa Uma Praça em Cada Bairro, para a nova Rua de Campolide, *pág. 132* – *Fonte: CML. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/rua-de-campolide.*

FIGURA 79| Passeios da Rua de Campolide, com dimensões desadequadas, sem lancil de separação entre este e a via e com excesso de obstáculos no percurso, *pág. 133* – *Fonte: fotografias da autora.*

FIGURA 80| Estratégia e princípios de intervenção do projeto Pavimentar Lisboa, *pág. 133* – *Fonte: CML.*

FIGURA 81| Falta de mobiliário urbano traduzida na falta de conforto, *pág. 134* – *Fonte: fotografias da autora.*

FIGURA 82| Planta de levantamento funcional dos pisos térreos e número de pisos dos edifícios da Rua de Campolide, *pág. 134* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 83| Metodologia: levantamento de todos os pisos térreos da Rua de Campolide, *pág. 136* – *Fonte: (a) Arquivo Municipal da CML; (b) realizada pela autora.*

FIGURA 84| Esquisso representativo da proposta de intervenção na Rua de Campolide, *pág. 136* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 85| Planta e Alçado Poente da proposta da Rua de Campolide, *pág. 137, 138, 139* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 86| Render da zona de exceção da galeria da Rua de Campolide, *pág. 139* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 87| Pormenores construtivos da calçada e pavimento confortável UniLisboa, propostos para a rua, *pág. 140 pág.* – *Fonte: realizada pela autora.*

FIGURA 88| Espaço residual da Rua de Campolide, onde se acumula lixo, e onde propomos o remate destes dois muros cegos com a implementação de um quiosque, desenhado na proposta da Rua, *pág. 141* – *Fonte: fotografias da autora.*

FIGURA 89| Render da zona de exceção representada nas fotografias acima, onde é proposto um quiosque na Rua de

Campolide, *pág. 141* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 90| Diagrama conceptual dos espaços de exceção e espaços de cruzamento a resolver na proposta, *pág. 141* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 91| Render da Rua de Campolide, num ambiente de comércio e mercado temporal, *pág. 142* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 92| Render da praça criada na Rua de Campolide, equipada com esplanada e zonas de estar, *pág. 142* – *Fonte: realizada pela autora.*
FIGURA 93| Diagrama em esquisso do diálogo proposto entre os pisos térreos da rua e o espaço público: (a) limites da rua; (b) espaço público apropria-se dos pisos térreos; (c) o edificado e as suas funções ocupam a rua, *pág. 142* – *Fonte: realizada pela autora.*

CONCLUSÃO

FIGURA 94| Análise da percentagem de m^2 para peões e para veículos, antes e depois da intervenção proposta neste trabalho, *pág. 147* – *Fonte: realizada pela autora.*

LISTA DE ABREVIATURAS

AML – Área Metropolitana de Lisboa
ARU – Área de Reabilitação Urbana
CML – Câmara Municipal de Lisboa
EMEL – Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento
EPL – Estabelecimento Prisional de Lisboa
IGT – Instrumento de Gestão Territorial
IPO – Instituto Português de Oncologia de Lisboa
PDM – Plano Diretor Municipal
PP – Plano de Pormenor
PU – Plano Urbano
RERU – Regime Excecional para a Reabilitação Urbana
UE – Unidade de Execução
UOP – Unidade Operativa de Planeamento

TECIDOS URBANOS COMPLEXOS

O caso de Campolide:
o Espaço Público como motor da Reabilitação Urbana

INTRODUÇÃO

O tema “Tecidos Urbanos Complexos” surge como tentativa de explorar a densidade dos ambientes da cidade, estudando de que forma podem ser intervencionados. Ao analisar alguns ambientes urbanos, é percetível que muitos destes se encontram fragmentados, faltando-lhes coerência e unidade entre espaços, seja por falta de planeamento, devido a crescimentos não acompanhados, ou porque se encontram delimitados por barreiras e pouco acessíveis. Procura-se entender quais as características que compõe estes tecidos, e de que forma pode haver uma gestão positiva ou negativa dos mesmos, que se irá refletir nas vivências e organização da cidade. Procura-se também entender qual a capacidade do espaço público enquanto motor para a reabilitação urbana, através do uso de uma rede conectada de intervenções, em áreas de cidade consolidada, analisando os vazios urbanos, zonas de conexão fragmentadas, de forma a unificar e criar unidade entre os tecidos. Numa dinâmica em que o espaço público dá um pouco de si ao espaço privado, da mesma forma que este se apropria da cidade envolvente. Com isto, espera-se unificar as vivências urbanas, coletivas ou individuais, através de uma solução para um projeto de espaço público, que está em constante diálogo com o espaço privado; e, assim, contrariar a fragmentação deste tipo de tecidos urbanos.

Este tema surge pelo desenvolvimento do desafio lançado na disciplina de Laboratório de Projeto VI. O local de intervenção distingue-se por ser uma zona extremamente fragmentada e desconsolidada da cidade de Lisboa: a freguesia de Campolide. Esta zona não tem uma organização funcional evidente, sendo constituída por uma zona consolidada, embora com várias carências para o seu funcionamento como bairro, e por outras zonas adjacentes fragmentadas com descontinuidades a diferentes níveis.

Campolide não está integrada na cidade como deveria, acabando este facto por desvalorizar a freguesia, que poderia ser um foco de vida e comércio. Devido a estas características, sente-se a necessidade de devolver esta zona à cidade de Lisboa. Uma vez que a sua localização é bastante privilegiada e que, para além das oportunidades existentes no local, seria importante restituir as vivências da nossa cidade, especialmente aos usuários locais.

Este Projeto Final de Mestrado tem como principal propósito o aprofundamento teórico e conceptual da temática a desenvolver. Os principais objetivos deste trabalho são: o estudo da organização das cidades e das características que definem um tecido urbano complexo; entender o espaço público existente e a sua organização na cidade; a compreensão das tipologias de tecido urbano que permitem uma relação entre os espaços públicos e privados; entender quais são os fatores necessários para a regeneração dos tecidos de uma cidade; investigar de que forma podem relacionar-se espaços públicos com espaços de carácter privado; analisar de que forma estes conhecimentos se aplicam na área de Campolide; projetar diversas formas de interligação entre espaço público e as estruturas privadas da cidade consolidada; analisar de que forma pode o espaço público regenerar a cidade consolidada, aumentando a qualidade de vida dos seus atores; e por fim, ensaiar uma proposta de desenho para um projeto de espaço público que desenvolva todos os objetivos referidos anteriormente, para este Projeto Final de Mestrado.

A questão de partida que origina o tema escolhido, tem como base a procura da relação do espaço público com os tecidos urbanos complexos:

De que forma pode, o espaço público, através da reabilitação urbana, motivar a regeneração dos tecidos

urbanos complexos? De que forma podem, diferentes tipos de reabilitação coordenados, melhorar a cidade?

Os conceitos estudados teoricamente serão fundamentados através do desenvolvimento da componente prática e da sua concretização enquanto projeto. A abordagem deste tema será realizada através de uma investigação qualitativa, embora com recurso a técnicas quantitativas, ao longo do desenvolvimento do trabalho. Como suporte teórico, serão utilizadas referências bibliográficas, procurando sustentar os conceitos a desenvolver, através da análise e investigação das mesmas.

A metodologia a utilizar será a de projeto de referência, sendo proposta a análise de um projeto nacional, como os projetos de espaço público que se têm vindo a desenvolver na cidade de Lisboa atualmente, e um conjunto de outros, que se relacionem com a problemática do espaço público, tendo em vista, a solução que queremos apresentar no projeto. Para tal, será necessário recorrer a pesquisa de bibliografia e observação *in-loco*, para que possamos retirar alguns exemplos em que se verifiquem os conceitos a desenvolver e a sua relação com o local em estudo, explorando como estes foram integrados e a resposta dada a estas intervenções.

Após a consolidação do enquadramento teórico, será então relacionada a problemática com o caso de estudo: a freguesia de Campolide. Paralelamente à investigação teórica, será desenvolvido este mesmo caso de estudo, onde se propõe, inicialmente, a análise dos elementos de caracterização da área a tratar, através da recolha de dados e a respetiva análise do contexto urbano, natural e histórico, em que se enquadra a proposta, tentando responder à questão de partida e aos objetivos traçados primeiramente. Nesta fase estão incluídos o diagnóstico SWOT e a recolha e tratamento de dados estatísticos. A partir destes dados será feita uma comparação do sítio com a problemática, de

maneira a entender de que forma esta se aplica no local. Parcialmente, deve ainda ser feita a recolha e análise de bibliografia, que sustente os primeiros conceitos do nosso trabalho, sendo que esta pesquisa deve continuar até ao momento final do trabalho.

Posteriormente, dando início ao projeto urbano, deve ser realizado o estudo de várias hipóteses para a resolução da problemática, com recurso a ferramentas de trabalho como o desenho e modelos tridimensionais. De seguida, devemos partir para o início da definição da estratégia urbana que integre e relacione os conceitos, as problemáticas e os objetivos propostos para a zona.

Após a fase da estratégia urbana, devemos começar por definir uma área cada vez menor e mais pormenorizada, definindo os planos de pormenor, e a partir destes, começar o desenvolvimento da escala micro, terminando num projeto de espaço público. Em forma de conclusão, deve ser explorada, já numa escala de pormenor, a questão das materialidades, estudando a sua utilização na proposta. E, finalmente, as peças finais, que se traduzem na comunicação do projeto e na redação do relatório escrito

1. PROBLEMÁTICA TEÓRICA

|1.1| Estado do Conhecimento

O estado da arte encontra-se dividido em **três** partes distintas, considerando as intenções de projeto e o seu desenvolvimento. De acordo com a problemática proposta, considerámos importante estudar a cidade e algumas das características mais relevantes que a complexificam. Como ponto de partida, pretendemos estudar a interação dos fatores descritos neste trabalho, com a forma da cidade. O segundo ponto passará por entender, de que forma pode, a reabilitação urbana, servir como motor para uma solução à problemática apresentada. Por último, considerámos relevante entender qual o papel da rua na cidade, como unificador espacial, percurso e espaço público.

|1.1.1| Tecido Urbano Complexo

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, a palavra **tecido** significa “que foi urdido, preparado, tramado; arranjado convenientemente; parte sólida dos corpos organizados; disposição; conjunto; conjunto das células de um organismo que partilham a mesma função”. Também tecer, como verbo da palavra anterior, significa “compor ou planear algo que exige trabalho, atenção ou imaginação”. A mesma fonte define **urbano** como “relativo à cidade; afável, cortês, civilizado”. E por fim, **complexo**, “que não é simples; complicado; que tem complemento; conjunto de coisas ligadas por um nexo comum; que encerra várias coisas ou ideias”.

O conceito de tecido urbano é frequentemente utilizado ao analisar a cidade existente, e comparando todos os componentes da mesma, com a textura e composição de um têxtil. Segundo Pierre Merlin, tecido urbano é "(...) uma expressão metafórica, assimilando as células construídas e os vazios de um meio urbano à trama dos fios de um têxtil."; "(...) é a expressão física da forma urbana. É constituído pelo conjunto dos elementos físicos que a constituem – o sítio, a rede viária, a divisão cadastral, a relação entre os espaços construídos e livres, a dimensão, a forma e o estado das construções – e pelas relações estabelecidas entre estes elementos (...)" (**MERLIN** citado por **DIAS COELHO**, 2014a, p.14).



FIGURA 1 |
Tecido urbano de diferentes cidades no Mundo

As cidades contemporâneas são um processo do passado, do presente e do futuro. Como tal, além de mal planeadas estarão sempre inacabadas. “Herdamos umas tramas, construímos outras, algumas degradam-se com o uso, outras adaptam-se a novos usos.” (**BRANDÃO**, 2000, p.81). O tecido urbano do presente é a fusão de traçados distintos, nomeadamente o antigo, cidade construída que é herdada, em confronto com o novo, proposta ou projeto de alteração da mesma. Viegas (2007) define a cidade contemporânea como ambígua e complexa, sendo mais difícil de governar. As áreas urbanas são sistemas dinâmicos e complexos que refletem os processos e transições das forças físicas, sociais, ambientais e económicas, sendo também estes os geradores de muitas das mudanças ocorridas nas cidades.[1]

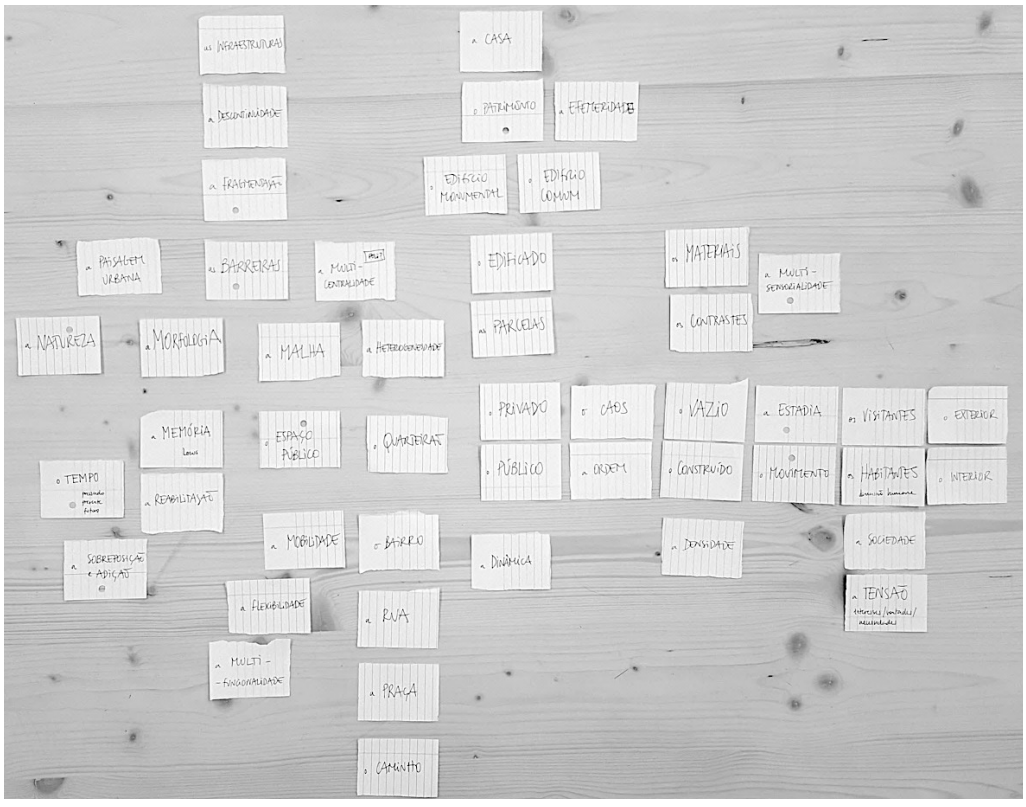


FIGURA 2 |
Elementos que originam a complexidade dos tecidos urbanos

[1] “Urban areas are complex and dynamic systems. They reflect the many processes that drive physical, social, environmental and economic transition and they themselves are prime generators of many such changes.” (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.9).

A cidade renova-se e transforma-se constantemente com o tempo, o que a torna num objeto imperfeito, não podendo nunca ser vista como uma obra finalizada. Segundo Matthew Carmona, citando a autora Jane Jacobs, a cidade nunca poderá ser uma peça de arte, pois esta é a vida no seu sentido mais vital, complexo e intenso.[2] Quando afirmamos que a cidade é imperfeita, esta não deve ser julgada como tendo um defeito, mas sim como sendo composta por várias características distintas que são o que lhe confere autenticidade. Cada cidade é uma cidade, pois de cada uma resultam vivências próprias e identitárias. A cidade imperfeita é genuína e autêntica. Segundo Bernardo Secchi, hoje em dia a cidade e o território parecem ser atravessados por inúmeras tendências, cada uma das quais encontra explicações que ajudam a decifrar o passado e a construir o futuro.[3]

O tecido urbano é a impressão digital de cada cidade, nele está traduzido o conjunto de toda a cidade física, seja a morfologia, o construído, o vazio, o edificado, as parcelas, o público ou privado, a memória, tudo o que a compõe e torna especial. Este conjunto de características conferem ao tecido urbano a identidade, complexidade e diversidade. "É a diversidade física dos tecidos que em grande medida confere a riqueza formal às cidades." (**DIAS COELHO**, 2014a, p.17). Toda esta diversidade de tempo e espaço contraria a monotonia, conferindo riqueza formal às cidades, esta riqueza é o que chamamos de complexidade urbana. Também os contrastes proporcionam e potenciam esta complexidade uma vez que a "(…) diversidade de categorias, climas ambientais, estilos e materiais de construção, permite a criação de situações urbanas extraordinariamente

[2] "Jane Jacobs – whose book The Death and Life of Great American Cities (…) arguing that the city could never be a work of art (…) was 'life at its most vital, complex and intense' (1961, p.386)." (**CARMONA**, et al., 2003, p.7).

[3] "Today, city and territory appear to be traversed by numerous trends, each of which finds explanations that help to decipher the past and build the future." (**SECCHI**, 2007, p. 277).

expressivas através do relacionamento de todos esses fatores." (**CULLEN**, 1983, p.81).

O tempo é a uma das variáveis com mais importância na identidade e na forma de uma cidade. É este que permite a criação da memória do lugar pois "A cidade consolidada é um palimpsesto de memórias sobrepostas e estratificadas que condicionam ou limitam as possibilidades de transformação das suas áreas obsoletas ou vazios." (**PORTAS**, 2007, p.96). Estas permitem o descodificar das fases da cidade, do construído sobre o construído, as sobreposições, adições e justaposições. "Os ambientes mais ricos da cidade são também os mais antigos" (**JUSTO**, 2014, p.51). Também François Ascher defende que estamos especialmente ligados aos lugares mais antigos, pois estes apresentam maior urbanidade face àqueles que a sociedade dos dias de hoje produz. (**ASCHER**, 2010, p.19). O traçado

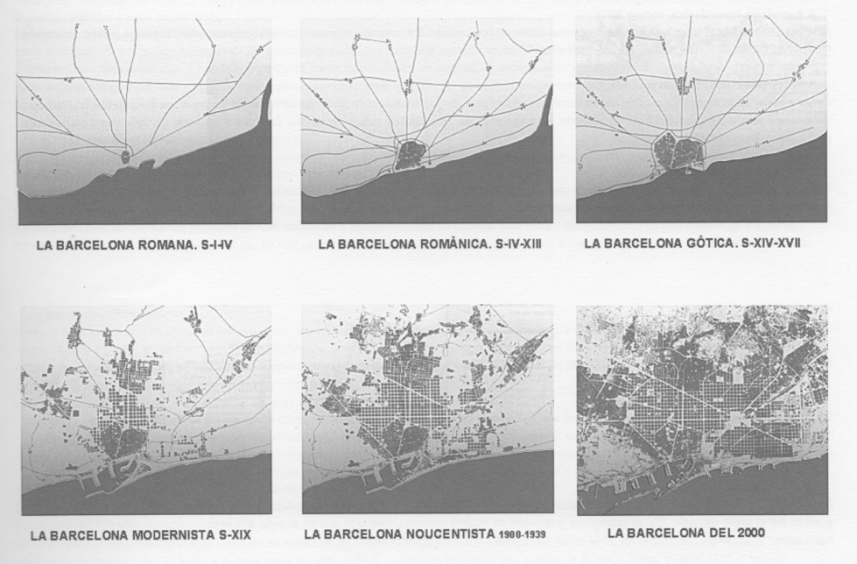


FIGURA 3 |
Evolução do tecido urbano na cidade de Barcelona

urbano é uma rede de acumulação de ruas, edifícios, parcelas e malhas existentes, criada através da sobreposição no espaço, e gradualmente desenvolvida em função do tempo. "A sobreposição da nova malha ortogonal atribui as velhas ruas e caminhos um carácter compositivo excepcional, (…), a cristalização de um momento de história do sítio que se ajustou naturalmente às vivências de

contemporaneidade.“ (**JUSTO**, 2014, p.53). A compreensão de uma cidade, parte sobretudo de um olhar analítico, que permita desmembrar as várias partículas multidisciplinares que a compõe. “É a cidade que se herda, que se vai voltar a reinterpretar, depositando ou removendo partes de si.” (**DIAS COELHO**, 2014a, p.10). Para além do *Locus* da cidade, é a partir do tempo que podemos estudar o objeto urbano do ponto de vista físico, através das suas três dimensões, que em conjunto conferem o volume; ou a partir da variável tempo, que nos atribui a quarta dimensão: o movimento.

A morfologia é outro aspeto fundamental que nos ajuda a compreender esta problemática, pois é a grande responsável pela compartimentação ou conexão de diferentes espaços nas cidades. “A riqueza morfológica do traçado de uma cidade advém sobretudo da existência de partes distintas.” (**FERNANDES**, 2014a, p.38). Estas partes distintas realmente conferem autenticidade às cidades, por serem únicas e especificamente diferentes em cada contexto que as envolve. Por partes distintas entendemos os elementos que caracterizam morfologicamente uma cidade como encostas, vales ou por exemplo, colinas. É graças a estas características que obtemos espaços tão singulares como miradouros com vistas panorâmicas sobre as cidades, parques que se desenvolvem ao longo de vales longos e contínuos, ou mesmo arruamentos com uma pendente acentuada, mas que transportam neles vivências genuínas e irrepetíveis.

Outro elemento principal para a produção do tecido urbano é a parcela, “Para Manuel Solà-Morales (1997) a produção de tecido resulta das múltiplas combinações entre parcelamento, urbanização (infraestruturação) e edificação. Em consonância está Phillipe Panerai (2006[1999]), colocando as variáveis rede viária, parcelário e edificações como elementos fundamentais para a conceção do tecido urbano.” (**LEITE**, 2014, p.146). A parcela é também uma das

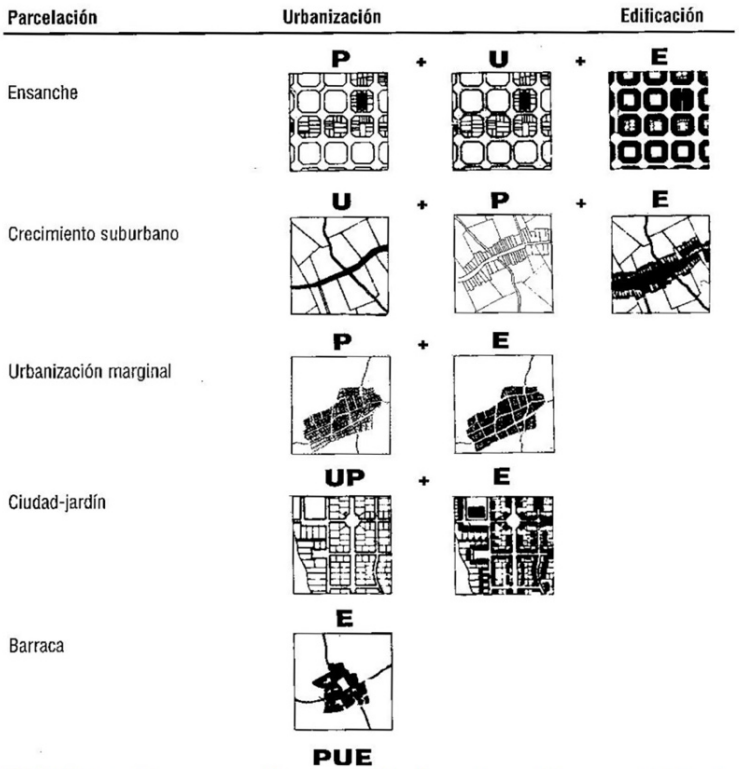


FIGURA 4 |
Na construção da cidade, os três fatores Parcela (P), Urbanização (U) e Edificação (E), têm múltiplas formas de combinar-se no espaço e tempo, conferindo riqueza

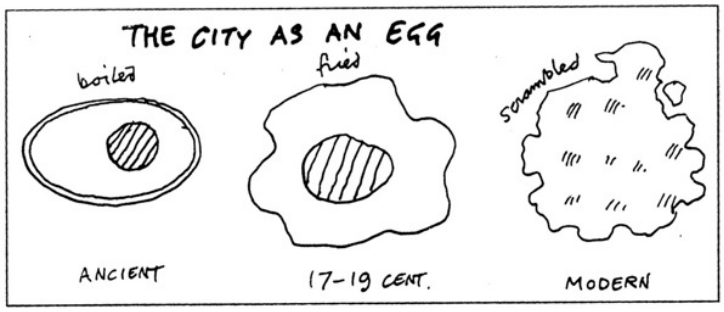
principais responsáveis pela deformação do tecido urbano, uma vez que é gerada tensão no movimento entre espaços privados e públicos. "(...) o cenário urbano é produzido segundo movimentos próprios, individuais, orientando-se por interesses autónomos que vão compondo e construído uma forma urbana." (**LEITE**, 2014, p.161). Qualquer porção de tecido urbano é definida por uma dinâmica particular e identitária uma vez que é composta por distintas parcelas privadas, que sendo de carácter autónomo, se definem através de interesses próprios, e por uma parcela que coze e estrutura as anteriores que, no caso da cidade ocidental, é o espaço público. "Os seus diferentes modos de agregação constituem as unidades privadas - quarteirões - que colaboram na definição de limites entre o espaço público e privado da urbe." (**LEITE**, 2014, p.146).

A sociedade é outro fator de análise da composição de um tecido urbano complexo, pois todas as ações da sociedade serão refletidas no espaço onde esta habita. "As

formas das cidades, quer tenham sido pensadas de raiz quer sejam o resultado mais ou menos espontâneo de diversas dinâmicas, cristalizam e refletem as lógicas das sociedades que acolhem." (**ASCHER**, 2010, p.22).

Segundo François Ascher, o conceito de *Meta(polis)* é a cidade completa, com diversidade social e de formas urbanísticas que satisfaçam as necessidades dos habitantes, onde estes possam viver, crescer e mudar. Este é o conceito que acentua "a transversalidade (…) que caracteriza a cidade; plural acentuando a diversidade, a complexidade, em vez da uniformidade (…)." (**ASCHER**, 2010, p.12). A mudança é um acontecimento inevitável, embora benéfico, para uma cidade. É inevitável pois as forças políticas, sociais, económicas e ambientais geram constantemente novas exigências e oportunidades para o progresso económico e cívico; é benéfico porque é através destas que permite a inovação e traz oportunidades para a melhoria das áreas urbanas e qualidade de vida.[4] O modelo de um centro para cada cidade está ultrapassado, e a cidade contemporânea não tem apenas um centro, é definida pelo policentrismo, que confere à cidade vários focos vitais, com diversidade

FIGURA 5 |
A evolução das cidades e o modelo do policentrismo na modernidade



[4] "Towns and cities change over time, and this process of change is both inevitable and can be viewed as beneficial. It is inevitable because the operation of the political, economic and social systems constantly generates new demands and present fresh opportunities for economic progress and civic improvement. It is beneficial because, although many may deny it, the very existence of these substantial forces of change creates opportunities to adjust and improve the condition of urban areas. As Mumford argued, 'in the city, remote forces and influences intermingle with the local: their conflicts are no less significant than their harmonies.' (Mumford, 1940, p.4)." (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.11).

funcional e adaptabilidade. As dinâmicas de polarização dividem o antigo (centro histórico) em vários novos centros.

Jogando com todos os fatores descritos, nem todas as cidades conseguem gerir as suas características, de forma a que respondam positivamente, na qualidade de vida de quem as habita. Todas as cidades são diferentes, e um tecido urbano, por mais complexo que seja, pode não estar bem resolvido. “A realidade urbana das cidades é uma cidade emergente, genérica, extensiva, dispersa, difusa, descontínua, fragmentada, mosaico” (**PORTAS**, 2007, p.17). A complexidade do traçado pode traduzir-se em fragmentação, descontinuidade, descaraterização ou até mesmo falta de alma: “Hoje em dia o ambiente construído encontra-se totalmente fragmentado em zonas desconexas: casas para um lado, árvores para o outro, zonas totalmente desligadas umas das outras, (...)” (**CULLEN**, 1983, p.55). Todos os espaços da cidade necessitam de uma coesão histórica, física, social, funcional; necessitam de um fio condutor que lhes permita alimentarem-se uns aos outros, e não apenas existir, lado a lado, sem qualquer conexão. “O espaço da cidade não se produz por uma simples adição entre peças isoladas, mecanicamente alimentadas por redes infraestruturais, coladas ou ligadas por elementos pontuais de interface. Na realidade, os diversos elementos permeiam-se mutuamente, ultrapassam os limites espácio-funcionais de cada elemento, definem tramas, ora mais finas, ora mais encorpadas, que tecem, com relativa continuidade o território urbanizado” (**SANTOS**, 2014, p.110). A morfologia pode ser um dos principais fatores, no que toca a definir o traçado das cidades, “(...) quando o relevo envolvente é muito acentuado, produz-se um fenómeno de corte que impede o desenvolvimento do traçado e reforça a sua separação com a envolvente” (**FERNANDES**, 2014a, p.39), provocando a “(...) descontinuidade das malhas por dificuldade de articulação direta entre os traçados (...)” (**FERNANDES**, 2014a, p.45). A fragmentação de uma cidade pode dar-se a

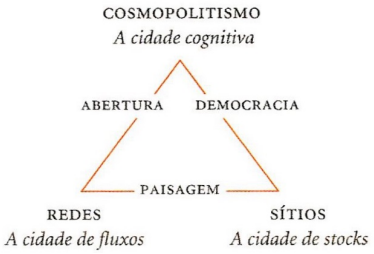


FIGURA 6 | *Sistema complexo de relações*

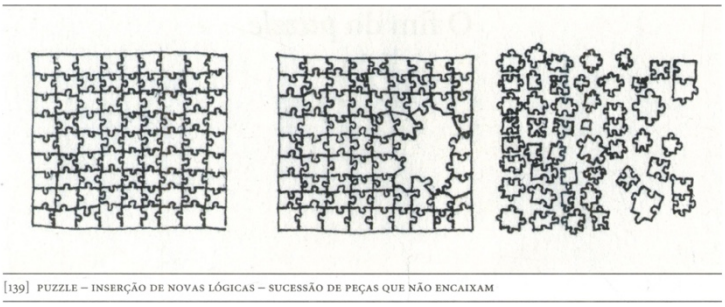
diferentes níveis: físico, funcional e social. Esta fragmentação pode ser vista como uma oportunidade, e não como um obstáculo ou um erro.[5]

"A cidade estrutura o espaço e o tempo da vida quotidiana na diversidade dos territórios e modos de apropriação que temos no dia-a-dia. Uma cidade sem equipamentos de suporte à vida quotidiana, com espaços recortados e guetizados, sem relação entre si, com deficientes condições de mobilidade e acessibilidade, e ainda com degradação sucessiva de fatores identitários, é uma cidade sem qualidade." (**GUERRA**, 2007, p.241). A cidade e a qualidade são dois fatores que não devem ser independentes. Uma cidade sem qualidade não permite a apropriação simbólica e funcional do espaço, resultando no distanciamento social e dando espaço ao fechamento dos grupos sociais. Segundo Carmona, as quebras da qualidade urbana existem: onde a continuidade foi interrompida; nos espaços residuais; na separação que divide distintos universos sociais; nos espaços por desenvolver ou onde a evolução fragmentou o tecido[6]. A fragmentação social dá-se quando acontece o "isolamento voluntário das classes superiores e a proliferação de bairros degradados", geralmente "fruto de realojamentos pouco cuidadosos" (**GUERRA**, 2007, p.245). Hoje em dia "(…) o bairro é muito menos o lugar de integração das relações de amizade, familiares, profissionais, cívicos; os vizinhos mais próximos são cada vez menos os amigos (…). O local muda de natureza e de sentido: é cada vez mais escolhido e abrange apenas realidades sociais fragmentárias." (**ASCHER**, 2010, p.63).

[5] "A fragmented city is an opportunity not an obstacle, nor a mistake. (**SECCHI**, 2007, p.283).

[6] "(...) the gaps in the urban form, where overall continuity is disrupted; the residual spaces left undeveloped, underused or deteriorating; the physical divides that purposely or accidentally separate social worlds; the spaces that development as passed by or where new development creates fragmentation and interruption." (**CARMONA**, et al., 2003, p.12).

"Fabricar cidade é (…) ter em consideração esta diversidade de situações, de espaços, de modos de vida." (**ASCHER**, 2010, p.107). Uma cidade que seja incaracterística e monótona, não está a cumprir devidamente a sua função pois as cidades devem dar aos seus habitantes e visitantes a liberdade de escolher por onde se perder e conhecer partes distintas e incomuns. Porque a cidade é o inesperado, o contínuo, o *puzzle* composto por partes totalmente diversas, mas que formam um todo encaixado perfeitamente por peças diferentes. "É obvio que nem tudo o que se designa por cidade é homogéneo, regrado, compacto ou denso – atributos vulgarmente tidos por citadinos (...)" (**PORTAS**, 2011, p.163). "As cidades contemporâneas são assim profundamente heterogéneas, refletindo uma



[139] PUZZLE – INSERÇÃO DE NOVAS LÓGICAS – SUCESSÃO DE PEÇAS QUE NÃO ENCAIXAM

FIGURA 7 |
As transformações do espaço urbano

sociedade complexa e de indivíduos com aspirações e com práticas múltiplas. Colocam problemas de urbanismo muito diferentes e necessitam de soluções adaptadas a contextos variados." (**ASCHER**, 2010, p.105). Estes problemas devem ser resolvidos com mais criatividade, de forma a acompanhar a complexidade da sociedade que a cidade alberga, as soluções não se enquadram na simples continuidade do edificado e densidade, como nos tempos passados, mas sim numa lógica de diversidade e versatilidade dos espaços urbanos.

|1.1.2| Reabilitação Urbana

Segundo a Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa 2011/2024, **reabilitação urbana** é "a forma de intervenção integrada sobre o tecido urbano existente, em que o património urbanístico e imobiliário é mantido, no todo ou em parte substancial, e modernizado através da realização de obras de remodelação ou beneficiação dos sistemas de infraestruturas urbanas, dos equipamentos e dos espaços urbanos ou verdes de utilização coletiva e de obras de construção, reconstrução, ampliação, alteração, conservação ou demolição dos edifícios."

Hoje em dia, as cidades sofrem de uma degradação progressiva no que toca aos seus edifícios, espaços exteriores ou qualquer outra estrutura urbana. A reabilitação urbana é a "qualificação dos espaços públicos existentes, ao nível dos pavimentos, iluminação e vegetação; cozer e cerzir espaços existentes através da criação de novas ligações; reconversão de áreas obsoletas (zonas industriais/expectantes); recuperação de equipamentos urbanos polarizadores e a sua integração nas novas estratégias urbanas." (**BRANDÃO**, 2000, p.27).

O abandono, o excesso de uso, o envelhecimento ou o mau planeamento, são algumas das causas para que os espaços da cidade entrem em decadência. "(...) hoje em dia, na cidade histórica, os lugares vazios procuram novos programas que sejam compatíveis com os seus condicionamentos patrimoniais ou de acesso (...)" (**PORTAS**, 2007, p.18). Devido a estes fatores, foi preciso balançar as perdas de uso de tecido urbano, com a construção de novos espaços. Deste balanço surge a reabilitação urbana, uma fusão do antigo com o novo, racionalizando recursos. Ao "reciclar" os espaços que já não têm qualquer uso, dando-lhes uma nova vida, muitas vezes beneficiamos com o que estes eram, jogando com as oportunidades do que podem vir a ser. Apenas alterando o uso dos edifícios, conseguimos obter uma diferença radical, estes renascem do interior para o exterior, modificando o ambiente urbano onde estão inseridos.[7] A reabilitação urbana deve acontecer "Quando os edifícios chegarem ao fim da sua vida física e tiverem forçosamente que ser substituídos." (**DIAS COELHO**, 2014a, p.18), seja isto por mudança de ideologia ou por "morte" do edificado[8], uma vez que até os objetos arquitetónicos são

[7] "Rehabitar significa el predominio del interior sobre el aspecto exterior." *in Rehabitar en nueve episodios* (**MONTEYS ROIG**, 2012, p.13).

[8] "One of the most obvious manifestations of the 'urban problem' is the physical obsolescence of many parts of our towns and cities." (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.27).

efémeros, estando em constante renovação.

Assim a reabilitação vem solucionar um problema através da "capacidade de reinterpretação de elementos que (…) perderam o seu interesse ou sentido de existência." (**DIAS COELHO**, 2014a, p.20). É importante observar os edifícios existentes desocupados, e encontrar oportunidades de revitalizar a cidade desde o seu interior, estudando alternativas à demolição e incorporando novos usos que possam reativá-lo.[9] Por ser um fenómeno dinâmico, é quase impossível prever o futuro com qualquer grau de certeza, da mesma maneira que não pode ser esperada uma solução instantânea, pois num processo contínuo e a longo prazo, quando um problema é resolvido, quase sempre, acaba por aparecer outro. Cada geração terá o seu conjunto de problemas e prioridades, e a solução dos mesmos irá refletir essas mesmas prioridades.[10]

Os regulamentos atuais de construção foram idealizados para construções novas, o que se traduz num forte entrave à recuperação de edifícios, tornando-se extremamente difícil contribuir para a regeneração do tecido urbano. Segundo o RERU, "existem em Portugal cerca de 1 milhão de edifícios a precisar de obras de reabilitação.". Na cidade de Lisboa, deve ser dada a prioridade à regeneração

[9] "observar los edificios desocupados y en estado de abandono como oportunidades que permitan revitalizar la ciudad desde su interior, ensayando alternativas al derribo e incorporando nuevos usos, como la vivienda, para lo cual se cuestionan las operaciones necesarias para reactivarlos." *in Rehabitar en nueve episodios: abandono y oportunidad* (**MONTEYS ROIG**, 2012, p.1).

[10] "Because urban regeneration is by its very nature a dynamic rather than a static phenomenon, it is almost impossible to capture all of the features of current practice or to predict the future with any degree of certainly." (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.4).

"(…) we have come to appreciate the need to view urban regeneration as a continuous process. No sooner has one problem been solved, than another emerges."; "(…) it is essential to view the process of urban regeneration as a long-term cycle of activity, there are no 'quick fixes' or permanent solutions here. Each generation faces its own particular set of problems, has its own priorities and works in ways which reflects these priorities." (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.6).

do existente, à reabilitação do que está em mau estado, à reutilização do que está devoluto e à qualificação do que está mal utilizado, desenvolvendo uma cidade mais consolidada.

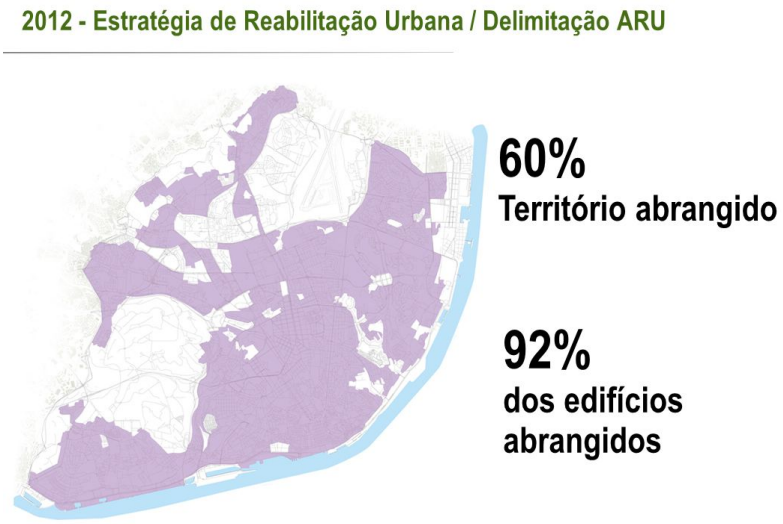


FIGURA 8 |
Estratégia de reabilitação urbana de Lisboa

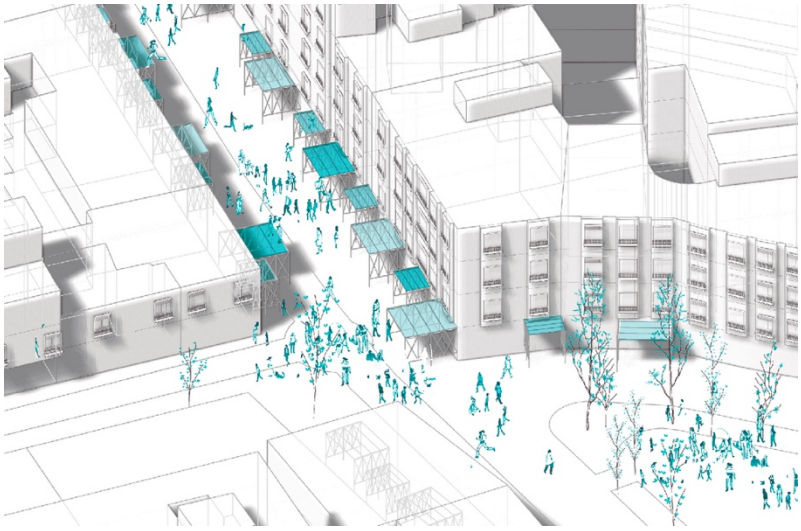
A reabilitação é o processo físico, inscrito implicitamente, e muitas vezes o motor para o processo de maior dimensão que é a regeneração urbana. De todas as áreas multidisciplinares que pertencem ao processo da regeneração, é a reabilitação que tem a evolução mais notável, devido a jogar com a componente física.[11] "As intervenções de requalificação do espaço não se restringem apenas ao seu edificado monumental ou conjunto urbano, mas também à preservação dos seus valores culturais e históricos (…) caracterização social do lugar." (**SILVA**, 2014, p.92). Domingues define a requalificação urbana como a "necessidade de responder a ruturas de escala, conjugar melhor a aglomeração e a dispersão, as áreas monofuncionais e os tecidos mistos, a necessidade de estruturar a nova expansão em articulação com a cidade consolidada." (**DOMINGUES**, 2007, p.66). Para Roberts e

[11] "Physical renewal is usually a necessary if not sufficient condition for successful regeneration. In some circumstances it may be the main engine of regeneration. In almost all cases it is an important visible sign of commitment to change and improvement." (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.86).

Sykes, é uma visão e ação compreensiva e integradora que leva à resolução de problemas urbanos e que procura trazer uma melhoria na condição económica, física, social e ambiental de uma área que foi sujeito/objeto de mudança.[12]

Segundo as políticas urbanas, uma possível estratégia para a reabilitação urbana seria a microcirurgia urbana, através da qual se criam "projetos estratégicos de desenvolvimento muito variados, mas partilhando algumas

FIGURA 9 |
Exemplo de microcirurgia urbana, pequenos projetos que fazem a diferença na regeneração da cidade



características essenciais (produção de espaços edificados de elevada qualidade, papel simbólico de edifícios transformados em ícones arquitetónicos), (…)" (**FERRÃO**, 2007, p.224). "A vontade de expressar especialmente questões sociais, ideológicas e políticas ou simplesmente de corrigir problemas urbanos resulta impreterivelmente em intervenções globais ou pontuais que alteram a fisionomia do tecido urbano." (**AMADO**, 2014, p.117). A reabilitação urbana, deve também responder às questões da sociedade contemporânea, em que a estratégia passa pela atração de certas classes sociais que se transformam "(...) num elemento

[12] "(…) comprehensive and integrated vision and action which leads to the resolution of urban problems and which seeks to bring about a lasting improvement in the economic, physical, social and environmental condition of an area that has been subject to change." (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.17).

central das políticas urbanas que colocam no centro do desenvolvimento local a qualidade de vida, os equipamentos educativos, a cultura, os lazeres e a própria imagem da cidade" (**ASCHER**, 2010, p.54). Segundo a obra de Roberts e Sykes, a chave para a reabilitação urbana bem-sucedida é entender o potencial do existente, e qual o papel que este pode tomar no processo da requalificação.[13] Os processos de reabilitação e consequente regeneração podem, por vezes, surgir como ameaças à preservação do sentido de 'sítio' pois, ao tentar conservar o 'lugar', pode perder-se a sua identidade. "A cidade é considerada como um elemento em constante transformação; subsequentemente os espaços urbanos existentes estão sujeitos, naturalmente, a uma continua renovação. Esse processo de transformação dos espaços existentes com a intenção de valorizar e "engrandecer" o lugar, deram também origem, em certos casos, à perda das suas características físicas e usos do próprio lugar." (**SILVA**, 2014, p.94). Por vezes ao procurar enaltecer os lugares e a sua autenticidade, acabamos por levá-los à descaracterização. O modelo de regeneração deve, portanto, ser genuíno, calibrado para cada área em questão, pois cada cidade é uma cidade, e todas as urbes são únicas e irrepetíveis.

[13] "The key to successful physical regeneration is to understand the constrains and the potential of the existing physical stock and the role improvement can play in enabling, and where appropriate promoting, renewal at regional, urban or neighbourhood level." (**ROBERTS**; **SYKES**, 2000, p.86).

|1.1.3| O Espaço Público e a Rua

Segundo Carmona, espaço acessível para todos é a forma mais pura de definir espaço público. (**CARMONA**, et al., 2003, p.111).

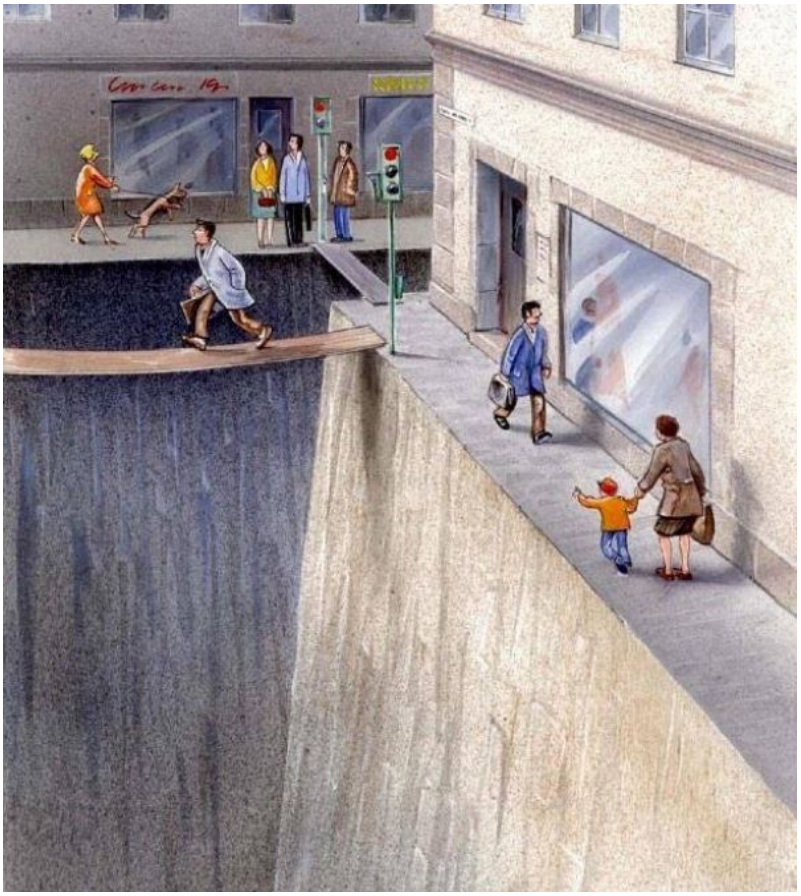
"A **rua** é igualmente um espaço público principal da cidade. Cristaliza, portanto, desafios múltiplos. E merece uma atenção e deferências especiais pela parte dos urbanistas." (**ASCHER**, 2010, p.161)

O uso do espaço público sempre foi uma parte importante do dia-a-dia das sociedades, mas a sua concepção e utilização, com o passar dos anos, tem vindo a perder-se. Ao comparar o espaço urbano do século XXI com as vivências de rua nos séculos passados, é possível constatar uma mudança significativa no uso e apropriação do espaço. As atividades do século XIX passavam muito pelas vivências da rua.[14] Os espaços públicos eram um fator de grande importância para o dia-a-dia das sociedades, sendo utilizados para socializar, como espaços de encontro, para comercializar e como conectores, fazendo a ligação espacial entre diversas áreas. A expansão urbana dá-se com o desenvolvimento de novos modos de transporte, separando-se cada vez mais a concepção de espaço público e espaço de movimento de veículos. As ruas tornam-se estradas, e o movimento pedonal da sociedade dá lugar ao transporte de veículos, privilegiando este meio de transporte em deterioramento de outros. O automóvel fragmenta a cidade, trazendo grandes infraestruturas que ao conectar e facilitar o transporte de grande escala, quebram o espaço e dividem o transporte de pequena escala: o domínio social da rua sofre uma quebra e é suprimido para o passeio, zona de movimentação pedonal que hoje em dia conhecemos. "O impacto do automóvel: eliminação do espaço público útil, aumento das distâncias, barreiras, desigualdades entre quem tem e quem não tem automóvel." (**BRANDÂO**, 2000, p.56). Surge uma crise no comércio de proximidade, dando-se prioridade ao comércio de grande escala e às zonas comerciais periféricas, facilitadas pelo uso do automóvel. "No séc. XX, o exponencial aumento de veículos automóveis a circular nas cidades produz acentuados desequilíbrios e conflitos urbanos, perturbando a desejável compatibilização

[14] "(...) people using public space out of necessity – are still to be found in many countries with less developed economies." (**GEHL**: *Public Spaces for a Public Changing Life, disponível em: http://urbact.eu/sites/default/files/public_spaces_for_a_changing_public_life.pdf*)

entre as funções urbanas." (**BRANDÂO**, 2000, p.26). Segundo Cullen, "Enquanto as vias motorizadas são fluídas e impessoais, os caminhos para peões, insinuantes e ágeis, conferem à cidade a sua dimensão humana" (**CULLEN**, 1983, p.56). Perdendo-se a dimensão humana, e a visão de conjunto da sociedade, a cidade e os seus habitantes deixam de ser um corpo coerente como um todo, dando lugar ao individualismo na vida urbana.

FIGURA 10 |
A imagem das ruas nos dias de hoje, do ponto de vista do peão



Segundo vários autores, o conceito de espaço público é muito difícil de definir. "A propriedade não coincide com o uso. Os espaços de uso público nem sempre são realmente públicos e os espaços públicos nem sempre estão abertos à comunidade. (...) a ideia de um espaço aberto, contínuo, percorrível, compreensível e claramente definido que corresponde literalmente ao negativo dos espaços privados e encerrados, sendo que juntos, público e privado, nos dão de imediato a forma da cidade na sua totalidade." (**PORTAS**, 2011, p.187). O espaço público tem um papel fulcral na

cidade, como mediador de espaço, pessoas e tempo. É o ingrediente primário no ambiente urbano. “O espaço livre como elemento de uma cidade é essencial (...).” (**CULLEN**, 1983, p.106). São todos os espaços de encontro, onde a vida, no seu domínio público, se desenvolve. “A cidade, e muito particularmente o espaço público, reflete as interacções sociais, as redes de poder, de dominação e a importância que a sociedade atribui à coesão social e espacial. Ela condiciona a expressão dos modos de vida (…) de conforto urbano e de manifestação de cultura (…) espelha um projeto de cidade e de sociedade sendo lugar de conflito, de conciliação ou de reparação das relações sociais.” (**GUERRA**, 2007, p.238).

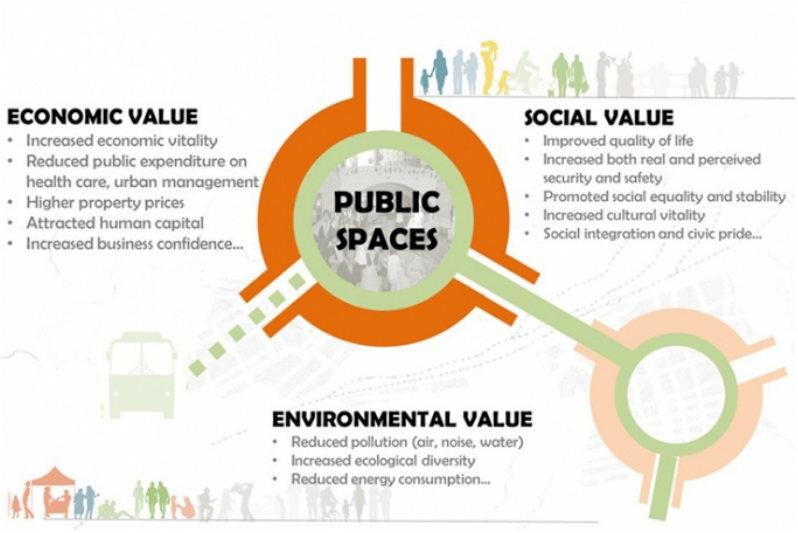


FIGURA 11 |
Os benefícios do espaço público

Carmona define o conceito de espaço público como um corpo que partilha transações económicas, sociais e culturais, estando dividido em duas partes contrastantes: espaço de movimento e espaço social. Sendo que o primeiro reflete um movimento passageiro, com menos oportunidades para o desenvolvimento do foro social ao contrário do espaço social, que proporciona oportunidades de interação, fomentando um desenvolvimento socialmente ativo, no espaço.[15] “O espaço

[15] “Because social space provides opportunities for interaction and exchange, development facing onto it will tend to be ‘socially active’. By contrast, movement space has few opportunities for interaction and development facing onto it will tend to be ‘socially passive’.” (**CARMONA**, et al., 2003, p.69).

público é considerado como um elemento urbano agregador do todo." (**SILVA**, 2014, p.85). É a parcela vertebral, que estrutura e constitui as distintas parcelas privadas num fragmento urbano, e carrega em si toda a complexidade da forma urbana, "(...) o espaço publico age para além de si próprio (...)" (**BRANDÂO**, 2000, p.43). É um espaço que tem muita influência na cidade, pois é o elemento de união, onde tudo o que compõe a cidade converge. "A particularidade de dinâmica do tecido urbano advém da natureza dos espaços que o compõe, constituídos por uma infinidade de unidades autónomas e com interesses próprios - as parcelas - e um espaço colectivo que as estrutura - o espaço público." (**DIAS COELHO**, 2014a, p.28). Já Portas, define-o como um ligante de heterogeneidades e suporte dos novos *mix* de usos na cidade "(...) construir continuidade entre a revitalização interior e a reurbanização exterior." (**PORTAS**, 2007, p.103). O espaço público é o elemento que dá continuidade à cidade e reflete os traços do espaço no tempo, traços estes que ajudam a relembrar a memória do lugar. "Na cidade de Lisboa, a forma do espaço público reflecte a permanência de traços ao longo do tempo, esses traços que têm maior longevidade têm capacidade de transportar em si a memória do lugar e também da cidade." (**PROENÇA**, 2014b, p.47). Segundo Carmona (2010), a diferença entre espaço público e privado, está na conceção das palavras grupo e individuo. Em que a primeira reflete a personalização dos elementos visíveis do domínio público, em comunicação com a comunidade; e a segunda reflete o espaço privado que quase nenhum impacto tem sobre o exterior.

"Menosprezar o espaço público, a sua qualidade, a sua beleza, a sua adequação aos gostos e às aspirações dos diferentes sectores da população para além da sua função específica é, simplesmente, deixar de lado as pessoas e

contribuir para o avanço dos processos de exclusão." (**BRANDÂO**, 2000, p.85). Segundo este autor, a desorganização do espaço urbano levou a uma sobrevalorização do transporte privado, que por seguimento deu início à expansão urbana descontrolada, à especulação imobiliária e à falta de estrutura entre parcelas urbanas (como vimos anteriormente, o espaço público). Tudo isto levou ao aumento dos espaços intersticiais - não tratados entre edifícios - e ao aumento das áreas urbanas expectantes, sendo cada vez mais difícil fomentar o câmbio entre pessoas e espaços. (**BRANDÂO**, 2000, p.27).

No livro *Life Between Buildings*, Jan Gehl questiona vários temas em torno do que é o espaço público, sobre a qualidade urbana em geral e qual o fator que o torna um



FIGURA 12 | *Crescimento do espaço público no centro de Copenhaga entre 1962 e 1996*

espaço atrativo.[16] Apontando alguns fatores que tornam o ambiente não convidativo para os habitantes, como por exemplo o facto de os passeios não serem confortáveis e de dimensão desadequada, ou o atravessamento de cruzamentos perigosos, dá-nos como referência as cidades de Copenhaga e Londres, onde foi estudada a forma como os habitantes utilizavam o espaço, de forma a que o desenho do espaço público se centralizasse em resolver os problemas observados.[17] Já segundo Brandão, a estratégia para o desenho de espaço público passa por estudar as diferentes atividades que se poderão realizar nesse espaço exterior, projetar jogando com a riqueza, diversidade, qualidade social, cultural e emocional do espaço; considerar o espaço público como uma forma construída, e não como um vazio, pois este tem que ser desenhado; integrar valores de cidadania e relação pública neste espaço; e encarar o espaço público como a nova cultura da cidade. (**BRANDÂO**, 2000, p.57). É um espaço da expressão da cidade e por isso não deve ser descuidado das estratégias urbanas. Ao contrário do que tem vindo a acontecer até hoje, o espaço público não pode surgir como o negativo do existente, em que se dá prioridade às parcelas isoladas e com o restante, cria-se o espaço público. O que deve acontecer é o oposto, em que o espaço público, estruturante do todo, é a parcela no primeiro plano e que, em conjunto com os interesses privados, dá origem a todas as outras parcelas, e assim atingir a harmonia de todo o espaço de conjunto, de usufruto público, em concordância com as respetivas parcelas privadas. "(...) o espaço público não é o espaço residual entre o que está a ser construído e o espaço

[16] "If the quality is missing, people will not use the spaces. However, evidence from all over the world points to the fact that, if the quality is there – if the public spaces are well placed, well designed and inviting – people will use them. Thus, if lively, attractive and safe cities with active streets, squares and parks are to be realized in the 21st century, good quality for the pedestrian activities is vital." (**GEHL**: *Public Spaces for a Public Changing Life, disponível em: http://urbact.eu/sites/default/files/public_spaces_for_a_changing_public_life.pdf*)

[17] "When you observe a space you learn about how it is actually used, rather than how you think it is used" (**CARMONA**, et al., 2003, p.165).

viário. Há que considerá-lo elemento ordenador do urbanismo, seja qual for a escala do projeto urbano. É o espaço público que pode organizar um território capaz de suportar diversos usos e funções e que tem a maior capacidade de criação de lugares. Deve ser um espaço de continuidade e da diferenciação, ordenador do bairro, articulador da cidade, estruturador da região urbana. (...) espaço de expressão colectiva, da vida comunitária, de encontro e da inter-mudança quotidianos." (**BRANDÂO**, 2000, p.84). De igual forma, é impossível tratar o espaço público como independente pois este vive das funcionalidades do edificado que o rodeia.[18]

"Tornou-se um lugar comum a hipótese de que o investimento na renovação do espaço público tem efeitos positivos – para além da própria funcionalidade – sobre a



FIGURA 13 |
Exemplo de reabilitação de uma rua no centro histórico na Cidade do México, e a diferença de apropriação do espaço com a nova intervenção em 2014, face à anterior em 2009

[18] "(...) providing access to the 'public face' of private property, (...); The exterior is the result of interior." (**CARMONA**, et al., 2003, p.67).; "(...) defined as the public face of buildings, the spaces between frontages, the activities taking place in and between these spaces, and the managing of these activities, all of which are affected by the using of the buildings themselves." (**CARMONA**, et al., 2003, p.7).

reanimação económica rua a rua (…). (**PORTAS**, 2007, p.103). O espaço público pode ser um motor para a reabilitação, e consequente, regeneração urbana, oferecendo à cidade um maior desenvolvimento e melhor qualidade de vida para os habitantes.

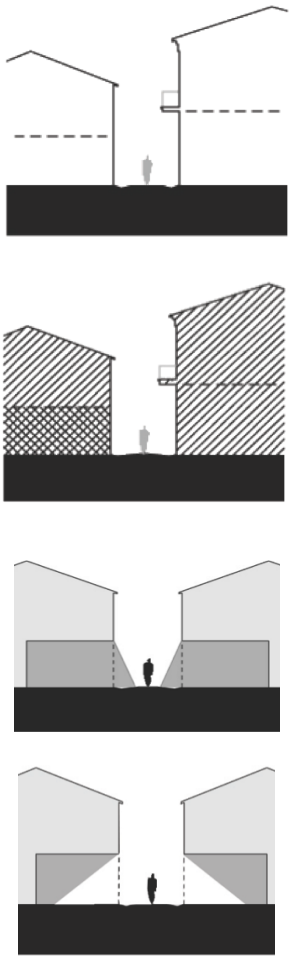


FIGURA 14 | *Perfis de rua tipo e esquema de exemplo, em que o piso térreo se apropria da rua, e a rua invade o espaço privado*

O autor de *Paisagem Urbana*, defende que os motivos mais frequentes para a apropriação do espaço são o "(…) abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível (...)" (**CULLEN**, 1983, p.25). Segundo Guerra, o sentimento de pertença, que resulta da apropriação do espaço, é fundamental para a produção do urbanismo quotidiano, pois todos os cidadãos têm o direito à cidade. O espaço privado não deve ser o único espaço da expressão humana. São os vários elementos da cidade que tornam o espaço estimulante ao olhar humano. "Se aceitarmos que o exterior pode ser ocupado, a arquitectura não é, em si, o suficiente. O exterior não pode ser apenas um salão para expor peças individuais como se fossem quadros numa galeria. Terá de ser um meio destinado ao ser humano na sua totalidade, que o poderá reclamar para si, ocupando-o quer estaticamente, quer pelo movimento." (**CULLEN**, 1983, p.30).

"O sítio dá forma à cidade, mas é o caminho que lhe confere a vida. Poete (1974)" (**FERNANDES**, 2014b, p.74). O sentido de 'lugar' - *genius loci* - pode ser definido como a interação humana com a identidade de um lugar: aspeto físico do meio urbano, atividades que se podem realizar nele e o significado em que este sítio se traduz para os seus utilizadores[19]. Segundo Carmona, as pessoas experienciam algo para além das propriedades físicas ou sensoriais de um lugar, e sentem uma conexão com o espírito desse lugar[20].

[19] "In 1988, Peter Buchanan argued that urban design was essentially about place making, where places are not just a specific space, but all the activities and events that make it possible" (**CARMONA**, et al., 2003, p.7).

[20] "(...) people experience something beyond the physical or sensory properties of places, and can feel an attachment to a spirit of place." (**CARMONA**, et al., 2003, p.96).

São sete os objetivos encontrados ao definir o conceito de lugar: o **carácter**, um lugar com a sua própria identidade; **continuidade** e **limites** bem definidos, um lugar onde o público e o privado estão claramente distinguidos; **qualidade** do domínio público, onde as áreas exteriores são atrativas; facilidade de **movimento**, um lugar onde é fácil chegar e movermo-nos; **legibilidade**, tem uma imagem própria definida, e é fácil de entender; **adaptabilidade**, um lugar que se adapta com facilidade; **diversidade**, onde há variedade de escolha.[21] A sociedade é também outro fator que nos ajuda a definir o 'lugar', e estes dois parâmetros estão claramente relacionados: é difícil conceber um 'espaço' sem contexto social e igualmente difícil definir sociedade sem a componente espacial.[22] Os espaços públicos de sucesso são

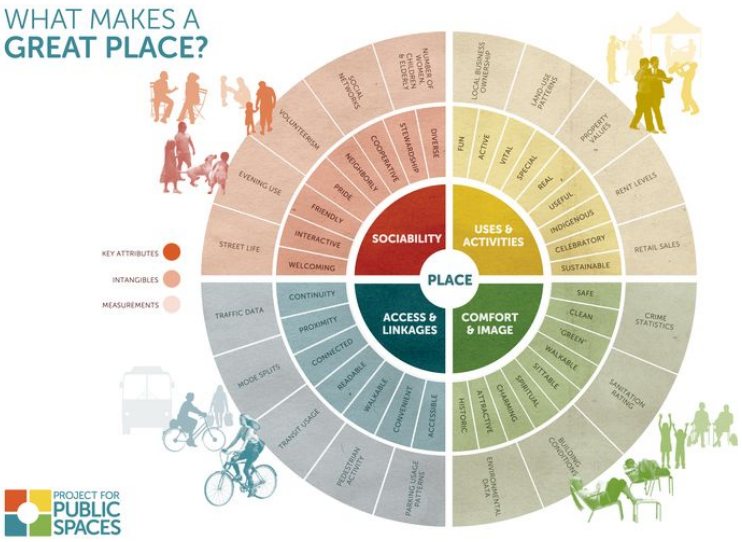


FIGURA 15 |
Fatores que influenciam o sentido de lugar

[21] "Seven objectives of urban design, each relating to the concept of place: character – a place with its own identity; continuity and enclosure – a place where public and private spaces are clearly distinguished; quality of the public realm – a place with attractive and successful outdoor areas; ease of movement – a place that is easy to get to and move through; legibility – a place that has a clear image and is easy to understand; adaptability – a place that can change easily; diversity – a place with variety and choice." (**CARMONA**, et al., 2003, p.9)

[22] "Space and society are clearly related: it is difficult to conceive of 'space' as being without social content and, equally, of society without a spatial component." (**CARMONA**, et al., 2003, p.9).

repletos de vitalidade e caracterizados pela presença de pessoas, num ambiente atrativo, seguro, confortável, acessível e ativo. A perceção visual e as sensações contribuem para o sentido do sítio, as texturas, cores, distâncias, os contrastes, muito embora a perceção não visual seja também importante e muitas vezes pouco explorada e desenvolvida.[23]

Segundo Dias Coelho, a rua é um "elemento morfológico linear e contínuo do espaço público da cidade, ao mesmo tempo percurso, morada, itinerário e lugar." (**PROENÇA**, 2014a, p.101), já a praça, é entendida como "(...) o mais importante elemento morfológico do espaço público." (**SILVA**, 2014, p.84). Ambas servem de suporte ao conjunto da cidade pois são o elemento estruturador de parcelas independentes, sendo a rua um elemento comum desta estrutura e a praça um elemento singular de exceção, utilizado como representação de algo ou como cozedor de partes distintas, proporcionando espaços distintos. Já Ascher define rua como "(...) uma via no interior de um aglomerado que serve especificamente, ou simultaneamente, para atravessar uma zona deste aglomerado (…) e para produzir um espaço colectivo utilizável por diversos tipos de actividades. Uma rua assegura, portanto, pelo menos uma de três funções: trânsito, serviço, acolhimento. Certas ruas são monofuncionais, como os impasses de um bairro residencial, as vias rápidas urbanas, as galerias comerciais. Outras são multifuncionais, como as da cidade medieval que acolhe toda a espécie de actividades, a rua principal da vila com o seu comércio e os seus vendedores ambulantes, como a avenida urbana com as suas esplanadas, (…)." (**ASCHER**, 2010, p.162). Também Carmona, define a rua como um elemento linear tridimensional, encerrado em lados opostos por edifícios. Podem ou não conter estradas, e a maior parte são

[23] "(...) the changes from light to shade, from hot to cold, from noise to silence, the flow of smells associated with open spaces, and the tactile quality of the surface under foot, are all important in the cumulative effect." (**CARMONA**, et al., 2003, p.88).

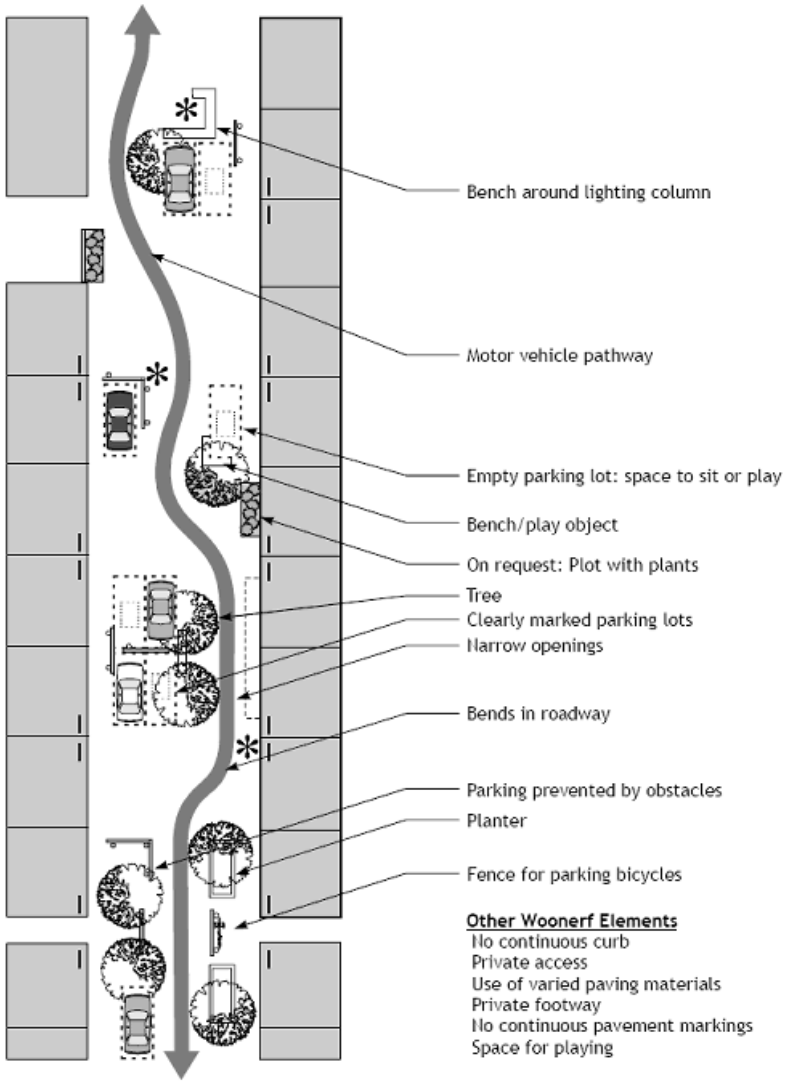
dinâmicas, com grande sentido de movimentação.[24] "Uma rua ou uma praça, ainda que numa abordagem analítica possam constituir um espaço uno e coerente, só podem ser verdadeiramente entendidos enquanto espaços dependentes do edificado que o define." (**DIAS COELHO**, 2014b, p.13). Mais uma vez, a ideia de duplicidade entre o interior privado e o exterior público é reforçada com o exemplo das ruas e praças, em que a forma e função do edificado manipulam a essência do espaço público, da mesma maneira que este influencia os próprios usos: uma relação de reciprocidade. "Os espaços que Eugène Ménard imaginara para uma sequência espacial de rua, materializada através das saliências e reentrâncias dos edifícios, que enriquecem o próprio espaço de rua com átrios de acesso aos edifícios." (**MONTEYS**, 2014, p.200). Segundo Mehta, citando Kunstler, no novo urbanismo, o significado de rua, como tecido essencial do domínio público é restaurada. O espaço criado é entendido com a função de uma sala exterior, e as fachadas são as paredes da rua.[25]

O conceito de *shared space* foi criado por Hans Modernman, um engenheiro de tráfego, que defende uma rua sem regras em que os veículos a motor são bem-vindos, tendo que comportar-se e adaptar-se dentro das normas de sociedade equitativas. Esta tipologia de rua não contém

[24] "(...) are linear three-dimensional spaces enclosed on opposite sides by buildings. They may or may not contain roads. (...) most streets are visually dinamic, with a strong sense of movement." (**CARMONA**, et al., 2003, p.146).

[25] "In the new urbanismo the meaning of the street as the essential fabric of the public real mis restored. The space created is understood to function as na outdoor room, and building facades are understood to be street walls. (**MEHTA**, 2013, p.51).

FIGURA 16 |
Esquema funcional de uma Woonerf



qualquer tipo de sinalização vertical, nem luminosa[26] e não é feita qualquer discriminação de usos no pavimento, pois o espaço é partilhado entre todos. Também o conceito de *woonerf*, sem banir o carro, dá total prioridade ao peão, aumentando as áreas pedonais nos centros das cidades e passeios, e diminuindo zonas de estrada; encerrando as passagens subterrâneas e criando passagens de nível; baseando a estratégia em acalmia de tráfego. Este método adota uma rede de espaços, com permeabilidade

[26] "(…) en nuestras calles abundan elementos poco domésticos, como el asfalto, los coches, las farolas o las señales de tráfico. Es el lenguaje propio de una infraestructura. Este lenguaje, probablemente inherente a los automóviles, ha acabado por imponerse a toda la calle, haciendo de ella un espacio que es la expresión de una normativa (…)"*in Rehabitar la calle* (**MONTEYS ROIG**, 2012, p.2).

caminhável, em detrimento da conhecida hierarquia viária. Segundo o *Projects for Public Spaces*, a grande diferença entre os dois conceitos abordados anteriormente é que nas *woonerfs*, é dada a prioridade ao peão sobre o automóvel, e nos *shared spaces*, todos os modos de locomoção são considerados iguais.

|1.2| Projetos de Referência

Ao longo do estudo e desenvolvimento da problemática em questão, foram abordados alguns projetos de referência, onde se comprovam determinados temas e soluções discutidas no projeto. Estas soluções procuram sustentar as escolhas e orientações que nos parecem, de alguma forma, alcançar uma solução para a problemática, apresentada na proposta.

No que diz respeito aos projetos de referência, - no âmbito do espaço público – foi estudado um conjunto de projetos criados, alguns deles já executados, para as ruas e praças de Lisboa. Os projetos de nome Pavimentar Lisboa (2015-2020) e Uma Praça em Cada Bairro, propostos pela Câmara Municipal de Lisboa, pretendem intervir em ruas e praças de toda a cidade, de forma a melhorar a qualidade de vida de todos os seus cidadãos. Este projeto procurou introduzir soluções inovadoras, desenhando espaços públicos funcionais, criativos e atrativos, invertendo a hierarquia existente e devolvendo a cidade às pessoas, com coerência e conforto. Com o lema "Porque a Rua é de todos!", a Câmara espera trazer mais pessoas à rua, criando mais emprego, comércio e regenerando grande parte das áreas da cidade, contribuindo para uma cidade do futuro.

Este conjunto de projetos desenvolve-se tendo como referência a prática da acessibilidade em várias grandes cidades, especialmente na Europa. A acessibilidade é a medida do que pode ser atingível, na prática, bem como a capacidade de entrar e usar um espaço.[27] É o que confere a noção de continuidade, "diferentes partes homogéneas, estas são visualmente ligadas através de sistemas de espaços públicos que conjugam largos, praças e ruas **estabelecem relações de continuidade entre espaços distintos**." (**FERNANDES**, 2014a, p.56). "(…) a acessibilidade física, a possibilidade de encontro, são mais do que nunca a principal riqueza dos lugares urbanos." (**ASCHER**, 2010, p.64). "A acessibilidade é uma noção essencial do urbanismo contemporâneo (...) um dos principais desafios consiste em que os recursos (...) sejam "acessíveis". (**ASCHER**, 2010, p.133).



FIGURA 17 | *Logotipos dos Projetos de Requalificação de Espaço Público em Lisboa*

[27] "(...) accessibility - is what is achieved in practice." (**CARMONA**, et al., 2010, p.64).; (...) accessibility is the capacity to enter and use space (...). (**CARMONA**, et al., 2010, p.111).

A metodologia utilizada foi a criação de cinco eixos estratégicos, ao longo da cidade, com uma abordagem em rede, com vista a obter continuidade e interligação entre os vários espaços, sempre tendo em conta uma escala micro, do local em questão, em consonância com a escala da cidade. Serão mais de 110 quilómetros viários a reabilitar, com um orçamento total de 25 milhões de euros. As propostas baseiam-se em alguns casos na reabilitação do pavimento,



FIGURA 18 |
Comparação entre a Praça do Saldanha antes (a) e depois (b) da intervenção do Projeto Pavimentar Lisboa

noutros na reconstrução total de arruamentos, ambas as hipóteses contemplam a eliminação de obstáculos nos passeios e a introdução de sinalização horizontal, como os pisos tácteis, guias e maior segurança nos atravessamentos, de forma a melhorar a qualidade de vida de pessoas com mobilidade condicionada. Também está prevista a construção de mais ciclovias e a organização de estacionamento, contando com a integração de mais lugares de estacionamento para automobilistas com deficiência, motociclos e bicicletas. No fundo, criar mais conforto e

segurança, melhorando a mobilidade para todos os intervenientes da cidade.

Segundo Manuel Salgado, vereador da CML, "(...) há vias congestionadas e os passeios em geral são estreitos, inseguros, desconfortáveis e demasiadas vezes ocupados por carros mal estacionados. Em suma, perdeu-se qualidade de vida.". Os objetivos traçados pelo vereador para a cidade e o espaço público têm a ver com a ideia de que "A rua tem de voltar a ser acessível para todos, independentemente da sua idade e maior ou menor dificuldade de locomoção, permanente ou temporária."

"Hoje o desafio não é apenas o de reconstruir as ruas tal e qual como estão, mas de redesenhá-las para construirmos uma cidade mais coesa e inclusiva." Procurou-se analisar algumas ruas de Lisboa, a materialidade aplicada em cada contexto, e a utilização e apropriação do espaço por parte dos habitantes.



FIGURA 19 | *Materialidade de pavimentos nalgumas ruas de Lisboa*

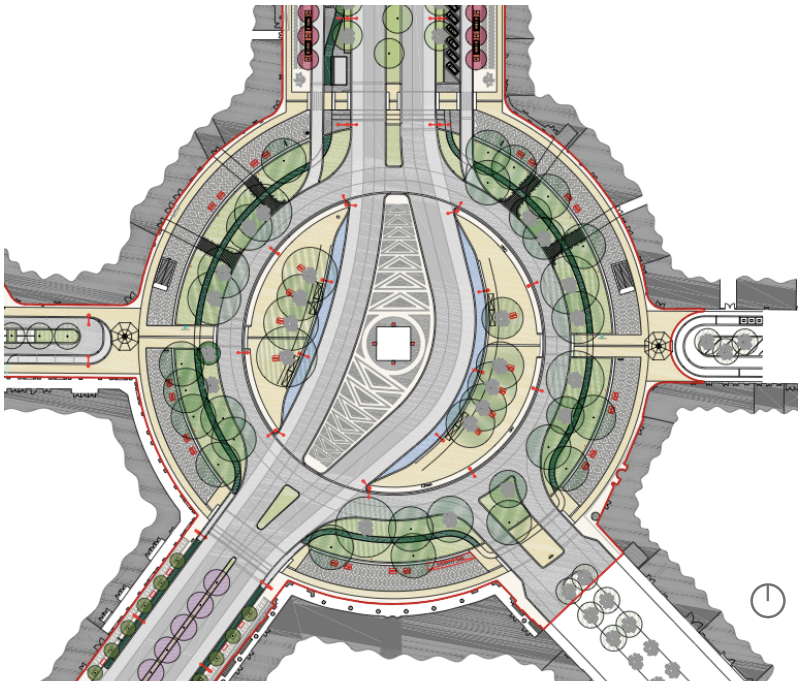
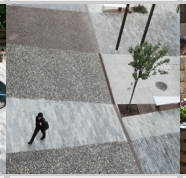
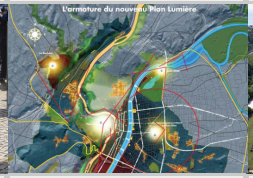
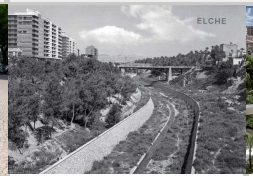


FIGURA 20 | *Proposta para o espaço público na Praça do Saldanha, realizada no âmbito do projeto Pavimentar Lisboa (sem escala)*

Foram também estudados, uma série de projetos de referência que, ao longo deste trabalho, nos ajudaram a definir um conjunto de linhas projetuais a desenvolver, quer na estratégia do plano, como numa escala micro, de espaço público e materialidades.

FIGURA 21 |
Tabela com projetos de referência consultados para realização e apoio do projeto

RUAS	ESPAÇO PÚBLICO	REABILITAÇÃO URBANA	INFRAESTRUTURA	PARQUES URBANOS
Lonsdale Street (1) Melbourne, AUS	**Open Air Library** (2) Magdburg, GE	**Storefront for Art and Architecture** (3) Nova Iorque, EUA	**The High Line Park** (4) Nova Iorque, EUA	
				
New Road (5) Brighton, UK	**Piazza Vittoria** (6) Curno, IT	**Projeto Rés do Chão** (7) Lisboa, PT	**Plan Lumière** (8) Lyon, FR	**Parque da Cidade** (9) Porto, PT
				
“Water is Leven”, The Blue Road (10) Drachten, NL	**Passeig Sant Joan** (11) Barcelona, ES	**Paris Passage 56** (12) Paris, FR	**Baana Corridor** (13) Helsinquia, FL	**Madrid Rio** (14) Madrid, ES
				
Stroget Street (15) Copenhaga, DK	**Plaza de las Glòries** (16) Barcelona, ES		**La Recyclèrie** (17) Paris, FR	**Jardim Botânico** (18) Barcelona, ES
				
Projeto Pavimentar Lisboa e Uma Praça em Cada Bairro (19) Lisboa, PT			**Valle Trenzado** (20) Elche, ES	
				

2. CASO DE ESTUDO: CAMPOLIDE

|2.1| Elementos de Caracterização da Área em Estudo

Neste subcapítulo, dividido em duas partes, o enfoque principal será a análise da área em estudo. Na primeira parte, iremos estudar a área de intervenção de acordo com as principais características que a definem: históricas, físicas, sociais e funcionais. A segunda parte passará por fazer um balanço entre a problemática estudada no primeiro capítulo e a área em questão, obtendo uma análise mais profunda de tema e problemática *versus* sítio.

|2.1.1| Análise do Sítio

Campolide é uma freguesia localizada no Concelho de Lisboa, no centro da cidade, criada em 1959, com a reforma administrativa, ocupando hoje em dia uma área de 2,77 km2, que representa 3,26% da área total da cidade. Como limites tem: a **Norte**, desde a Praça de Espanha à Estrada da Serafina; a **Nascente** da Rua da Artilharia Um à Praça de Espanha; a **Sul**, a Av. Engenheiro Duarte Pacheco e a Autoestrada A5; e a **Poente**, a Estrada da Serafina e o Caminho das Pedreiras, já dentro do Parque Natural de Monsanto. Segundo os Censos de 2011, tem 15.460 habitantes, o que corresponde a 2,82% da cidade.

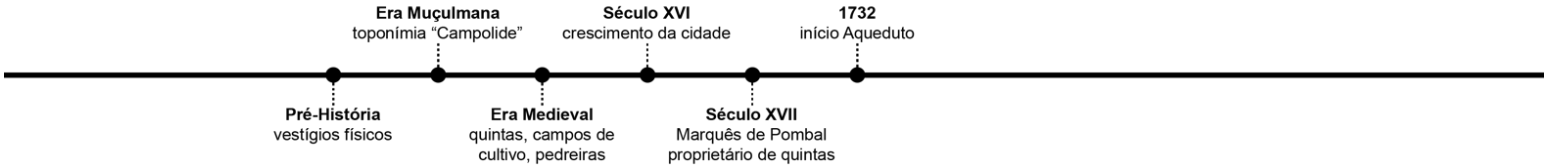


FIGURA 22 |
Cronologia temporal da história de Campolide

A génese da área em estudo foi caracterizada por uma Campolide "fora de portas" da cidade de Lisboa, onde predominavam os campos de cultivo e as quintas com encostas de solos férteis. O cultivo, em conjunto com a extração de pedra, eram a principal atividade, sendo esta a área de produção que fornecia abastecimento à cidade, devido à proximidade geográfica. A partir do **século XVI** acentua-se o crescimento da cidade para fora da Cerca Fernandina e esta área torna-se uma zona fortificada sendo uma das portas de saída da cidade de Lisboa, onde o clero e a nobreza possuíam quintas.



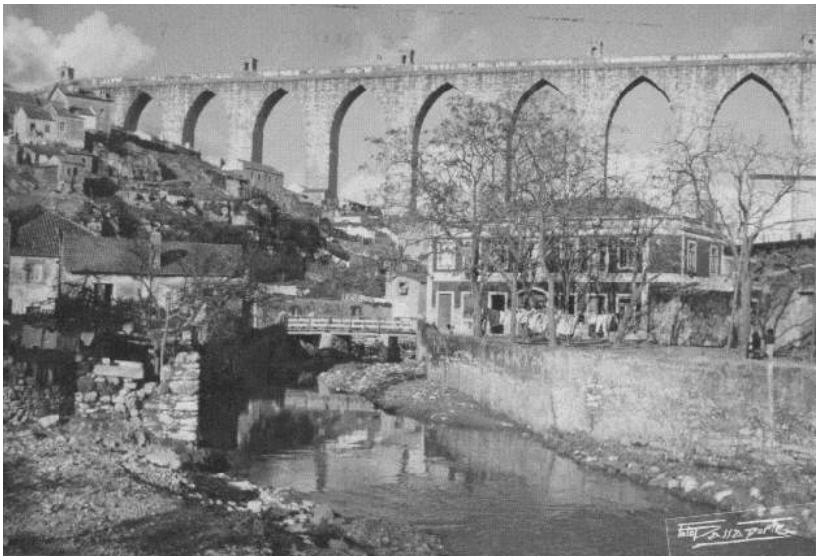
FIGURA 23 |
O crescimento gradual da freguesia de Campolide, nos anos de 1936 – 1959 – 2012, respetivamente, sendo que a última figura é como se encontra hoje o limite administrativo

Entre os anos de **1732** a **1748**, ocorre uma grande alteração na paisagem em Campolide: a construção do Aqueduto das Águas Livres. Não só pela edificação do monumento em si, mas também devido à instalação de milhares de trabalhadores operários na encosta do Vale de Alcântara. "Refira-se que a grande obra do Aqueduto foi uma gigantesca operação, simétrica à de Mafra, destinada à glorificação do rei e à reforma urbana da cidade. O aqueduto é ele próprio uma alegoria, gloriosamente antigo ou "romano", com um estatuto icónico, autenticamente "imperial" na monumentalidade." (**PEREIRA**, 2014, p. 166). Segundo a



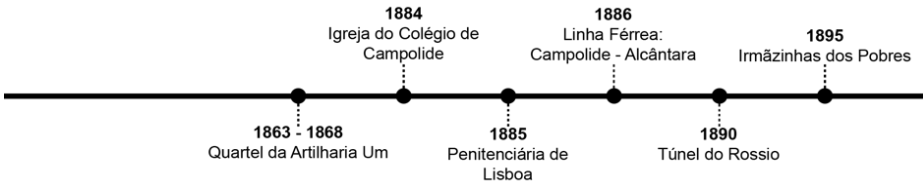
Junta de Freguesia de Campolide: “A configuração humana da Campolide atual resulta em grande parte, da muita gente que foi necessária para as obras de construção do monumental Aqueduto das Águas Livres. Daí que desde o século XVIII se tenham distinguido duas áreas urbanas na freguesia, uma inicialmente para os ‘mestres’, com melhores condições de residência, e outra para os ‘operários’, improvisada e semeada de barracas.” Foi também desde o

FIGURA 24 |
Aqueduto das Águas Livres sobre o vale de Alcântara, na década de 40



início desta obra que muitos dos caminhos e estradas que permanecem até aos dias de hoje, foram abertos, tendo organizado desordenadamente o tecido urbano da freguesia. “A absorção deste território foi lenta, de forma descontínua e sem visão de conjunto.” (**CONSIGLIERI**, 2000, p.12).

Em meados do **século XVIII**, dá-se um crescimento significativo podendo destacar dois núcleos de povoamento: Quinta Estevão Pinto (Campolide de Baixo) e Cruz das Almas (Campolide de Cima); e ainda um núcleo disperso, ao longo da Rua de Campolide. “O património existente é rico e diversificado, mas não constitui núcleos que se possam



agrupar por zonas." (**CONSIGLIERI**, 2000, p.86). Nesta altura, Campolide pertencia à freguesia de S. Sebastião e Santa Isabel. (Figura 3). No ano de **1839,** "Os mortos continuavam a aparecer e fechou-se a passagem em **1844**. Reclamaram as gentes de Benfica que se sentiam prejudicadas por não usarem aquele acesso à Cidade. A Câmara voltou a abrir o Passeio dos Arcos. Mais vítimas. A Junta de freguesia acabou por conseguir o encerramento em **1852**." (**CONSIGLIERI**, 2000, p.79), até hoje. No mesmo ano, constrói-se a Estrada da Circunvalação (hoje Rua do Alto do Carvalhão), que divide Campolide ficando uma parte intramuros da cidade, e outra "fora de portas".

Em **1886** e **1890** são construídos a linha férrea (que ligava Campolide com Alcântara) e o túnel do Rossio, respetivamente, e foi nesta altura que se deu o maior crescimento urbano na zona: "(...) de todos os fatores atuantes que modelaram o território, (...) o caminho-de-ferro terá sido aquele que maior impacto introduziu."

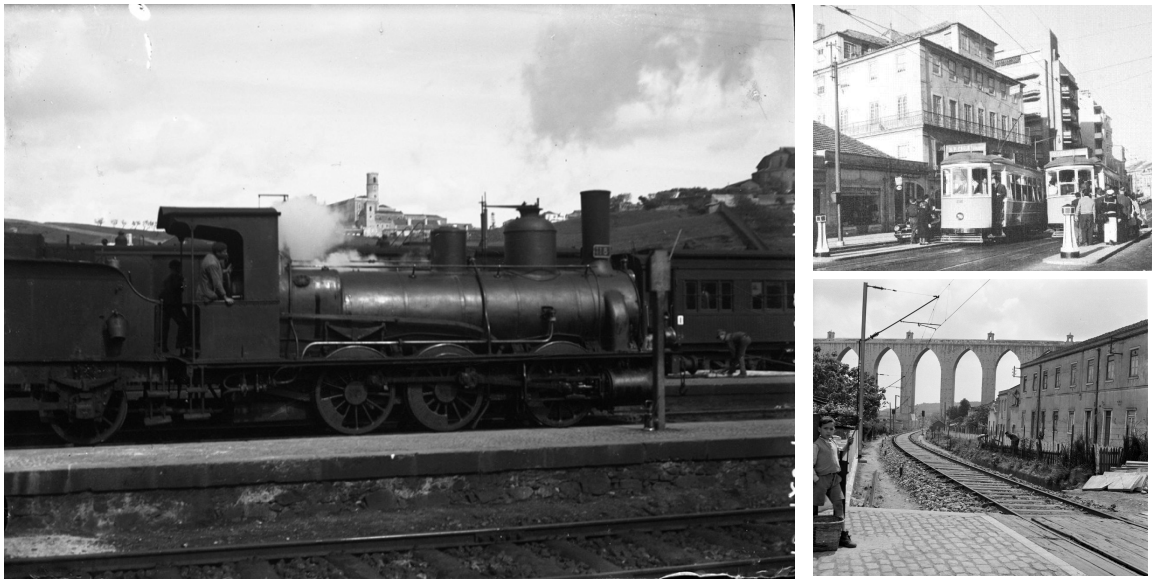


FIGURA 25 | *(a) Comboio a Vapor na Estação de Campolide em 1925; (b) Elétricos na Rua Marquês da Fronteira, em 1960; (c) Estação de Campolide em 1962.*

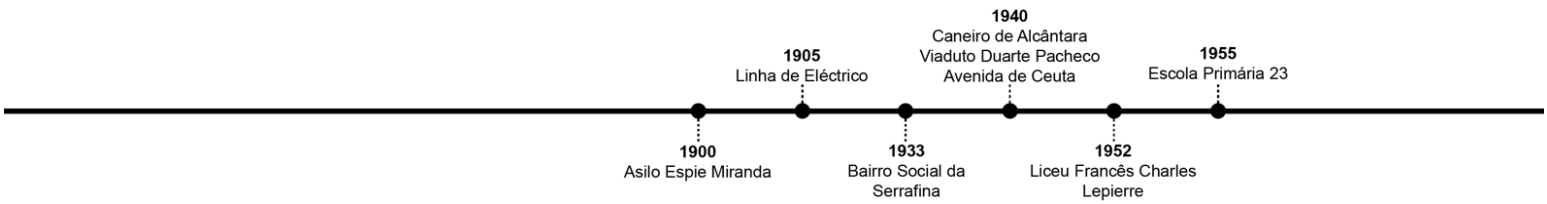




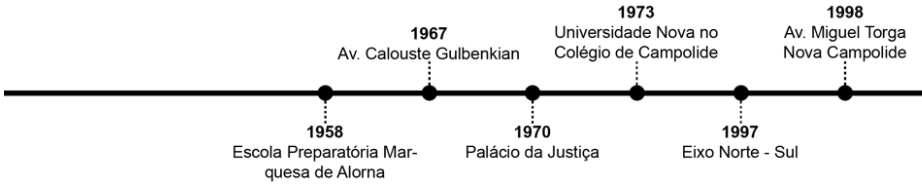




FIGURA 26 | *Edifícios devolutos*

(**CONSIGLIERI**, 2000, p.11). É também nesta altura que o Bairro Novo de Campolide se começa a estruturar. Em **1905**, e devido ao aumento de moradores, Campolide começa a ser servido por uma linha de elétrico, notando-se uma maior procura habitacional e comercial, e com isso instalam-se algumas fábricas na área. A zona mais rural de Campolide, de grandes quintas, continua a existir na zona de Sete Rios, mais afastada das portas da cidade. O Bairro da Liberdade surge, depois da Grande Guerra, com o êxodo rural, como um bairro degradado, juntamente com a zona do Tarujo, junto à estação, instalando aí habitações precárias que até hoje subsistem. Em **1933**, é projetado o Bairro Social da Serafina, com habitações unifamiliares e equipamentos de apoio ao bairro como escolas, comércio e serviços públicos.

Já na década de 40, são iniciadas as obras no caneiro de Alcântara, tapando os esgotos que corriam a céu aberto. Construiu-se o Viaduto Duarte Pacheco, que unia a cidade sobre o vale, e ainda os aterros para a Avenida de Ceuta. No ano de **1967** terminadas as obras do caneiro de Alcântara, dá-se inicio à abertura da Avenida Calouste Gulbenkian. A Freguesia teve, com o passar dos anos, e a evolução da infraestrutura envolvente, um enorme decréscimo na sua população, devido à grande quantidade de pessoas que ficaram desalojadas ao longo do curso das diversas obras e intervenções. Foi desenvolvido um plano de realojamento com a construção do Centro Paroquial S. Vicente de Paula, no Bairro da Liberdade, que veio a ajudar todos os habitantes desalojados na demolição das barracas da Quinta José Pinto. No ano de **1997**, entra em funcionamento o Eixo Norte-Sul, uma das artérias com mais importância na distribuição de tráfego da cidade, e em **1998**, em conjunto com a abertura da Avenida Miguel Torga, termina também o projeto do condomínio de luxo, chamado Nova Campolide. Frente a



Monsanto, no remate da Avenida José Malhoa, no ano de **2000**, crescem as Twin Towers. Todas as transformações urbanas de Campolide com o passar da sua História, ditam hoje as vivências, embora seja uma Freguesia caracterizada pelo seu bairrismo acentuado, "Tudo isto são mudanças que irão afetar a identidade local, mas que o saudável bairrismo das gentes de Campolide saberá certamente integrar, sem perder o carácter." (**CONSIGLIERI**, 2000, p.85).

O facto de ter declives acentuados, corta ligações essenciais para a vivência e coerência da freguesia, em contrapartida, este fator confere a alguns espaços, vistas desafogadas sobre o Vale de Alcântara, Monsanto, Aqueduto e zonas de carácter rural envolventes Sobre a estrutura ecológica, é importante referir o Corredor Verde do Arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, e que a maior parte do verde da freguesia é inacessível por estar classificado como 'Espaços Verdes de Enquadramento a Infraestruturas'. "Não foi esta Freguesia bafejada por jardins, basta a grande irregularidade de ruas, onde não foi possível até hoje enquadrar um verdadeiro jardim. Assim restam alguns pequenos espaços ajardinados ou arranjos exteriores." (**CONSIGLIERI**, 2000, p.20). Todas as zonas verdes presentes em Campolide, são emprestadas pelas freguesias que a envolvem e limitam. Os espaços públicos existentes também são de pouco ou nenhum uso, sendo a maior parte, sujos, sombrios ou simplesmente de dimensão desadequada.

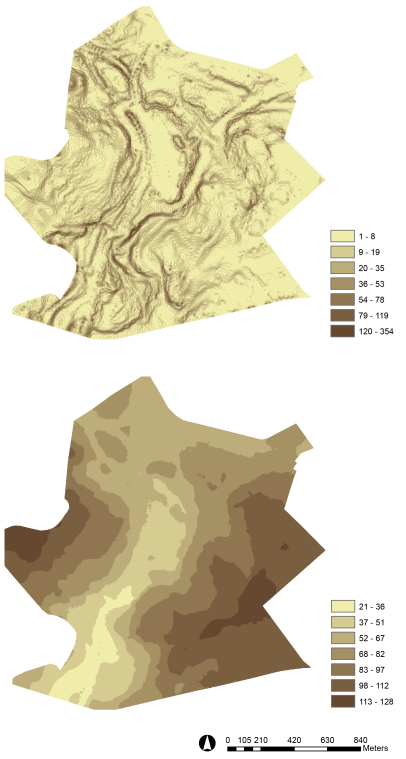


FIGURA 27 | *Topografia: (a) mapa de altimetria; (b) mapa de declives*

O edificado tem a cércea baixa, sendo que 65% do existente corresponde a 1 a 2 pisos. As décadas de construção predominante, são entre os anos 46 e 70, correspondendo a 45%. Será importante referir que 89% do edificado da freguesia corresponde a edifícios exclusivamente residenciais, e que 64% contém 1 a 2

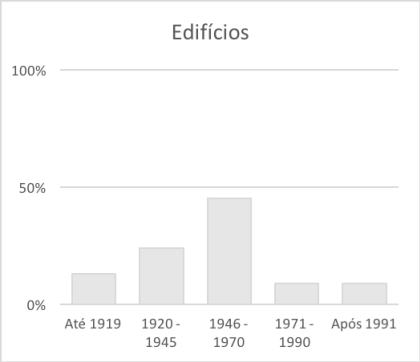


FIGURA 28 | *Estrutura etária dos edifícios, por ano de construção (baseado no Censo 2011)*

alojamentos por edifício. No ano de 1986, foram registados 4940 fogos degradados "77% da população residente habitava em fogos considerados degradados.". (**CONSIGLIERI**, 2000, p.71). Também nas 69 Vilas Operárias e Pátios registados (nos anos 40) na freguesia, as condições de habitabilidade são consideradas precárias. Existem três bairros inseridos no programa BIP/ZIP, Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, sendo eles a Liberdade e Serafina, o Tarujo, e a Bela Flor.

No que toca ao fator Social, é importante referir que com o passar dos anos se tem verificado um decréscimo populacional, uma vez que a freguesia tem um elevado índice de envelhecimento, de 205,9%, e a cidade de Lisboa de 182,8%, o que significa que é uma zona bastante envelhecida, onde 24% dos habitantes têm mais de 65 anos, e 22% são jovens (dos 0 aos 24 anos).

Moradores de Campolide decidiram: 61,5% querem substituir a calçada

Na votação, promovida pela Junta de Freguesia de Campolide, em Lisboa, votaram 349 pessoas.

INÊS BOAVENTURA
6 de Março de 2015, 12:51



Nalgumas ruas de Campolide, a calçada vai dar lugar a um piso contínuo semelhante ao das ciclovias ENRIC VIVES-RUBIO

Os moradores de Campolide, em Lisboa, já decidiram: entre a "tradição" da calçada e a "segurança" de um piso contínuo, escolheram a segunda opção, com 61,5% dos votos.

FIGURA 29 | *Notícia acerca de uma votação que ocorreu, a favor ou contra de manter a calçada em Campolide*

Em termos de mobilidade, o facto de ser uma zona central da cidade, com grande desenvolvimento de infraestruturas e estando envolvida num anel circundante de entrada e saída na cidade de Lisboa (Autoestrada A5, IC19, Eixo NS), é tanto um problema como uma oportunidade. A rede de transportes que serve a zona é escassa e ineficiente,

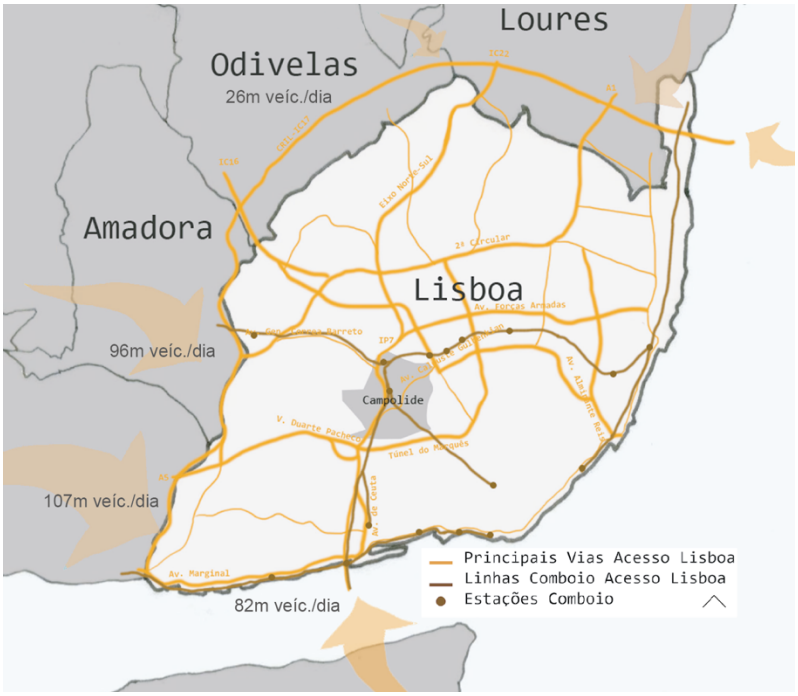


FIGURA 30 | *Sistema viário da cidade de Lisboa, e a sua relação com a freguesia de Campolide (sem escala)*

sendo que apenas a área mais a Este da freguesia tem acesso a transportes públicos com frequência. É uma zona com elevada densidade no que diz respeito ao parque automóvel (0,3 veículo/alojamento). Sendo apenas uma pequena parte servida pelos serviços de organização e estacionamento pago, da EMEL, em todo o resto da freguesia ocorre estacionamento abusivo e descontrolado. A zona do Bairro da Liberdade e Bairro do Tarujo são servidas pela Estação de Comboio de Campolide, que liga a margem Sul, a linha de Sintra e o Rossio, sendo que esta quase não tem movimento, nem nenhum tipo de comércio em funcionamento. Está também prevista a abertura de um Metro, junto à zona da Praça de Campolide e Artilharia Um, no projeto de extensão da linha até às Amoreiras.



FIGURA 31 | *Estacionamento abusivo em todos os passeios e ruas da freguesia, não permitindo o conforto e acessibilidade pedonal*

|2.1.2| Análise do Tecido Urbano Complexo

A freguesia de Campolide é caracterizada por ser uma área de Lisboa muito fragmentada territorialmente. O seu tecido urbano encontra-se desconexo, devido a fatores que marcam fortemente o território, como por exemplo, a sua morfologia que torna mais evidente a existência de barreiras. Estas características são a causa da inexistência de continuidade, não só a nível espacial, mas também, social e funcional. Embora esta diversidade de tecidos possa, em alguns casos, conferir uma riqueza formal à cidade, se não for aplicada e estudada de forma apropriada ao território, vai evidenciar os aspetos negativos que a constituem.

Como foi visto anteriormente o território de Campolide carece de planeamento, uma vez que foi uma área da divisão turva entre o rural e o urbano, o seu desenvolvimento deu-se sem uma definição forte da sua imagem, sendo o resultado um pouco dos dois. “(...) falta sobretudo, superar a dicotomia rural/urbano, e incorporar, projetualemente, os territórios não construídos como elementos activos e possuidores de qualidades específicas (...) caracterizadoras das novas paisagens urbanas.” (**DOMINGUES**, 2007, p.76). Campolide urbano-rural, sempre teve na sua génese, a evidência de pertencer a uma freguesia de charneira, que conecta as áreas mais rurais ao centro da cidade, sendo um corpo por definir entre estes dois, compostos por características tão opostas.

As principais características que contribuem para esta falta de coerência são a morfologia e as infraestruturas do sítio. A morfologia é bastante acentuada, definida por vales e encostas de grande inclinação, dificultando os acessos físicos. Devido à sua prestigiada localização, no centro da cidade de Lisboa, proximidade de infraestruturas e transportes, possibilidade de concentração de atividades de comércio e lazer, podemos considerar Campolide como um espaço motor, que necessita ser intervencionado a diferentes níveis e revitalizado, podendo gerar outro polo central de vida na cidade de Lisboa.

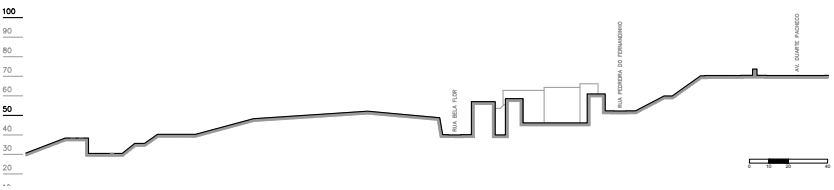


FIGURA 32 | *Perfil transversal, exemplificando as pendentes acentuadas que caracterizam os vales e encostas*

“A imagem que fica de um primeiro olhar – ligeiro – pelo território é a de intervenções que se sucedem incapazes de construírem uma qualquer coerência, porque parece não haver ali nenhuma ideia informadora de unidade, nenhuma

S

- localização privilegiada na cidade;
- bairros característicos com identidade própria;
- Aqueduto e valores patrimoniais;
- infraestruturas e acessibilidade;
- diversidade da bacia visual devido à topografia;
- preço por m2 inferior ao resto da cidade

W

- problemas de estacionamento;
- falta de espaços verdes, públicos;
- topografia acentuada dificulta acessos;
- ocupação em áreas de risco;
- falta de cobertura de equipamentos culturais e sociais;
- fragmentação urbana;
- poluição sonora;
- pavimento degradado;
- população envelhecida

O

- escala de bairro potencia comércio local;
- conectar zonas habitacionais com espaços verdes;
- vazios urbanos e expectantes para espaço público e equipamentos;
- plano de mobilidades como gatilho para vida local;
- frentes de rua comerciais;
- estação de Campolide

T

- fragmentação espacial social e funcional;
- grande percentagem de famílias com um indíviduo;
- probabilidade de isolamento devido a barreiras;
- desvalorização do património;
- susceptibilidade a riscos naturais;
- projeção de diminuição da população

FIGURA 33 | *Análise SWOT*

FIGURA 34 |
Esquisso representativo da problemática, em que as barreiras envolvem ilhas de tecidos urbanos por consolidar

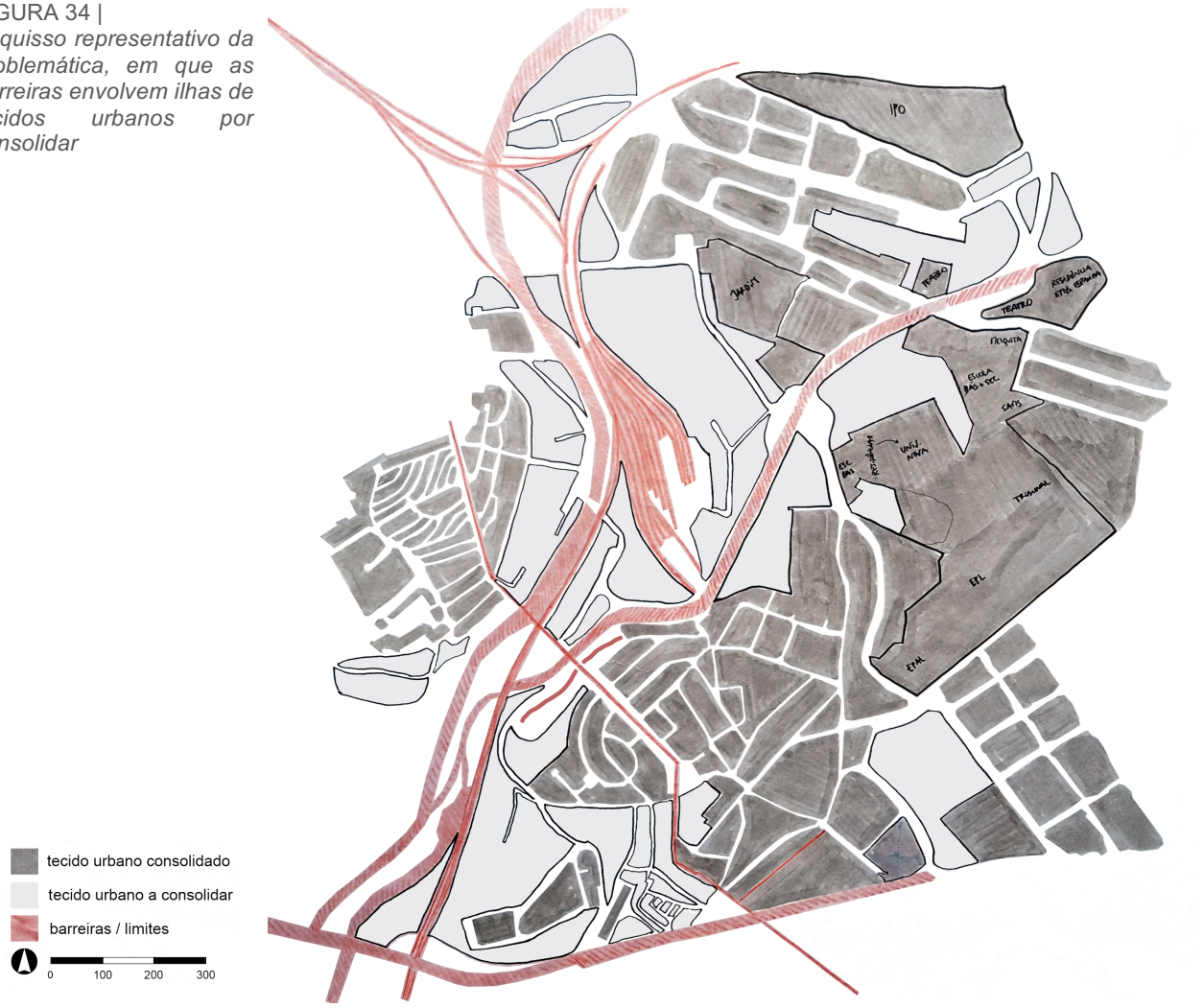






FIGURA 35 | *Exemplos de barreiras criadas pelas infraestruturas*

identidade perceptível no conjunto. Peças soltas de múltiplos *puzzles,* amontoadas, simplesmente." (**PORTAS**, 2011, p.167).

Podemos observar que toda a freguesia é envolvida por eixos infraestruturais, podendo comparar Campolide a uma 'ilha' na cidade de Lisboa, rodeada de barreiras. Dentro desta ilha, com o fator morfologia e a construção dessas mesmas infraestruturas é possível obter, a uma escala diferente, o mesmo fenómeno de 'ilhas' produzido entre os vários tecidos que compõe a freguesia. Ao analisar a fundo o território, entendemos que se dá uma quebra da continuidade territorial devido à existências de barreiras, acabando por

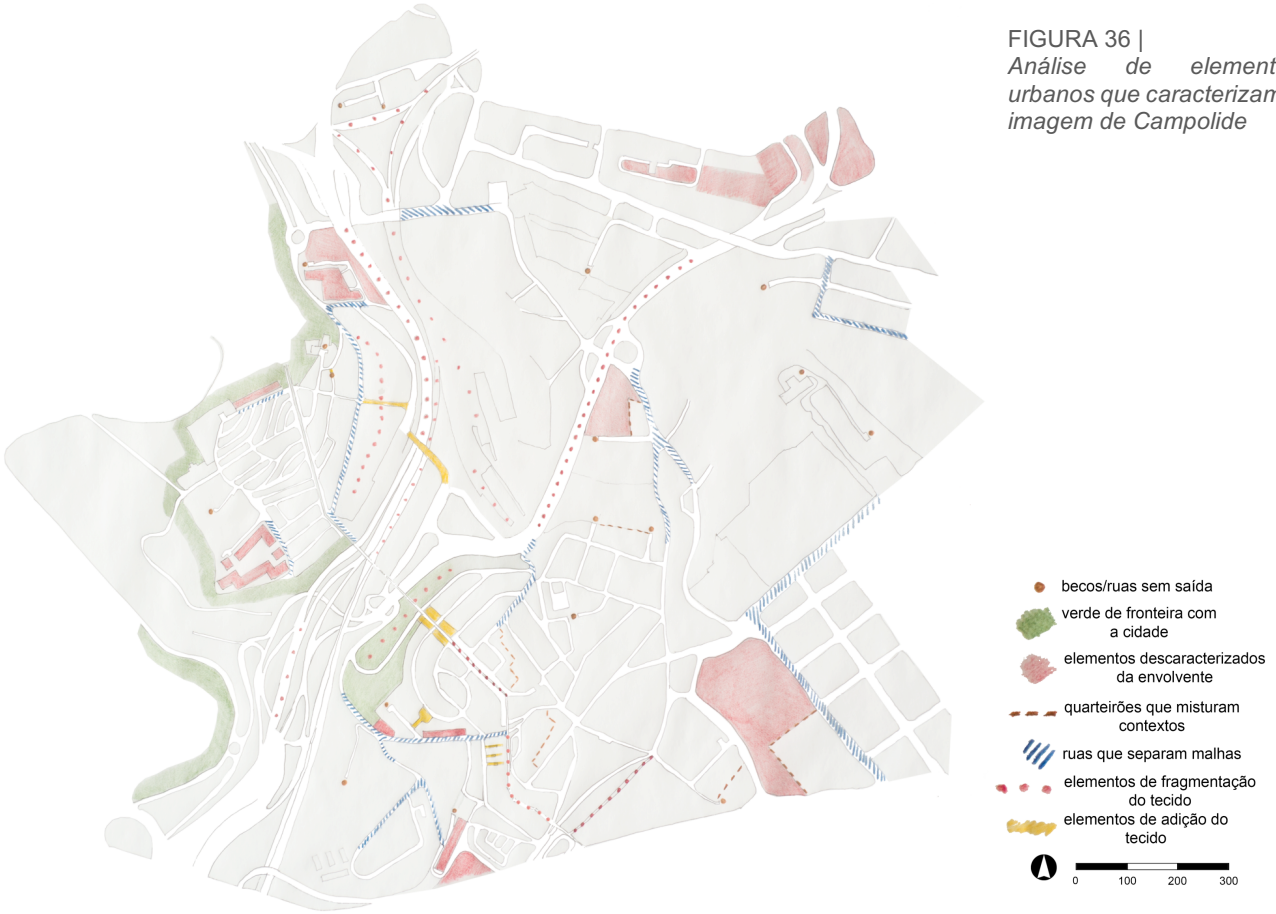


FIGURA 36 | *Análise de elementos urbanos que caracterizam a imagem de Campolide*

influenciar a componente social e funcional. Estas ilhas, com défice de continuidade e relação entre partes promoveram a reurbanização "côncava", fechada sobre si mesma ou de costas voltadas para o resto, utilizada para preenchimento de vazios urbanos. (**PORTAS**, 2007, p.105).

O Aqueduto é um dos maiores exemplos de complexidade no tecido urbano de Campolide. É um elemento que dá à freguesia uma identidade distinta, através das vistas sobre Lisboa e dos arcos que compõe a paisagem urbana das ruas. "(…) um modesto arco funciona como elemento de separação no terreno que estamos a explorar. De um lado a parte da rua em que nos encontramos; para lá do arco, o espaço onde iremos desembocar, transitando então para uma nova ambiência." (**CULLEN**, 1983, p.21). Património cultural de importância mundial, esta grande obra apresenta-se como uma dualidade espacial, porque ao



FIGURA 37 | *Arco do Aqueduto das Águas Livres*

mesmo tempo que conecta a freguesia através dos arcos sobre o vale, (embora a passagem esteja fechada ao público, enquanto monumento é possível realizar o percurso) serve de barreira, quebrando a continuidade física ao longo de outras zonas de Campolide.

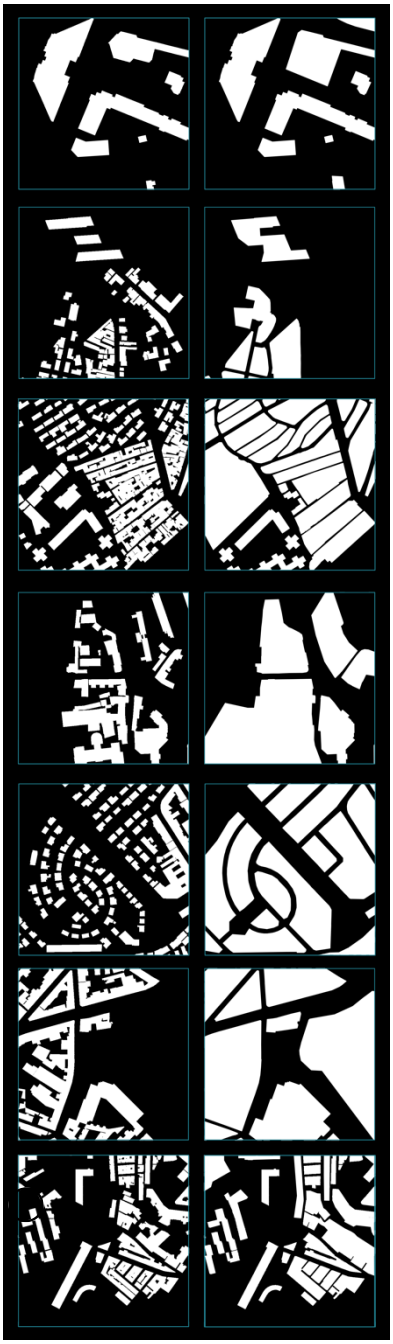


FIGURA 38 | *Diagramas de análise do tecido urbano: coluna (a) Cheio/Vazio; coluna (b) Público/Privado*

É uma freguesia com carência de equipamentos e áreas verdes, o que acaba por não permitir parte do seu desenvolvimento em termos funcionais e sociais. Não existe em Campolide uma vida virada para o exterior e para os espaços públicos, pois estes não estão desenvolvidos de maneira a serem apropriados. Isto acontece por duas principais razões: o estacionamento abusivo por toda a parte da freguesia, em que os passeios ficam diminuídos a meio metro de largura e as vias têm grande quantidade de trânsito; e o facto de a população ser envelhecida, impossibilitando a sua circulação (pela falta de espaço e ruas degradadas sem condições de acessibilidade). Estes fatores contribuem para que as ruas não tenham um carácter de vivências exteriores e o bairrismo, que sempre foram características de Campolide no passado. Contribuem ainda para que a população se encerre nas suas casas, promovendo a solidão e a falta de interação social. Mais ou menos 38% das famílias da freguesia (6729 no total) são compostas por um membro apenas, tornando-se extremamente importante o convívio de bairro e os espaços públicos. Existem elevados índices de pobreza e desemprego, sendo que 45% da população da freguesia apenas tem o ensino básico. Isto leva ao aumento de zonas perigosas e marginalizadas, e a que grande parte do edificado esteja mal cuidado e obsoleto, ferindo gravemente a imagem e identidade da freguesia.

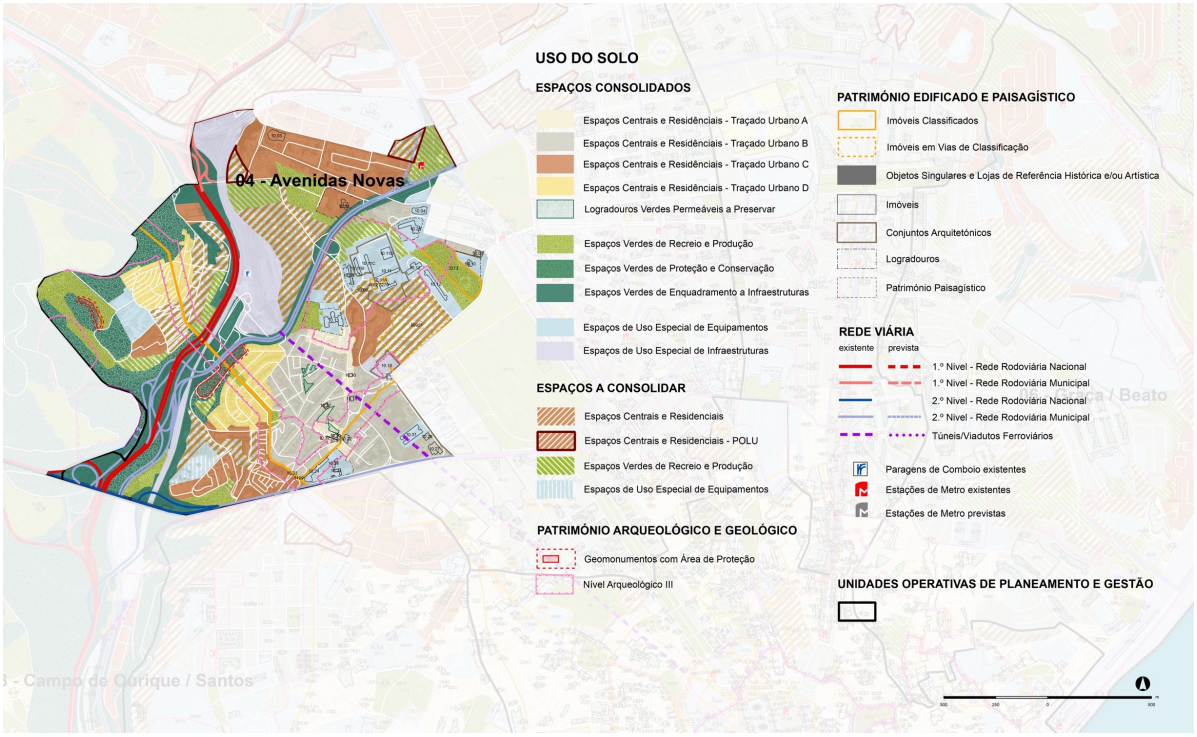
|2.2| Análise de Instrumentos de Gestão Territorial

Neste subcapítulo serão analisados e descritos, todos os instrumentos de gestão territorial que foram desenvolvidos para Campolide, pela iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa. Para a área em estudo, foram já realizados vários esboços e planos. Alguns destes são planos de pormenor eficazes e aprovados pela CML enquanto outros estão ainda em elaboração. Para além destes aprofundados neste documento, existe um histórico de propostas de IGT's para a zona que se pretende estudar, que apenas serão mencionados consoante a importância no desenvolvimento do projeto.

|2.2.1| Plano Diretor Municipal

Ao analisar o Plano Diretor Municipal na área de intervenção, verifica-se que a mancha maioritária do território, carece de consolidação. Em especial os espaços residenciais, verdes e afetos a uso de equipamentos. Outro fator que está bastante evidenciado, é a quantidade de território afeto ao uso para infraestruturas, seja a estação de tratamento e manutenção de comboios ou as vias de circulação, de primeiro e segundo nível, que circundam a área.

FIGURA 39 |
Análise do PDM: Uso do Solo



|2.2.2| Planos em Vigor

Existem, na área em estudo, três planos de pormenor aprovados, sendo eles o PP do Campus de Campolide (4.26), o PP da Avenida José Malhoa (4.24) e o PP da Artilharia Um (4.96.3).



FIGURA 40 |
Planos em vigor. Ortofotomapa sem escala.

Este planto, tem como limites: a **Norte** a Avenida Calouste Gulbenkian, a **Nascente** o Bairro Azul, a **Sul** a Rua Marquês da Fronteira e a **Poente** a Avenida Miguel Torga. A

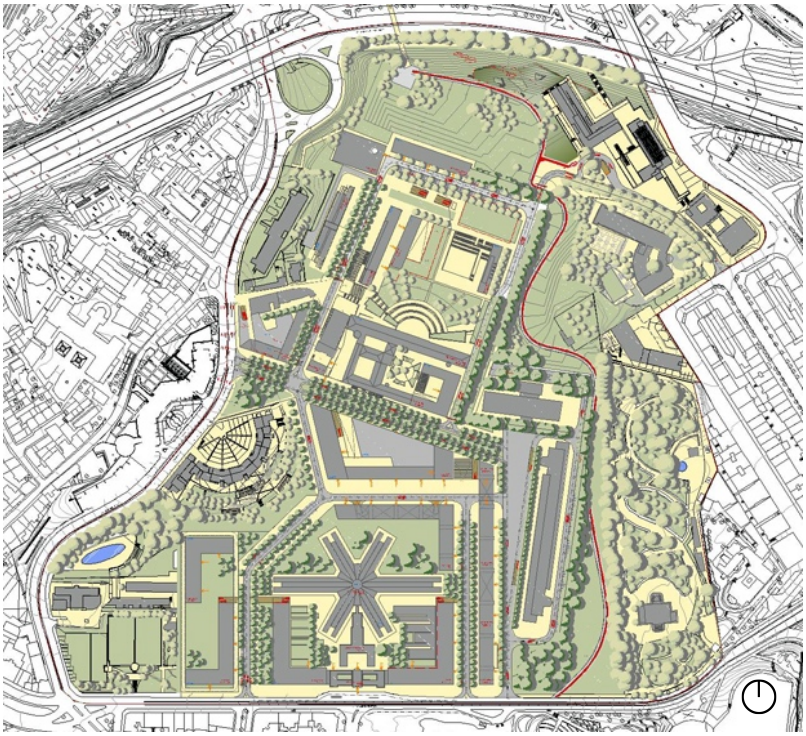


FIGURA 41 |
Planta de apresentação da proposta para o Plano de Pormenor do Campus de Campolide

área delimitada tem como principais características, tal como a freguesia em que está inserida, a excessiva compartimentação do território urbano, como uma manta de retalhos dispersos e sem qualquer tipo de ligação. Este fator é um problema que ao afetar a área em estudo, afeta a cidade no seu conjunto, desqualificando as suas vivências. Nesta zona, a maioria de ocupação do solo é feita por entidades públicas, de ensino e de justiça, e ainda algumas privadas (Banco Santander, Condomínio Nova Campolide, etc.), o que leva a que toda a área viva encerrada sobre si própria, apenas tendo vida durante o horário laboral. Para proteção das mesmas, recorre-se a grandes muros e vedações, o que contribui para a criação de um dos maiores problemas da freguesia: os limites. Estes obstáculos, inviabilizam o acesso físico e a falta de visibilidade para o interior, cria a perceção da cidade inatingível. A falta de relação destes lotes, entre si

e com o exterior, faz com que a relação destes com a cidade não tenha contexto nem acessibilidade: "(...) um *backstage* de espaço residual de alguma marginalidade.". É um território com propensão para o envelhecimento populacional, uma reduzida ou quase inexistente atividade comercial e densidade habitacional, o que se reflete nas vivências urbanas. Verificam-se também debilidades de interligação entre espaços urbanos e públicos, com descontinuidades pedonais/cicláveis.

Para o enfoque deste trabalho, parece-nos que a área necessita de uma melhoria nas acessibilidades, na reabilitação dos tecidos urbanos em degradação, de forma a requalificar os espaços residuais, que se têm criado ao longo do tempo, em espaços verdes de usufruto público e coletivo, dando prioridade à melhoria do Corredor Verde, de modo a que este não se degrade. Na nossa opinião, seria importante respeitar o Estabelecimento Prisional de Lisboa, enquanto Património, pois este é um conjunto arquitetónico único, dado ser um dos poucos restantes na Europa. Na área em estudo, demolir pré-existências não deveria ser a prioridade, mas sim a reabilitação das mesmas, aproveitando a oportunidade de "fazer cidade" de forma sustentável, e não tentar criar uma edificação do estilo de Nova Campolide II, que apenas encerra a área sobre si própria. Em relação às restantes intervenções propostas pelo plano, acreditamos que seja possível que estas venham a fazer uma diferença positiva no local, melhorando todos os aspetos negativos mencionados acima.

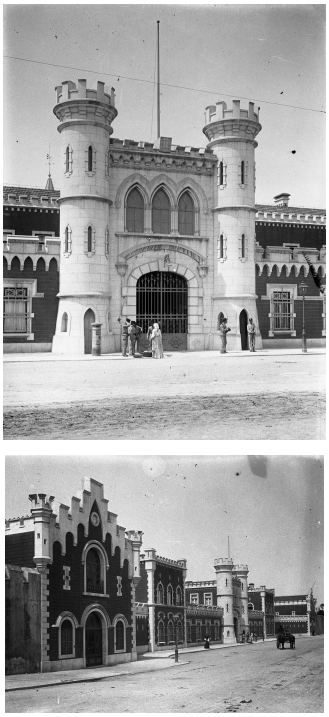


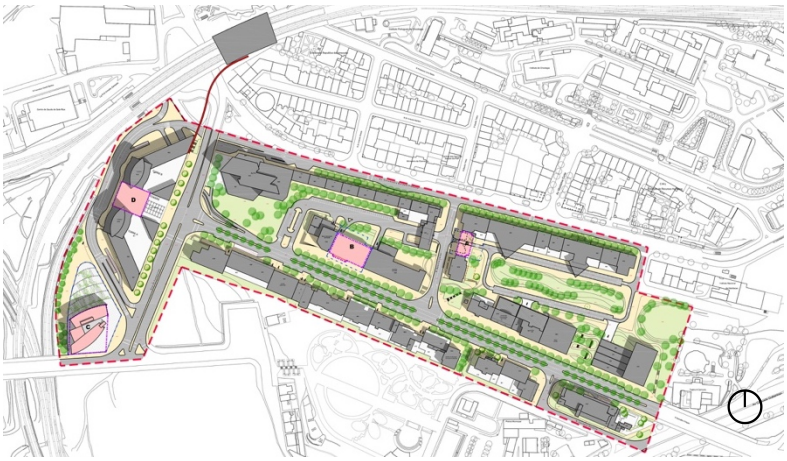
FIGURA 42 | *Estabelecimento Prisional de Lisboa, em 1913*

PP da Avenida José Malhoa

O plano em vigor, tem como limites: a **Norte** a Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, a **Nascente** o eixo da Avenida Calouste Gulbenkian, a **Sul** a extrema dos lotes a sul da Avenida José Malhoa e Rua Ramalho Ortigão e a **Poente** a

Linha Férrea. Nesta área, é importante ter em consideração, que a maioria da atividade que encontramos é de serviços terciários. Não existe qualquer sentido de continuidade urbana e espacial, o que não permite que a zona tenha uma identidade definida. No PDM, esta área, está classificada maioritariamente em duas classes: espaços centrais consolidados e espaços a consolidar. Isto explica o facto de os espaços não serem coerentes entre si, tendo naturezas distintas, como é a diferença entre a Avenida Columbano Bordalo Pinheiro e a Avenida José Malhoa. Enquanto a primeira tem uma vivência residencial, com edifícios de habitação e alguns serviços, complementados com o comércio no piso térreo, passeios largos e esplanadas; no segundo caso, verificamos que a avenida carece de requalificação espacial e ambiental. Nela predominam os serviços terciários, as ruas sem alma, com automóveis estacionados desorganizadamente em terrenos expectantes e caóticos. A tentativa de quarteirões verdes na franja que

FIGURA 43 |
Planta de apresentação do Plano de Pormenor da Av. José Malhoa



separa estas avenidas é uma realidade obsoleta e descaracterizada e, ao contrário do que seria suposto, estes não mantêm nenhum tipo de sistema ecológico com o Corredor Verde ou com o Jardim da Amnistia Internacional. “Do ponto de vista visual esta unidade urbana é a expressão de um processo de urbanização sem rumo certo, deixado à mercê de uma edificação fragmentada e de uma distribuição de usos e funcionalidades sem coerência urbana.”

Parece-nos ser essencial a requalificação de espaços públicos existentes, e ainda a reabilitação do edificado, procurando obter uma maior percentagem de habitação na área. De certa forma, pretendemos devolver a estas avenidas a escala humana que lhe foi retirada, ao implantar aí, as empresas e serviços hoteleiros, que apenas lhe conferem vivências passageiras. Uma das mais-valias desta área, é concentrar em si uma grande mistura de funções residenciais, comerciais e de serviços. Embora esta não esteja explorada da forma correta, dada a centralidade da zona, acreditamos que recorrendo a uma organização espacial e funcional, se poderia tirar um melhor partido deste *mix* de usos, em conjunto com a quebra de barreiras e melhoria das acessibilidades. Seria necessário melhorar a conexão entre os espaços, e colmatar alguns vazios urbanos existentes.

PP da Artilharia Um

O plano em vigor, tem como limites: a **Norte** a Rua Marquês da Fonteira, a **Nascente** a Rua da Artilharia Um, a **Sul** a Avenida Engenheiro Duarte Pacheco e a **Poente** a Avenida Conselheiro Fernando de Sousa e a Rua de Campolide. A área em estudo insere-se no centro da freguesia, numa zona privilegiada da cidade, próxima de uma grande variedade de comércio e serviços. É uma zona de franja, de interrupção de malhas, uma ilha por consolidar envolvida por cidade consolidada. A falta de estruturação e fragmentação da zona, é uma oportunidade de "fazer cidade" desaproveitada e como consequência existe um declínio urbano, que ocorre através da queda de população residente e atividades na área. É uma área com imóveis de interesse patrimonial, como o antigo Hospital Militar, agora Instituto Geográfico Português, e ainda o quarteirão da praça de Campolide e da Valenciana, que está classificado como Núcleo de Interesse Histórico. A Norte e a Oeste do plano temos o Sistema de Corredor Verde de Lisboa.

Este plano tem como principais objetivos a revitalização de um quarteirão central na Cidade, que está totalmente desaproveitado, relacionando-o com a sua envolvente, restabelecendo ligações entre espaço público e transportes e articulando-os internamente, funcionalmente e espacialmente, através do desenho urbano. Tendo, o presente plano, sido desenvolvido no ano de 2004, acreditamos que seria conveniente repensar as peças desenhadas, uma vez que estas estão desatualizadas em relação ao estado atual. Em termos de ocupação de solo, a estratégia habitação-comércio-serviços parece-nos ser favorável, embora o plano devesse apostar na inclusão de algum tipo de equipamento coletivo.

FIGURA 44 |
Planta de apresentação do Plano de Pormenor da Artilharia Um



|2.2.2| Planos em Elaboração

Neste caso descrevemos os planos de pormenor que se encontram em elaboração e ainda os que aguardam aprovação final. Como o PP da Quinta da Bela Flor (5.35) e ainda o PP do Bairro da Liberdade e Serafina. Bem como duas Unidades de Execução que aguardam aprovação: UE Praça de Espanha (8.2) e UE Conde Nova Goa.



FIGURA 45 |
Planos em elaboração. Ortofotomapa sem escala

PP da Quinta da Bela Flor

A área de intervenção do Plano tem como limites: a **Norte** a Calçada da Quintinha, a **Nascente** o Aqueduto das Águas Livres, a **Sul** a Avenida Engenheiro Duarte Pacheco e o acesso à Ponte 25 de Abril e a **Poente** a Avenida de Ceuta. Esta zona tem uma localização privilegiada, uma vez que se encontra no eixo de entradas e saídas da cidade, tem boa acessibilidade a todas as áreas de Lisboa e, ao mesmo tempo, está próxima do centro urbano e de uma grande quantidade de serviços, comércio e equipamentos. O facto de estar circundada por limites, teve como consequência o isolamento dos seus residentes: uma destas barreiras é o Aqueduto das Águas livres, monumento nacional, que deve ser preservado; assim como o forte declive existente na área, que pode ser observado em zonas como a encosta do Bairro da Bela Flor, até à Avenida de Ceuta e linha férrea; estas duas zonas são o limite que separa a área do plano e não permite que esta se conecte com o Parque Florestal de Monsanto, e ainda a Avenida Calouste Gulbenkian, que isola o polígono em relação a outras áreas de importância na freguesia, tal como a estação de Campolide.



FIGURA 46 |
Planta de localização do Plano de Pormenor da Quinta da Bela Flor

Este plano tem como principais objetivos evidenciar os pontos fortes da área de intervenção, aproveitando os vazios urbanos existentes, valorizando-os, assim como a reabilitação de edificado degradado, valorizando-o através de novas malhas urbanas. Deverá também tirar-se partido da sua localização perto de Monsanto, criando ligações para que estes territórios estejam em comunicação, bem como com a estação de Campolide. Reforçar a coesão espacial, sobretudo com vista a introduzir dinâmicas sociais saudáveis, através de espaços públicos, equipamentos coletivos (desportivos e educativos), e ainda espaços para o desenvolvimento de atividades económicas e comércio.

UE da Praça de Espanha

A área de intervenção da UE tem como limites: a **Norte** a Linha de Cintura, a Rua Professor Lima Basto e o IPO, a **Nascente** a Avenida de Berna e a tardoz dos edifícios da Rua Luís de Noronha, a **Sul** a Avenida Calouste Gulbenkian, a Praça de Espanha e a Avenida de Berna, e a **Poente** a Avenida Calouste Gulbenkian, a Avenida José Malhoa, o interior do quarteirão desta até à Rua Eduardo Malta, a Avenida Columbano Bordalo Pinheiro e a Rua Professor Lima

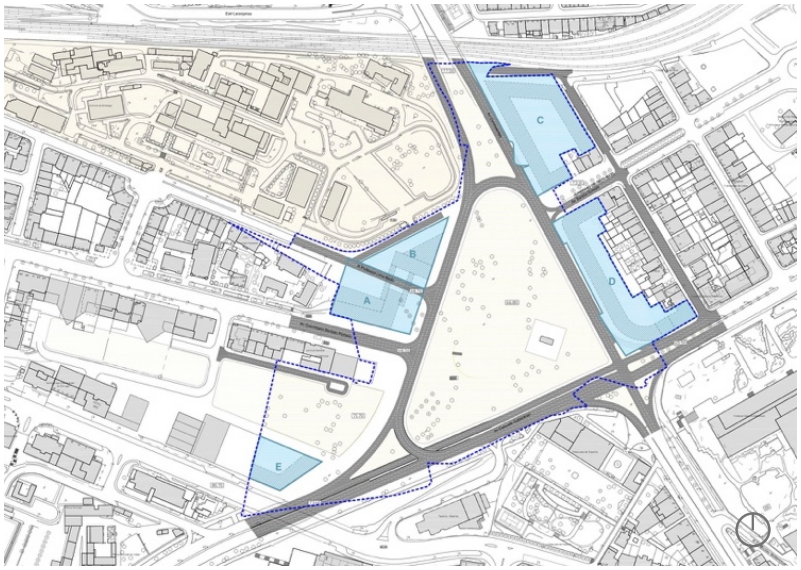


FIGURA 47 |
Unidade de Execução da Praça de Espanha

Basto. A Praça de Espanha é um espaço aberto na cidade, bastante amplo, embora encerrado por uma barreira de tráfego com vias de acesso rápido que não permitem a utilização do mesmo enquanto praça. O seu tecido urbano circundante é fragmentado e disperso: a praça carece de relação com os principais equipamentos que a circundam, como por exemplo a Fundação Calouste Gulbenkian, o Teatro Aberto, o Teatro A Comuna, o IPO... traduzindo-se numa estrutura urbana desarticulada e incoerente. Os espaços expectantes existentes são aqueles que permaneceram na franja entre o espaço central e os outros quarteirões já consolidados, mas que têm um papel fundamental na organização espacial do local.

O principal objetivo deste plano é consolidar o espaço público com a circulação viária envolvente. O espaço deve permitir a fluidez de tráfego nos pontos de confluência das vias - sendo esta é uma das principais estruturas viárias da cidade – e, da mesma forma, beneficiar a acessibilidade ao peão, ao uso dos espaços públicos e verdes. Está no plano, a intenção de devolver este espaço aos peões, através da criação de um parque urbano/praça pública, integrada na malha urbana, onde se poderão desenvolver atividades de lazer. O facto de o plano prever a demolição do Teatro A Comuna, é uma decisão que não está sustentada nos termos de referência, e que não acreditamos ser benéfico para a proposta.

PP do Bairro da Liberdade e Serafina

Este plano está delimitado a **Norte** e **Nascente** pelo Eixo Norte-Sul e pela Linha Férrea de Cintura e a **Poente** e **Sul** pelo Parque Florestal de Monsanto. A área deste plano é uma zona critica, em que a problemática das barreiras que existe em Campolide, se agrava e cria uma ilha isolada da restante cidade. Em conjunto com a forte pendente

orientada a Nascente, que termina na linha infraestrutural já mencionada, juntando o facto de todo o resto da área ser envolvida por Monsanto, temos a área com maior isolamento de toda a freguesia. Como ilha que é, é uma área com uma lógica interna social bastante funcional. Esta zona é definida por dois bairros, o Bairro Social da Serafina, legal, e o Bairro da Liberdade, ilegal. O primeiro é um bairro que funciona como uma pequena aldeia ou bairro rural. Devido à sua morfologia, foi desenhado com a forma de um anfiteatro; com o passar dos anos e o evoluir dos agregados familiares foi sofrendo alterações e acrescentos que alteraram, em grande parte, o seu conceito inicial. O segundo, onde a maioria das construções são ilegais e concentram um reduzido índice de habitabilidade dada a decadência das mesmas, está disposto nas encostas instáveis da pendente a Nascente, o que evidencia a necessidade de intervenção. Um dos elementos mais marcantes da área é o Aqueduto das águas Livres, que separa os dois bairros fisicamente. Este elemento, anteriormente, servia como passagem entre o centro de Campolide e a área de intervenção.



FIGURA 48 | *Edifícios nas encostas instáveis do Vale de Alcântara*



FIGURA 49 | *Localização do Bairro da Liberdade e Serafina, à direita e à esquerda do Aqueduto, respetivamente*

O principal objetivo deste plano será a requalificação do espaço degradado, com vista à reabilitação urbana, melhorando as acessibilidades da zona. Será também importante propor o remate do Corredor Verde, que termina em Monsanto, ao lado da área de intervenção. Este irá

melhorar a ligação pedonal do bairro com Sete Rios. Será necessário reabilitar o edificado e substituir alguns edifícios que se apresentam bastante degradados, mas mantendo a estrutura urbana preexistente (exceto nos casos em que os edifícios se encontrem em zonas de perigo de derrocada). Será também importante valorizar o enquadramento do Aqueduto e a recuperação paisagística da orla de Monsanto confinante com os dois bairros. Criar equipamentos e edifícios de uso coletivo, para que se possa reduzir o isolamento existente, conjugando o edificado com espaços públicos. Por último, criar ligações com a encosta oposta ao Vale de Alcântara.

UE Conde Nova Goa

A Unidade de Execução em estudo tem como limites: a **Norte** a Rua de Campolide, a **Nascente** a Rua de Campolide e a tardoz dos edifícios habituais que aí se situam, a **Sul** a Rua Conde Nova Goa e a **Poente** a Avenida Calouste Gulbenkian. A área de intervenção situa-se num terreno com uma localização privilegiada em termos de acessibilidade e possui vistas panorâmicas sobre o Parque Florestal de Monsanto, o Aqueduto das Águas Livres e o Vale de Alcântara. Hoje em dia é ocupada por construções degradadas, pertencentes ao antigo laboratório militar de Campolide, que está desativado e o seu edificado devoluto e cercado por mato. É um espaço intersticial e expectante que importa reconverter dada a sua localização prestigiada.



FIGURA 50 | *Edifício do antigo Laboratório e Farmácia militar*

Esta UE tem como principais objetivos a promoção e a regeneração urbana e uma área intersticial degradada, ocupada atualmente com construções em mau estado de conservação e desocupadas; promover o acréscimo de espaços públicos qualificados, com a consequente melhoria da qualidade da vivência urbana; promover a continuidade da

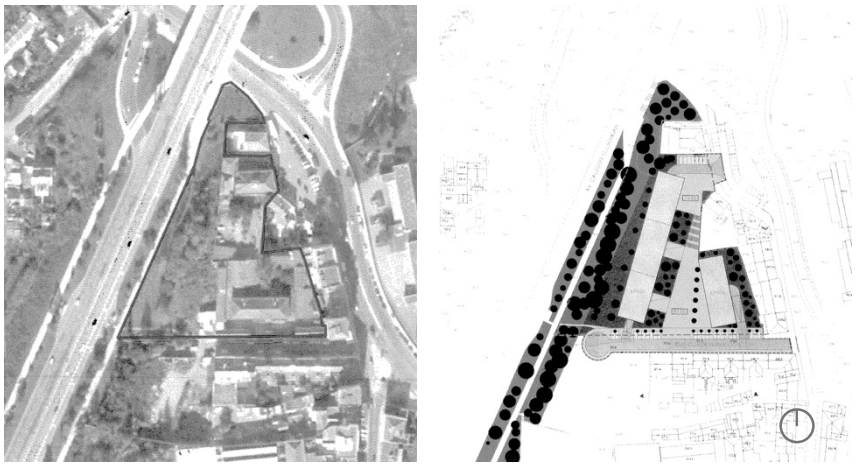


FIGURA 51 |
UE Conde Nova Goa: (a) planta de localização; (b) proposta

estrutura ecológica através da integração de espaços verdes urbanos e da consolidação do eixo arborizado na Avenida Calouste Gulbenkian, na continuidade do Corredor Verde de Monsanto; salvaguardar e valorizar as vistas estabelecidas e ainda organizar e criar estacionamento público. O desenho proposto tem como estratégia a implantação de dois blocos edificados, que na nossa opinião, não fortalecem o sítio, no que toca à relação com a envolvente. O edifício principal do Laboratório Militar, com fachada para a Rua de Campolide deveria ser mantido e reabilitado, devido à sua arquitetura de exceção e intemporalidade. O segundo bloco proposto na UE deveria assumir um diálogo mais forte com a Avenida Calouste Gulbenkian, de maneira a que não se traduza em apenas mais um limite nesta área, mas sim uma ponte de transição entre a grande avenida e o interior do complexo, onde se situará a praça de espaço público que dá continuidade à envolvente através do sistema ecológico existente e proposto.

3. PROJETO

|3.1| Estratégia e Proposta Urbana

Tal como descrito no capítulo anterior, as intenções e estratégias para a área de intervenção desenvolvem-se tendo em conta os princípios abordados nos planos existentes, procurando solucionar as questões que achamos pertinentes e alterando algumas das propostas dos planos descritos, consoante o fio condutor de todo o plano urbano proposto.

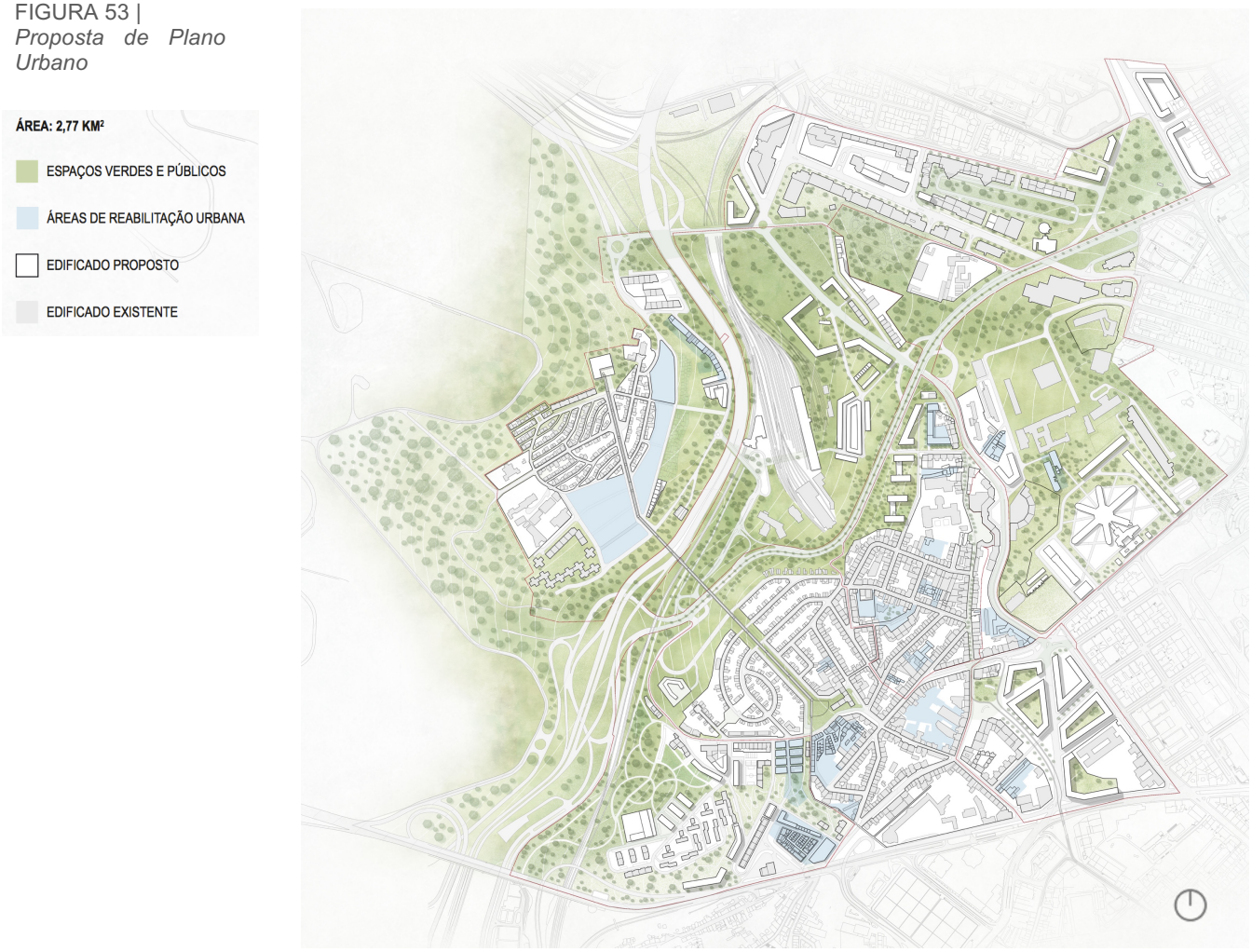
Foi desenvolvida uma metodologia de intervenção, aplicada à problemática dos tecidos urbanos complexos, em que é proposto o agrupamento de vários pontos focais e estratégicos em três diferentes tipos de intervenção, sendo eles: os **Planos de Pormenor**, as **Áreas de Reabilitação Urbana** e os **Projetos de Espaço Público**. É através da combinação destes três tipos de projetos, que propomos cozer - física, social, e funcionalmente – o território urbano no qual pretendemos trabalhar e que se caracteriza pela problemática descrita ao longo deste trabalho. Ao cobrir todo o território da freguesia e, através da sinergia estratégica de diferentes objetivos, propomos desenvolver um planeamento urbano, com a coerência em falta, e ainda concentrar-nos na resolução de diferentes tipos de problemas da área de intervenção.



FIGURA 52 |
Estratégia do Plano Urbano, com 2,77 km^2 de área

Segundo esta metodologia, e segundo o Regime Jurídico dos IGT's em Portugal, Artigo 91º, os **Planos de Pormenor** devem seguir os objetivos e condições da área, sendo importante definir e caracterizar a área de intervenção, as operações de transformação necessárias e as regras relativas às obras de urbanização; ainda traçar um desenho urbano com a definição dos espaços públicos e de circulação (viária e pedonal); distribuir funções e definição de parâmetros urbanísticos (índices, densidade de fogos, número de pisos e cérceas); catalogar cores e materiais a utilizar; especificar edificado a demolir, manter e reabilitar; definir as regras para ocupação do espaço público; implantar infraestruturas; dimensionar equipamentos; identificar os sistemas de execução do plano; e estruturar as ações de perequação compensatória.

FIGURA 53 | *Proposta de Plano Urbano*



"Por outro lado, dificilmente o PP (tal como as UOPG) pode escapar à geometria variável dos elementos de continuidade, cuja lógica transborda o polígono artificial que delimita a área do plano. E esta dependência real do entorno é decisiva para a coerência das mobilidades, da estrutura ecológica, dos serviços de proximidade ou dos elementos patrimoniais que, apesar de existentes, têm de ser tidos em conta." (**PORTAS**, 2011, p.165). Os PP desenvolvidos para a estratégia deste projeto foram os seguintes:



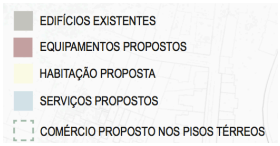
FIGURA 54 | *Áreas de Planos de Pormenor a definir na intervenção à escala macro*



FIGURA 55 | *Planta Índice de intervenção através de PPs*

O **PP do Campus de Campolide**, segue a linha do que foi falado anteriormente na análise e crítica ao plano desenhado e aprovado pela CML. É um espaço onde pensamos ser importante a criação de novos espaços públicos e a valorização das intenções do Corredor Verde, que tem bastantes qualidades e ao qual é dada uma importância pouco significativa. Supomos que o EPL, deve ter um uso apropriado à sua arquitetura, preservando a mesma, e tendo em conta o património de exceção que significa para a cidade. Deste modo propomos a sua utilização como um

FIGURA 56 |
Usos propostos para o PP do Campus de Campolide





equipamento de carácter cultural, com envolvente pública. e os edifícios obsoletos (uma vez que é das maiores carências da área). Propomos também o uso para comércio e serviços, de forma a trazer mais vida ao local, mesmo fora dos horários laborais.

No PP da Avenida José Malhoa, propomos a integração da área afeta à UE da Praça de Espanha (tal como o PDM de 1994 previa, ou o PP realizado para a zona em 2005), para que estes dois planos sejam desenvolvidos como um, de forma a reduzir a debilidade da imagem territorial, consequência da descontinuidade de espaços, incoerência do conjunto edificado, espaços verdes e ainda a conexão entre estes, seja ela viária ou pedonal. Assim, no **PP da Praça de Espanha,** é proposta uma rede de espaços públicos, incluindo a reabilitação de um parque central na Praça de Espanha, para que esta seja requalificada com o seu verdadeiro sentido de ‘praça’ e não apenas um espaço

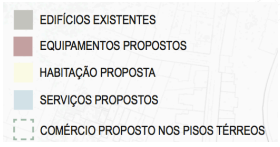


FIGURA 57 | *Proposta do PP da Praça de Espanha*

residual sem uso, envolvido em infraestruturas de tráfego pesado (a intervenção propõe melhorias em termos de fluidez do trânsito nesta entrada da Cidade). Com isto, propomos a conexão direta e acessível, de Sete Rios com a Avenida de Berna e a zona Este da Praça de Espanha, criando uma nova rede pedonal na cidade, que irá também integrar e complementar o projeto do Corredor Verde da cidade, na conexão da Praça de Espanha com a zona do Alto de Campolide, através da Avenida Calouste Gulbenkian. Propomos que este novo eixo traga à superfície a qualidade existente na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro para a Avenida José Malhoa e a sua envolvente. Criando um *mix* de usos, com habitação e comércio, tentando diluir um pouco a vida "passageira" que se vive nesta avenida de grandes hotéis e serviços. Para isto, é importante referir a tentativa de rematar os vazios urbanos da zona, com espaço público, melhorando as acessibilidades e atribuindo lotes para construção de habitação. No que toca ao património, decidimos manter o Teatro "A Comuna", porque nos parece ser um edifício de interesse público que pode ser reabilitado para outros usos.

No **PP da Artilharia Um**, a proposta passa por resolver o projeto, integrando a solução da CML, no projeto Uma Praça para Cada Bairro, podendo desta forma cozer a zona de cidade consolidada, de forma coerente, com a envolvente. A ideia essencial é no vazio urbano existente criar uma nova malha que agregue habitação, comércio e serviços, envolvida por espaço público, e que funcione como a extensão da praça

FIGURA 58 |
Permeabilidade entre pisos térreos na proposta do PP da Artilharia Um



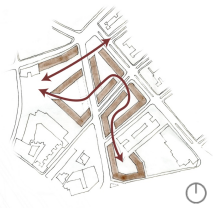


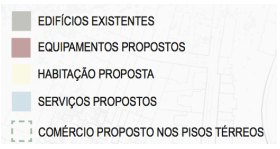
FIGURA 59 |
Proposta do PP da Artilharia Um



de Campolide, e das malhas vizinhas ao terreno expectante. Sendo esta a área prevista para abertura da estação de Metro de Campolide, passa pela proposta, a criação de um interface de transportes e ainda de um equipamento de uso coletivo, que melhore os usos e vivências de Campolide consolidada.

No **PP da Quinta da Bela Flor**, a estratégia passa por conectar esta área desqualificada e esquecida com o resto da cidade. Para isso são propostas ligações com as áreas mais desenvolvidas da freguesia, com o bairro de Campo de Ourique, e ainda com Monsanto, no âmbito da proposta do Corredor Verde do Vale de Alcântara. Para a zona do Bairro da Bela Flor, é proposto um equipamento de ensino básico

FIGURA 60 |
Proposta de Intervenção para o PP da Quinta da Bela Flor





pois as escolas que já existem, encontram-se fora do raio de acessibilidade regulamentar. Como consequência, existe um grande número de crianças e jovens que não completam a escolaridade obrigatória. Propomos ainda a reabilitação de um estacionamento obsoleto, para a ocupação de um equipamento desportivo, associado a uma rede de percursos de espaço público. É proposto um parque urbano e a requalificação das hortas existentes, criando terreiros agrícolas para a comunidade. Por fim, é proposta uma zona



FIGURA 61 | *Render da proposta para o parque urbano da Quinta da Bela Flor, integrado na proposta do Corredor Verde do Vale de Alcântara*

de serviços, junto à Avenida Duarte Pacheco, de maneira a acelerar o crescimento económico e visibilidade da zona. Nesta área será bastante importante apostar na reabilitação urbana, uma vez que o seu edificado se encontra degradado e em muito más condições, existindo várias vilas operárias e pátios, que necessitam de intervenções no sentido de melhorar a sua habitabilidade.

Para o **PP da Liberdade e Serafina**, a proposta passa pela demolição dos edifícios localizados nas encostas instáveis, criando hortas urbanas e zonas verdes nestes lotes que ficarão expectantes. Também é proposta a demolição de todas as habitações ilegais que não cumpram com o mínimo de condições de habitabilidade, realojando os residentes em edifícios projetados para o efeito. Reabilitar a zona das históricas Escadinhas da Liberdade e a sua envolvente na encosta, promovendo a acessibilidade e o espaço público. É também proposto o remate do Corredor Verde, na ligação deste com Monsanto, uma vez que não se encontra bem



FIGURA 62 | *Escadinhas da Liberdade em 1945*



FIGURA 63 | *Exemplo de uma maratona anual que ocorre no Aqueduto das Águas Livres, um uso que nos parece pertinente para dinamizar o monumento*

definida. E ainda a ligação deste último com o Corredor a criar no Vale de Alcântara. Por fim, a criação de um equipamento de enquadramento e interpretação do Aqueduto, sendo que propomos que esta ligação se mantenha aberta, com vigilância, nos períodos diurnos, melhorando a conexão, num diálogo constante de dinâmica entre Alto de Campolide – Aqueduto – Monsanto e Bairro da Liberdade. Nunca descuidando o facto de este monumento ser património, mas o facto de não ser utilizado também o fará cair em decadência e desuso.

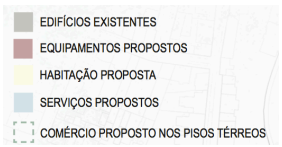


FIGURA 64 | *Proposta para o Plano de Pormenor do Bairro da Liberdade e Serafina*



No **PP da Estação de Campolide**, proposto por nós, será fundamental a reabilitação do Bairro do Tarujo, criando novos edifícios de comércio e habitação para a área. Ainda a criação de um parque urbano que dê continuidade desde o Jardim da Amnistia Internacional até ao Bairro da Liberdade



FIGURA 65 | *Proposta para o PP da Estação de Campolide*

e Monsanto, e ao mesmo tempo integre o sistema ecológico e a proposta criada para o Vale de Alcântara, prevista pela CML. Pensamos que será importante, alterar uma parte dos usos da ferrovia, integrando a zona verde proposta e criando um equipamento cultural, como um Museu Ferroviário. A melhoria dos acessos da estação de Campolide aos Bairros adjacentes é essencial, pois esta acaba por não ser utilizada devido ao seu isolamento. Deste modo propomos a revitalização da Estação de Campolide, com comércio, equipamentos e ligações com a envolvente, sejam estas pedonais ou através da melhoria dos transportes. A sua localização estratégica entre o Eixo Norte Sul e a Avenida Calouste Gulbenkian, como zona de entrada e saída na cidade, levam-nos a apostar no desenho de um parque de estacionamento "*park&ride*". Partindo da estação de





FIGURA 66 | *Proposta para a Estação de Campolide, projeto que irá integrar o Corredor Verde do Vale de Alcântara*

Campolide e apostando numa forte rede de transportes, de forma a conseguir uma melhor gestão e diminuição da

FIGURA 67 | *Planta da proposta para o PP Conde Nova Goa*



FIGURA 68 | *Maquete de estudo realizada para os edifícios de comércio e serviços propostos para o PP Conde Nova Goa*

FIGURA 69 | *Maquete de estudo realizada para os edifícios de comércio e serviços propostos para o PP Conde Nova Goa*

O **PP Conde Nova Goa**, adaptado por nós, abrande uma área maior do Bairro de Campolide que a UE proposta pela CML, pois achamos que, embora este seja considerado consolidado, a zona delimitada necessita de intervenção. A proposta passa pela reorganização do espaço público, do estacionamento e a reabilitação das ruas e acessos. Também se pretende requalificar o uso das áreas verdes do plano, recorrendo à expropriação de alguns blocos de indústria que

descaracterizam o local, tornando público o Jardim das Irmãzinhas dos Pobres, uma vez que não é utilizado e que consideramos ser um elemento essencial como área verde pertencente ao bairro. A Vila Operária e o Pátio do Gaspar serão reabilitados, propondo a sua abertura até aos novos arruamentos desenhados no plano, melhorando a acessibilidade e o trânsito da zona. Na Avenida Calouste Gulbenkian, propomos a reabilitação do espaço público e áreas verdes (em concordância com a proposta do Corredor Verde de Monsanto) e ainda um conjunto de edifícios afetos a comércio e serviços, de maneira a reanimar a área em questão, que se encontra marginalizada e obsoleta. No lote da antiga Farmácia do Exército, é projetada uma residência de estudantes, sendo que o edifício principal será reabilitado, para a criação de uma sala comum, e no restante lote, edifícios de habitação, que conferem um carácter mais habitacional à zona.

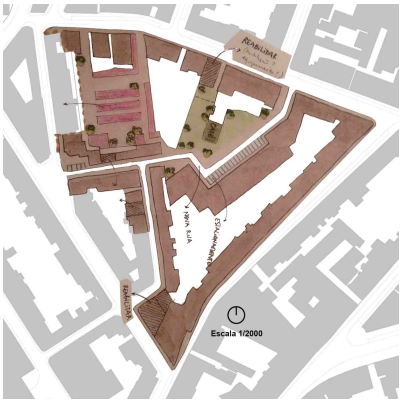


FIGURA 70 | *Esquisso de proposta para uma ARU, num interior de quarteirão público que se encontra obsoleto, reativando o antigo mercado e criando espaço público*

No caso das **Áreas de Reabilitação** (ARU), na estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa, são definidas como "a área territorialmente delimitada que, em virtude da insuficiência, degradação ou obsolescência dos edifícios, das infra-estruturas, dos equipamentos de utilização coletiva e dos espaços urbanos e verdes de utilização coletiva, designadamente no que se refere às suas condições de uso, solidez, segurança, estética ou salubridade, justifique uma intervenção integrada, podendo ser delimitada em instrumento próprio ou corresponder à área de intervenção de um plano de pormenor de reabilitação urbana." Tal como a sua definição indica, algumas das ARU's traçadas neste trabalho pertencem a um PP pré-definido, onde acreditamos que seja necessária uma atenção e desenho especializado; e existem ainda outras com área traçada pelo instrumento próprio. O seu principal objetivo como instrumento estratégico neste trabalho passa por tornar estas áreas em centros focais de desenvolvimento que, ao serem reabilitadas, irão regenerar as suas envolventes.

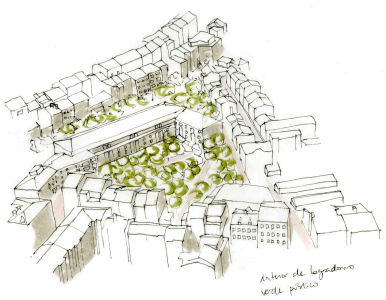
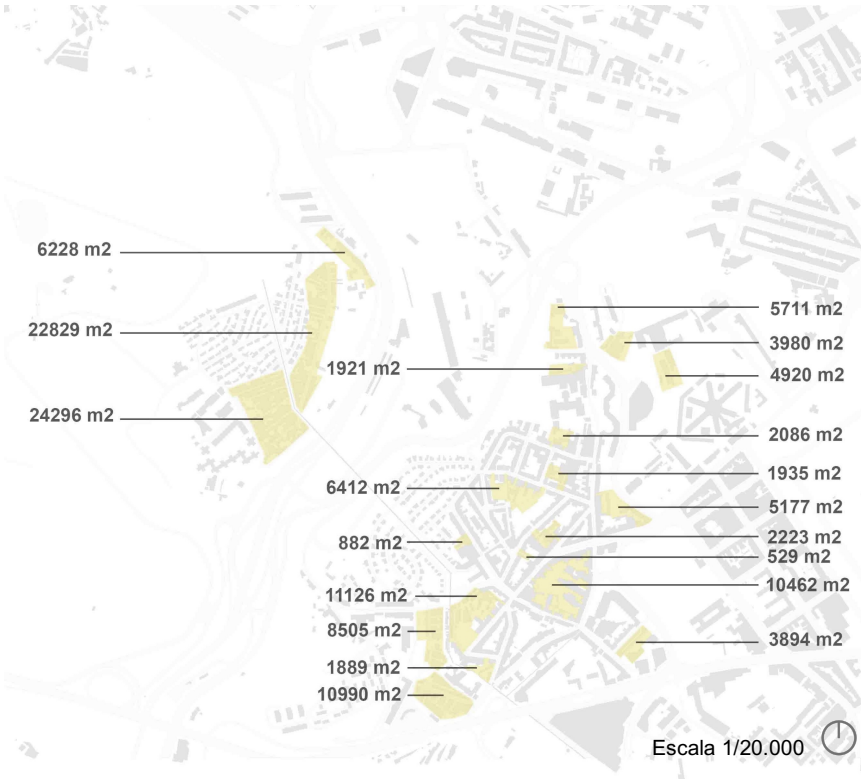


FIGURA 71 | *Desenho da mesma ARU referida na figura anterior*

FIGURA 72 |
Áreas de Reabilitação Urbana, que atuam a uma escala micro na estratégia do Plano Urbano



FIGURA 73 | *Planta Índice de intervenção através de ARUs*



Por último, propomos os **Projetos de Espaço Público** que, como se pode verificar através dos projetos de referência, são pequenos projetos de reabilitação que numa escala micro, ajudam a revitalizar novos focos de comércio ou zonas obsoletas, mas numa escala macro, criam uma rede de espaços que cozem e estruturam as duas intervenções mencionadas anteriormente. Transformando o espaço negativo (sem forma, residual e de 'restos' do edificado) em espaço positivo, pois a sua forma é tão importante quanto a dos edifícios envolventes.

FIGURA 74 |
Desenho de ambiente exemplificativo de intervenção num projeto de Espaço Público





FIGURA 75 |
Projetos de Espaço Público, estruturantes, que atuam na escala macro e micro, cosendo o tecido urbano



FIGURA 76 | *Planta Índice de intervenção através de PEPs*

No fundo, pretende-se com esta estratégia, e tendo em conta o tecido urbano complexo em estudo, dar respostas multifuncionais às problemáticas que o sítio nos coloca, ficando estas aptas a ultrapassar evoluções, disfunções e crises, através da multiplicidade dos espaços, usos e funções, conservando ao máximo os valores simbólicos e patrimoniais da cidade histórica.

|3.2| Rua de Campolide

Neste subcapítulo pretende-se fazer a contextualização e desenvolvimento de soluções projetuais para a zona, onde decidimos intervir, na escala micro. Numa primeira parte, será feita uma análise física, social e funcional da Rua de Campolide. Em seguida, será explicada a estratégia utilizada e as opções de projeto para a solução da problemática e consequente resolução do projeto de espaço público na rua.

|3.2.1| Análise da Rua de Campolide

A Rua de Campolide é uma rua histórica na Freguesia, sendo considerada um dos epicentros de crescimento do Bairro Alto de Campolide. Pode considerar-se um eixo de ligação entre Sete Rios e as Amoreiras, fragmentado em cinco partes de identidade distinta. Com um carácter fortemente marcado pelo comércio, hoje em dia, a rua representa a decadência comercial afetada em grande parte pelo aparecimento dos veículos motorizados e pelo consumo de grande escala, nas superfícies comerciais.

Como já foi referido, na análise do edificado elaborada pelo Censo (2011), 89% do edificado da freguesia é de uso exclusivamente residencial. Após a análise de usos do edificado na Rua de Campolide, registamos que nesta ocorre o contrário. Ou seja, esta é constituída, na sua grande maioria, pelo uso habitacional, com comércio ao nível do piso térreo. O primeiro troço de rua, como se vê na imagem, é descaracterizado, sendo o remate da Avenida José Malhoa, e serve de acesso às galerias *Twin Towers*, edifícios de superfície comercial nos pisos inferiores e habitação nos superiores. O segundo troço, é definido por uma zona mais rural, onde existiam barracas e foi criada a Quinta pedagógica de José Pinto, e vai até ao viaduto da Av. Calouste Gulbenkian. Esta área tem grande parte do edificado em abandono, e uma mistura de épocas de construção distintas, o que confere uma imagem pouco coerente e irregular ao sítio. O terceiro troço é uma zona onde converge a grande Av. Miguel Torga, e uma das saídas da Av. Calouste Gulbenkian, junto ao muro cego da Escola Querubim Lapa, sendo por isso uma zona sem grandes vivências e de tráfego viário. O quarto troço de rua, será aquele em que nos iremos centrar neste trabalho, que parte do cruzamento da Avenida Miguel Torga com a Rua de Campolide, até ao cruzamento desta com a Rua Marquês da Fronteira. Por fim, temos o troço da Praça de Campolide, onde está a ser realizado o projeto, Uma Praça em Cada Bairro, pela CML.

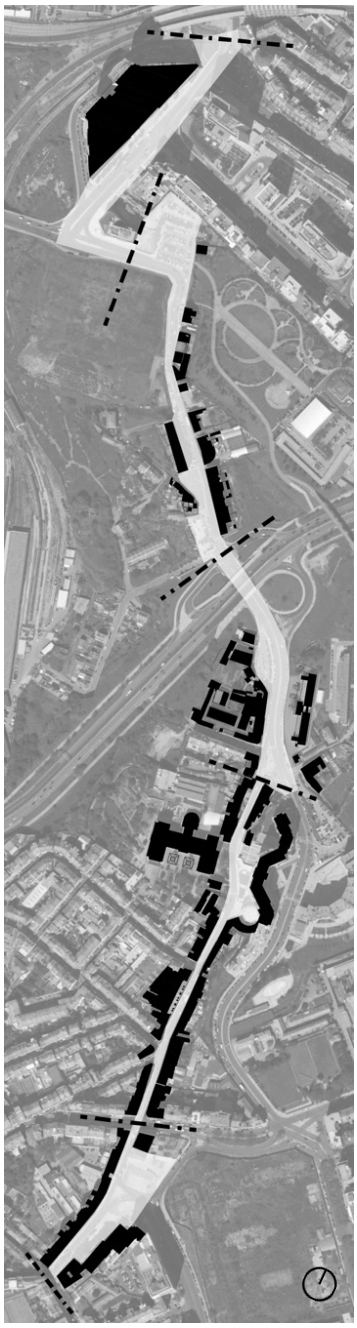


FIGURA 77 | *Diagrama ilustrativo da análise da rua de Campolide, e as cinco realidades distintas que a caracterizam*



FIGURA 78 | *Estratégia do programa Uma Praça em Cada Bairro, para a nova Rua de Campolide*







FIGURA 79 | *Passeios da Rua de Campolide, com dimensões desadequadas, sem lancil de separação na via e com excesso de obstáculos no percurso*

O troço a analisar para este trabalho, tem uma grande quantidade de zonas comerciais no piso térreo, que têm vindo a ser abandonadas, por perda de viabilidade económica no local. Uma das maiores problemáticas na zona é a acessibilidade da rua, esta encontra-se bastante descuidada, com o pavimento inseguro e degradado. Tendo em conta que grande parte da população se encontra envelhecida, esta inacessibilidade contribui para o abandono dos espaços públicos, da vida de rua, e consequente crise no comércio local. Depois de uma análise, constatámos que alguns dos passeios não cumprem as dimensões mínimas regulamentares, e ainda que, muitas vezes, a faixa de rodagem é maior do que seria necessário. Isto espelha a problemática tratada neste trabalho, acerca da hierarquia invertida na priorização veículos *versus* peões. Para além de pequenos, muitas vezes estes passeios são cobertos com dissuasores e postes de iluminação, piorando ainda mais este problema da acessibilidade. O ruído é outro problema grave desta rua, uma vez que o trânsito é muito intenso. Apesar do troço em questão ser uma rua com tráfego condicionado a residentes e veículos de emergência, poucos veículos o respeitam. Também o estacionamento abusivo e as paragens de cargas e descargas em segunda fila, contribuem para a criação de um ambiente agitado e ruidoso. A principal atividade económica da rua é o comércio de automóveis e



FIGURA 80 | *Estratégia e Princípios de Intervenção do Projeto de Pavimentar Lisboa*

peças de mecânica. O que acaba por tornar grande parte dos pisos térreos em garagens ou *stands*. Estes fatores agravam a problemática entre automóveis e uso indevido de passeios, contribuindo para a falta de desenvolvimento do espaço público.







FIGURA 81 | *Falta de mobiliário urbano traduzida na falta de conforto*

Verifica-se uma ausência acentuada de mobiliário urbano para que os residentes se possam apropriar do espaço. Os pequenos espaços públicos existentes que vamos descobrindo ao descer a rua, são sujos, e impróprios para uso, tal é o seu estado de degradação. A falta de infraestruturas eléctricas, acaba por denegrir a imagem da rua, pois estas instalações são feitas por uma passagem exterior, atravessando transversalmente a rua. A falta de iluminação também altera o ambiente de segurança que a rua deveria prestar aos seus residentes. Pensamos também que o facto de existirem muito poucas árvores e espaços verdes é um fator negativo, numa rua que poderia ter um enorme potencial.

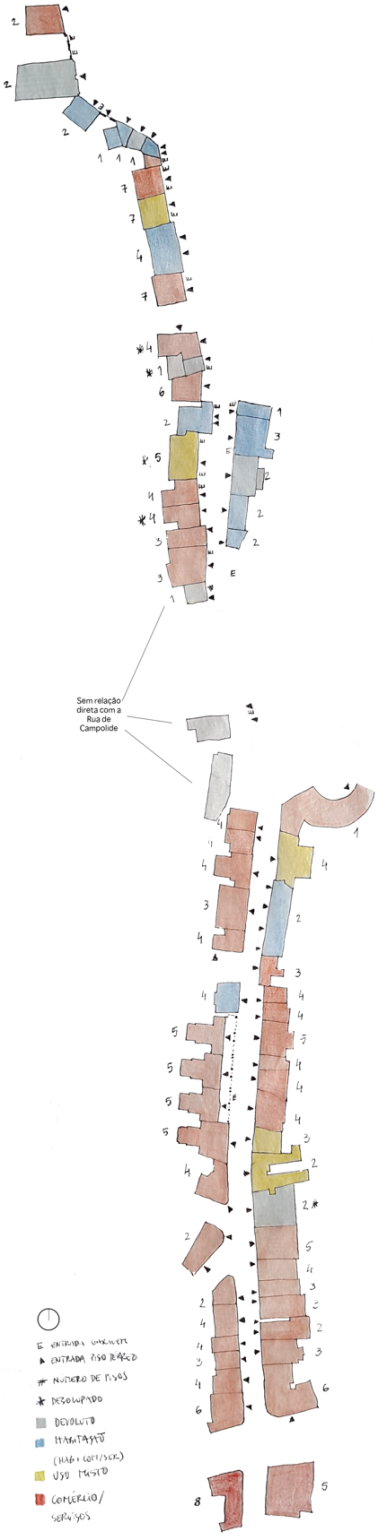


FIGURA 82 | *Planta de levantamento funcional dos pisos térreos e número de pisos dos edifícios da Rua de Campolide*

|3.2.2| Estratégia e Projeto de Reabilitação do Espaço Público

O conjunto de intervenções propostas visa, através da reabilitação do espaço público da Rua de Campolide e respetivas praças, regenerar a rua e inverter a crise do comércio, protegendo o espaço público dos habitantes. Para a solução do espaço público da rua e praças criadas, procurou-se trabalhar a interdisciplinaridade nas intervenções e na gestão dos espaços projetados, de maneira a construir um conceito e identidade do lugar coerente com a imagem urbana à escala da Cidade.

A metodologia adoptada para a realização desta proposta passou por uma observação e levantamento *in loco* do edificado e usos existentes na rua. Foi realizada uma planta, através do levantamento de todos os pisos térreos da rua, que nos deu as diretrizes de intervenção, podendo planear, ao pormenor, toda a implantação de árvores, iluminação, escolha de materiais, e usos propostos no edificado obsoleto.



FIGURA 83 | *Metodologia: levantamento de todos os pisos térreos da Rua de Campolide.*

A primeira intervenção a planear para o espaço foi o desenho de uma rua com os parâmetros de acalmia de tráfego, nomeadamente as zonas 30. Propusemos a alteração do sentido viário em algumas ruas do Bairro de Campolide, conferindo à rua um sentido aproximado da via partilhada, com atividades pedonais e veículos na mesma superfície, em que, sem banir o carro, é dada a prioridade ao peão. Embora a rua seja acessível aos automóveis e a ciclistas, o peão domina o espaço, fazendo os veículos sentirem-se invasores do espaço do peão, e circulando com mais tranquilidade. Para isto decidimos projetar toda a rua, ao nível do passeio, como aviso aos veículos que entram na zona partilhada, e para que o peão se sinta livre de apropriar todo o espaço, não detectando desníveis, nem conotações de usos para peões/automóveis. Da mesma forma, não existem estacionamentos na via, atravessamentos formais (apenas nas entradas/saídas da rua de Campolide, para as suas transversais), nem sinalização vertical que caracteriza uma obstrução da via a favor do automóvel.

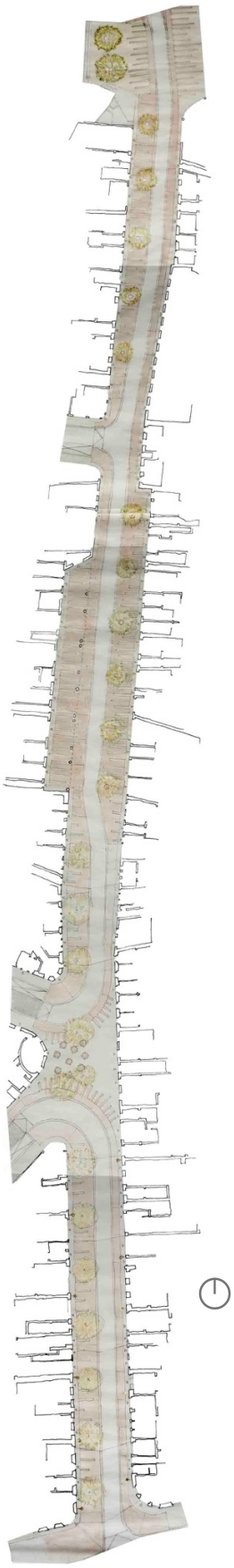


FIGURA 84 | *Esquisso representativo da proposta na Rua de Campolide*



FIGURA 85 | *Planta e Alçado da Proposta da de Rua de Campolide*

O principal foco da intervenção é melhorar as acessibilidades, reabilitando e reconstruindo os pavimentos, de forma a melhorar consideravelmente o ambiente urbano. O pavimento foi criado de forma a interagir multidisciplinarmente, com todos os atores; foram deste modo tidas em conta as seguintes premissas: tornar os passeios mais seguros e confortáveis; distribuir usos e funcionalidades de pisos térreos e espaço público de exceção; introduzir escala nos respetivos espaços; dinamizar visualmente o ambiente espacial, bem como o tacto, através das texturas do pavimento.[28]



FIGURA 86 | *Render de zona de exceção da galeria na Rua de Campolide*

[28] "Using materials to add further parallel lines gives greater definition to the change of function, and has a decorative effect." (**CARMONA**, et al., 2003, p.160).

De forma a tornar o espaço público mais dinâmico, foram introduzidas árvores, que contrastam com o edificado estático, trazendo movimento à rua. Para melhorar o sentimento de segurança dos peões, propusemos a alteração da luminária de toda a rua, adoptando um método de iluminação aplicada nas fachadas, de forma a não criar obstáculos e não romper com a continuidade do espaço público. As luzes foram dispostas intercaladamente, criando um jogo de luz; e o facto de estarem a quatro metros de altura do chão, confere uma sensação de maior segurança, iluminando melhor o percurso da rua. É também proposto mobiliário urbano adequado, como bancos, esplanadas do respetivo comércio da rua, e ainda um quiosque que remata uma zona problemática, onde existia um muro cego que acumulava bastante lixo e maus cheiros. A rua proposta tem um perfil tipo de exceção, uma vez que os coletores de águas são substituídos por um escoamento centralizado, através de uma calha de drenagem linear.

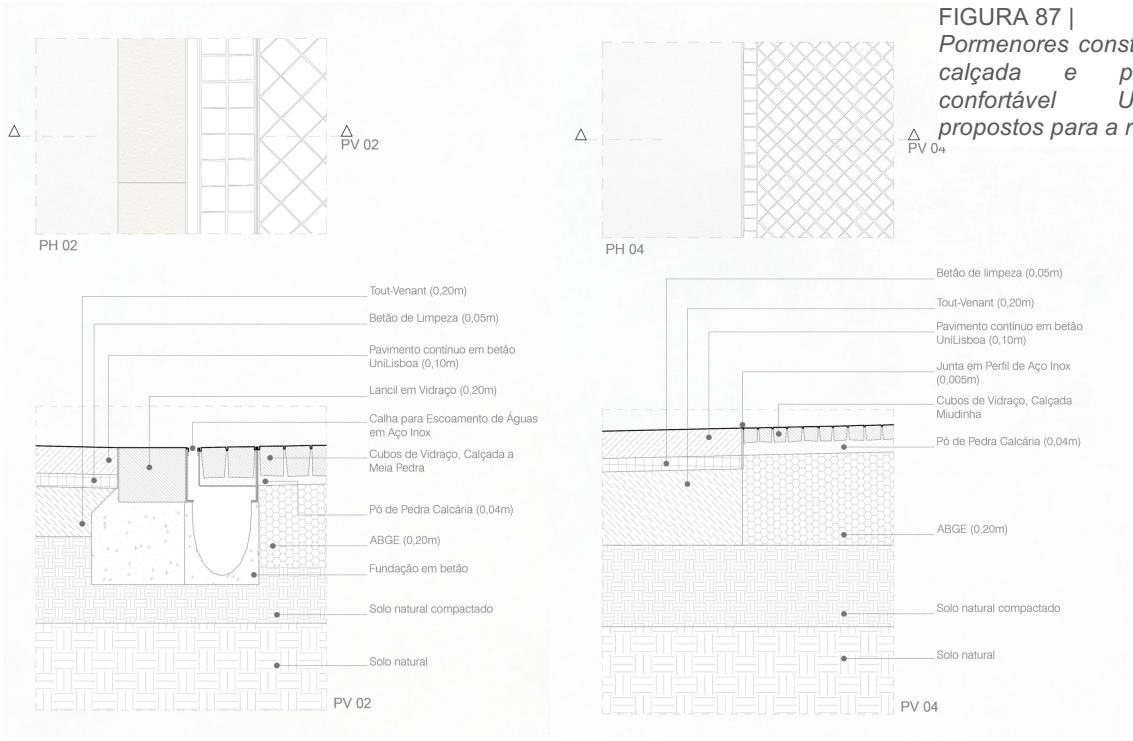


FIGURA 87 | *Pormenores construtivo da calçada e pavimento confortável UniLisboa, propostos para a rua*

Foram planeados, dentro do percurso proposto para a rua, quatro espaços distintos de exceção, que interrompem propositadamente o perfil tipo constante de toda a rua. No

fundo são praças, algumas já existentes, melhoradas e que criam zonas de estar e de carácter mais atípico. Nestas, o pavimento altera-se, a iluminação passa a reger-se pela materialidade do pavimento e pelos usos da zona em questão. O percurso, realizado desde a Valenciana ao cruzamento da Avenida Miguel Torga, vai sendo interrompido por estas áreas com uma leitura diferenciada do resto da rua, o que confere dinâmica e qualidade urbana, ao lugar.





FIGURA 88 | Espaço residual da Rua de Campolide, onde se acumula lixo, e onde propomos o remate destes dois muros cegos com a implementação de um quiosque desenhado na proposta da Rua



FIGURA 89 | *Render de zona de exceção representada nas fotografias acima, onde é proposto um quiosque na Rua de Campolide*

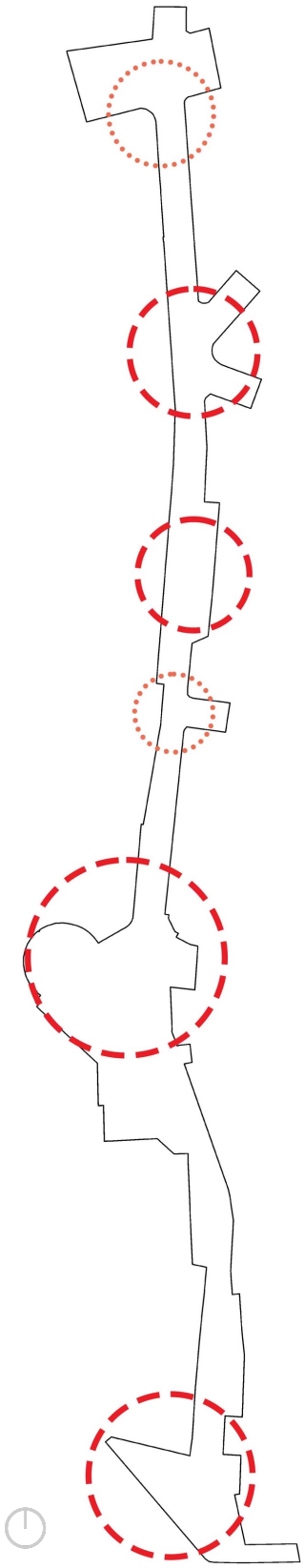


FIGURA 90 | *Diagrama conceptual dos espaços de exceção e espaços de cruzamento a resolver na proposta*



FIGURA 91 |
Render da Rua de Campolide, num ambiente de comércio e mercado temporal

Com esta proposta, um dos principais objetivos seria a reanimação dos pisos térreos e do comércio de rua, obtendo um diálogo forte entre pisos térreos e o espaço público, numa troca em que o comércio se apropria da rua, e esta se estende para dentro do edificado.



FIGURA 92 | *Render da praça criada na Rua de Campolide, equipada com esplanada e zonas de estar*

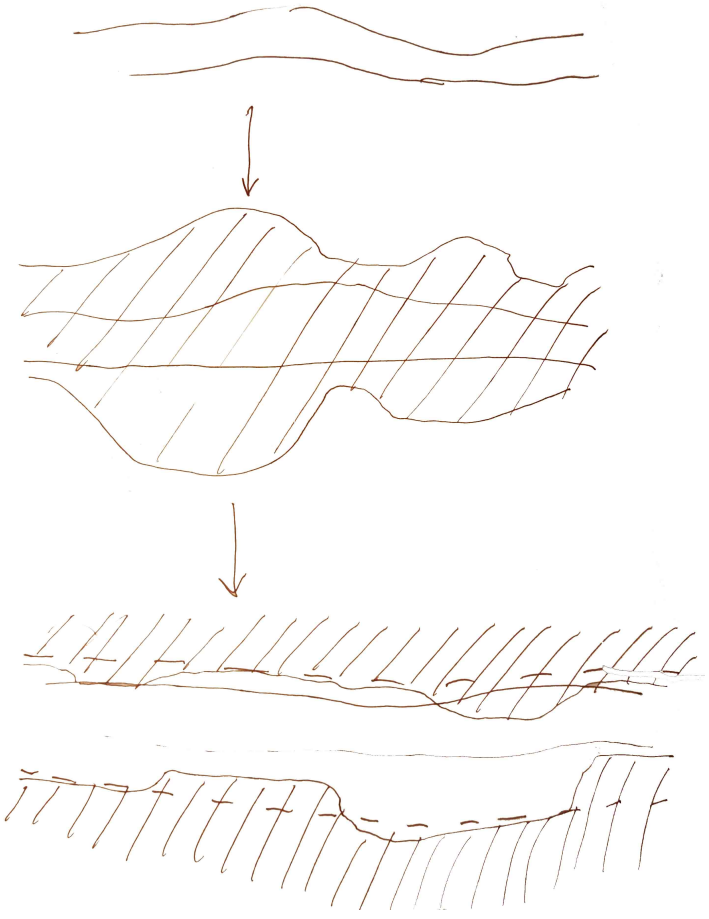


FIGURA 93 |
Diagrama em esquisso do diálogo proposto entre os pisos térreos da rua e o espaço público: (a) limites da rua; (b) espaço público apropria-se dos pisos térreos; (c) o edificado e as suas funções ocupam a rua

CONCLUSÃO

Para a realização deste trabalho, procurámos uma relação constante entre o suporte teórico e o prático, utilizando os conceitos estudados, numa reflexão das propostas de desenho, e linhas condutoras do projeto, ou até nos princípios programáticos a definir.

"Na busca por um espaço urbano mais legível e apropriável torna-se essencial pensar a sua **estrutura**. Da abstracção à realização concreta, a estrutura une ideias ou elementos isolados formando uma entidade coerente (Balmond, 2003, p.575). É o esqueleto, a definição dos vários componentes e do modo como eles se articulam na criação de um todo uno e reconhecível. A estrutura ordena a ocupação e o funcionamento do território, ao mesmo tempo que o torna inteligível para o sujeito, ao promover a criação de um mapa mental que lhe permita saber, a cada momento, onde está em relação ao todo (Lynch, 1981), que lhe permita compreender, apropriar, habitar o espaço. (Bollnow, 1963)." (**PORTAS**, 2011, p.187).

Com o presente trabalho e os temas abordados ao longo da investigação, entendemos os tecidos urbanos das cidades, como o resultado de um sistema complexo de relações. Estes devem ser intervencionados, recorrendo a uma metodologia e estudo prévio, que reflita a tentativa de coordenar todas as suas características simultaneamente, apresentando soluções para corrigir a fragmentação do tecido e a sua falta de continuidade. Para isto, parece-nos essencial a capacidade de entender a cidade herdada e o traçado do passado, refazendo a cidade sobre si mesma, de maneira a contribuir para a produção de espaços coerentes e legíveis, mesmo numa realidade de diversidade de traçados.

A reabilitação urbana é um fenómeno dinâmico que

opera em vários níveis, simultaneamente, e serve de gatilho para a regeneração da cidade.

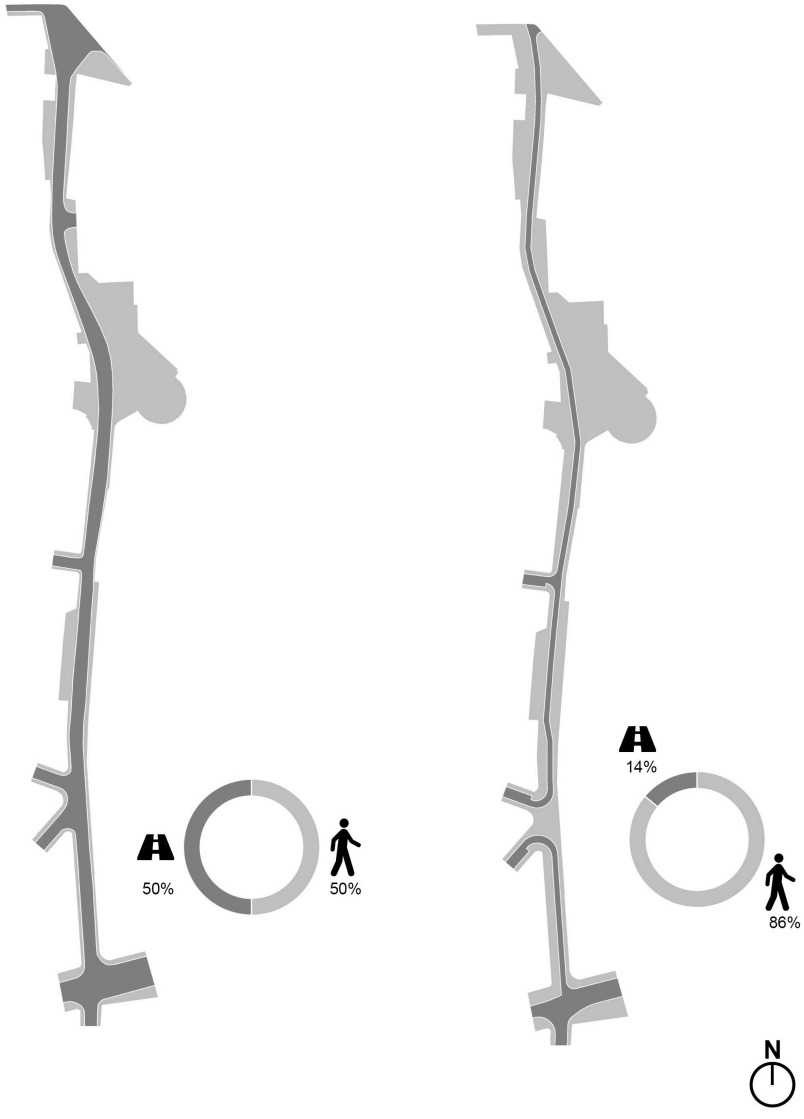
O espaço público, como parcela estruturante do tecido urbano, tem um papel fundamental para a reabilitação urbana, uma vez que é através deste que se estabelecem ligações e conexões de zonas da cidade com carácter distinto. Estes sistemas lineares e conceptuais, comportam uma lógica de articulação entre o espaço público e redes ambientais, contribuindo para a paisagem e sistema ecológico e húmido da cidade.

A metodologia criada para o desenvolvimento do projeto urbano, e que nos levou à solução da Rua de Campolide como espaço público estruturante (numa escala micro), permitiu-nos retirar algumas conclusões sobre o sítio. Entendemos que, ao analisar os tecidos por consolidar, estes se encontram, maioritariamente, envolvidos e delimitados por barreiras ou infraestruturas. Percebemos também que, ao cruzar a primeira planta estratégica (FIGURA 52), com o esquisso de estudo dos tecidos consolidados e por consolidar (FIGURA 34), a mancha de Planos de Pormenor propostos, corresponde, em grande parte, a áreas de tecido urbano por consolidar, e consequentemente, às zonas delimitadas por quebras de continuidade espacial, social e funcional. Verificamos também, que as propostas para as áreas de reabilitação urbana definidas, correspondem, sobretudo, a intervenções micro, nas zonas de cidade consolidada (FIGURA 67). Por último, os projetos de espaço público, são o elemento agregador da cidade e das propostas anteriores: conectando e diluindo a rede da cidade numa realidade interligada e de conjunto.

O projeto é definido pela criação de um espaço público que se dilui com o edificado envolvente, numa tentativa de gerar a apropriação do espaço - o uso permanência no espaço público, tornando a rua mais acessível e confortável.

Com uma sucessão de espaços públicos de exceção, que garantem ao olhar a dinâmica de uma cidade em constante movimento, mas coerente e legível. “Refazendo” a rua de Campolide como espaço canal, espaço de abrigo para diversas funções, e elemento central no suporte da cidade e das vivências das pessoas, acreditamos contaminar positivamente a envolvente.

FIGURA 94 |
Análise da percentagem de m2 para peões e para veículos, antes e depois da intervenção proposta neste trabalho



É importante refletir sobre as relações estabelecidas entre o espaço público e o espaço privado, bem como os ambientes urbanos resultantes das mesmas. O diálogo público/privado é um objetivo que se pretende atingir na

organização e desenho da cidade. É através dele que se permite criar uma rede conexa que envolve a cidade; contrariando o efeito *puzzle* que verificamos existir nas cidades contemporâneas.

A relação da rua com os pisos térreos ganha uma importância acrescida, na medida em que, ao analisar a Rua de Campolide entendemos, no sentido prático, a problemática do diálogo entre público e privado. Este diálogo mal estabelecido, levou ao declínio económico da rua, uma vez que a falta de conforto, foi a causa impulsionadora para o abandono do comércio. Este fenómeno, agravou as relações sociais, que tendem a desaparecer, levando ao desaparecimento da convivência e consequente espaço público. Com vista a contrariar este fenómeno, é proposta uma diluição dos limites entre o que é público e privado, criando um espaço intermédio, mediador de ambos. Assim, esperamos que o privado se aproprie do público, e que este último se abra, tirando partido do exterior.

BIBLIOGRAFIA

| GERAL |

ALEXANDER, C. (1977). *A Pattern Language*. Oxford University Press. Oxford.

ALLEN, M. (2011). *Ideas that Matter: The Worlds of Jane Jacobs*. Island Press. Washington D.C.

AMADO, A. (2014). "O Tecido de Sobreposição", pp. 117-139 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014b). *Cadernos de Morfologia Urbana: O Tempo e a Forma*. Argumentum. Lisboa.

ASCHER, F. Novos Princípios do Urbanismo / Novos Compromissos Urbanos. Livros Horizonte. Lisboa.

AUGÈ, M. (2009). Não Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. 90 Graus Editora. Lisboa.

BRANDÃO, P. - Coord - (2000). *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. Centro Português de Design. Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa. (2010). Carta dos BIP/ZIP: Relatório da Consulta Pública. CML. Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa. (2011). Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa 2011/2024. CML. Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa. (2013). LX-EUROPA 2020: Áreas de Intervenção na Cidade de Lisboa. CML. Lisboa.

Câmara Municipal de Lisboa. (2016). Lisboa: O Desenho da Rua. Manual de Apoio a Projeto e Obra de Espaço Público. CML. Lisboa.

CANIGGIA, G.; **MAFFEI**, G. (1995). *Tipología de la Edificación, Estructura del Espacio Antrópico*. Celeste Ediciones. Barcelona.

CONSIGLIERI, C.; et al. (2000). Pelas Freguesias de Lisboa: Campolide ... Avenidas Novas. CML. Lisboa

CARMONA, M.; et al. (2003). Public Places – Urban Spaces: The dimensions of Urban Design. Architectural Press. Oxford.

COSTA LOBO, M. (1989). "Plano de Salvaguarda e Valorização de Ajuda-Belém.", *in Sociedade e Território*, Ano 4, Nº10, pp. 76-84.

CULLEN, G. (1983). *Paisagem Urbana*. Edições 70. Lisboa.

DIAS COELHO, C. – Coord. – (2014a). *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos*. Argumentum. Lisboa.

DIAS COELHO, C. – Coord. – (2014b). *Cadernos de Morfologia Urbana: O Tempo e a Forma*. Argumentum. Lisboa.

DINIS, P. – (2014). *Uma Praça em Cada Bairro: Intervenções em Espaço Público*. CML. Lisboa.

DOMINGUES, A. (2007). "O Portugal Urbano"; "As Dimensões Críticas das Políticas Territoriais", pp. 24-93 *in* **PORTAS**, N. – Coord. – (2007). *Políticas Urbanas I: Tendências, Estratégias e Oportunidades.* Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

FERNANDES, S. (2014a). "A Malha", pp. 37-57 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014a). *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos*. Argumentum. Lisboa.

FERNANDES, S. (2014b). "Fundação e Evolução dos Traçados Urbanos", pp. 71-93 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014b). *Cadernos de Morfologia Urbana: O Tempo e a Forma*. Argumentum. Lisboa.

FERRÃO, J. (2007). "Intervir na Cidade: Complexidade, Visão e Rumo", pp. 218-225 *in* **PORTAS**, N. – Coord. – (2007). *Políticas Urbanas I: Tendências, Estratégias e Oportunidades.* Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

GEHL, J. (1987). *Life Between Buildings: Using Public Space*. Van Nostrand Reinhold Company. Nova Iorque.

GEHL, J. (2004). *Places for People*. City of Melbourne. Melbourne.

GUERRA, I. (2007). "Tensões do Urbanismo Quotidiano", pp. 236-251 *in* **PORTAS**, N. – Coord. – (2007). *Políticas Urbanas I: Tendências, Estratégias e Oportunidades.* Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

JACOBS, J. (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. Random House. Nova Iorque.

JUSTO, R. (2014). "O Diacronismo do Tecido", pp. 51-69 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014b). *Cadernos de Morfologia Urbana: O Tempo e a Forma*. Argumentum. Lisboa.

LE CORBUSIER. (1993). *A Carta de Atenas.* Editora USP. São Paulo.

LEITE, J. (2014). "A Parcela", pp. 145-163 *in* **DIAS COELHO**,

C. – Coord. – (2014a). *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos*. Argumentum. Lisboa.

LYNCH, K. (1960). *The Image of the City*. The MIT Press. Cambridge.

LYNCH, K. (1981). *A Theory of Good City Form*. The MIT Press. Cambridge.

MONTEYS, X.; et al. (2012). *Rehabitar en nueve episódios*. Lampreave. Barcelona.

MONTEYS, X. (2014). "O Edifício Comum", pp. 189-205 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014a). *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos*. Argumentum. Lisboa.

PANERAI, P. (2004). Urban Forms: The Death and Life of the Urban Block. Architectural Press. Oxford.

PEREIRA, P. (2014). "O Edifício Sigular", pp. 165-187 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014a). *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos*. Argumentum. Lisboa.

PORTAS, N. – Coord. – (2007). *Políticas Urbanas I: Tendências, Estratégias e Oportunidades.* Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

PORTAS, N. – Coord. – (2011). *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação e Projectos.* Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

PROENÇA, S. (2014a). "A Rua", pp. 101-143 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014a). *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos*. Argumentum. Lisboa.

PROENÇA, S. (2014b). "A Resistência da Forma Urbana", pp. 33-49 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014b). *Cadernos de Morfologia Urbana: O Tempo e a Forma*. Argumentum. Lisboa.

ROBERTS, P.; **SYKES**, H. (2000). *Urban Regeneration: A Handbook.* SAGE Publications Ltd. London.

SALGADO, M. (2013). "Lisboa: A Prioridade é a Requalificação do Espaço Público" *in Revista Turismo de Lisboa*, Nº114, pp. 12-19.

SANTOS, J. (2014). "O Tecido de Adição", pp. 95-115 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014b). *Cadernos de Morfologia Urbana: O Tempo e a Forma*. Argumentum. Lisboa.

SECCHI, B. (2007). "Urban Scenarios and Policies", pp. 274-283 *in* **PORTAS**, N. – Coord. – (2007). *Políticas Urbanas I: Tendências, Estratégias e Oportunidades.* Fundação

Calouste Gulbenkian. Lisboa.

SILVA, J. (2014). "A Praça", pp. 83-99 *in* **DIAS COELHO**, C. – Coord. – (2014a). *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos*. Argumentum. Lisboa.

SOBARZO, O. (2014). "Espacio público y nuevas centralidades" *in Ciudades*, Nº104, pp. 2-8.

SOLÀ-MORALES, M. (1997). *Las Formas de Crescimiento Urbano*. Edicions UPC. Barcelona.

SOLÀ-MORALES, M. (2008). *De cosas urbanas*. Gustavo Gili. Barcelona.

SOLÀ-MORALES, I. (2008). *Territórios*. Gustavo Gili. Barcelona

VIEGAS, J. (2007). "Estratégias Urbanísticas e Governabilidade", pp. 260-273 *in* **PORTAS**, N. – Coord. – (2007). *Políticas Urbanas I: Tendências, Estratégias e Oportunidades.* Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

| TESES E PROVAS ACADÉMICAS |

AMADO, A. (2012). *A Rua Direita nas Cidades Portuguesas. Leitura Tipo-morfológica do Elemento Urbano.* FA-UTL: Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano e Projecto de Espaço Público. Lisboa.

CARRASCO, F. (2012). *Espaços Intersticiais Urbanos: Frente Ribeirinha de Belém*. Tese de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

DIAS COELHO, C. (2002). *A Complexidade dos Traçados*. FA-UTL: Dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico. Lisboa.

PROENÇA, S. (2014c). *A Diversidade da Rua na Cidade de Lisboa. Morfologia e Morfogénese.* FA-UL: Dissertação de Doutoramento em Urbanismo. Lisboa.

| INSTRUMENTOS DE GESTÃO TERRITORIAL|

Plano de Pormenor do Campus de Campolide. (2014). CML. Lisboa. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-pormenor-de-reabilitacao-urbana-do-

campus-de-campolide.

PP Artilharia Um. (2010). CML. Lisboa. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-pormenor-da-artilharia-um.

PP Avenida José Malhoa. (2011). CML. Lisboa. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-pormenor-da-avenida-jose-malhoa.

PP Quinta da Bela Flor. (2011). CML. Lisboa. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-com-termos-de-referencia-aprovados/plano-de-pormenor-da-quinta-da-bela-flor.

PP Bairro da Liberdade e Serafina. (2001). CML. Lisboa. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-com-termos-de-referencia-aprovados/plano-de-pormenor-dos-bairros-da-liberdade-e-da-serafina.

UE Praça de Espanha. (2012). CML. Lisboa. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/unidades-de-execucao/praca-de-espanha.

UE Conde Nova Goa. (2016). CML. Lisboa. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/unidades-de-execucao/unidade-de-execucao-conde-nova-goa.

| REFERÊNCIAS WEB |

Estudo urbano de Campolide. Disponível em http://lx-projectos.blogspot.pt/2012/01/estudo-urbano-campolide.html.

"Tecido" in Priberam: Dicionário da Língua Portuguesa, disponível em: https://www.priberam.pt/dlpo/tecido. Consultado a: 17/03/2016.

"Urbano" in Priberam: Dicionário da Língua Portuguesa, disponível em: https://www.priberam.pt/dlpo/urbano. Consultado a: 17/03/2016.

"Complexo" in Priberam: Dicionário da Língua Portuguesa, disponível em: https://www.priberam.pt/dlpo/complexo. Consultado a: 17/03/2016.

CML. (2015). *"Uma Praça em Cada Bairro*", disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/praca/10_Abril2015_CADERNO-PRACAS.pdf.

"Shared Space", disponível em: https://slowstreets.wordpress.com/2015/0/.

GEMZOE, L. *"Seattle 2008",* disponível em: http://greenfutures.washington.edu/images/publications/PublicSpacesForPublicLifeSeattle2008.pdf.

GEHL, J. *"Public Spaces for a Changing Public Life",* disponível em: http://urbact.eu/sites/default/files/public_spaces_for_a_changing_public_life.pdf.

GEHL, J. (2003). *"Winning back public spaces",* disponível em: http://www.publicspace.org/en/text-library/eng/a006-winning-back-the-public-spaces.

HOLL, S. (1993). *"Storefront for art and architecture*", disponível em: http://www.stevenholl.com/projects/storefront-for-art-and-architecture.

SOLÀ MORALES, M. (2010). *“The Impossible Project of Public Space”,* disponível em: http://www.publicspace.org/en/text-library/eng/c006-l-impossible-projecte-de-l-espai-public.

Campolide: História e Demografia, disponível em: http://www.jf-campolide.pt/inicio/freguesia/historia.

Demografia de Campolide, disponível em: https://www.imovirtual.com/viver/demografia/-/Lisboa/Lisboa/Campolide/.

“*Calçada Portuguesa: tradição ou maldição”,* disponível em: http://expresso.sapo.pt/sociedade/calcada-portuguesa-tradicao-ou-maldicao=f917948.

"Assim que se abre um espaço, ele é imediatamente tomado pelas pessoas", disponível em: http://www.dn.pt/portugal/interior/assim-que-se-abre-um-espaco-ele-e-imediatamente-tomado-pelas-pessoas-5581435.html.

http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/camara-de-lisboa-quer-promover-novas-ligacoes-ao-parque-florestal-de-monsanto.

"Projeto Pavimentar Lisboa: discussão", disponível em: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1855943.

"How to put a building in public space”, disponível em: http://www.treehugger.com/sustainable-product-design/how-to-put-a-building-in-public-space-put-a-green-roof-on-it.html.

“Lightning use and Design”, disponível em: https://www.pps.org/reference/streetlights/#How%20far%20apart%20should%20lights%20be%20spaced.

“Changing cities in 5 steps”, disponível em: *http://gehlpeople.com/blog/changing-cities-in-5-steps/.*

“Expand Triangular Public Spaces”, disponível em: http://99stepsny.tumblr.com/post/80594790072/19-expand-triangular-public-spaces.

“Public Spaces”, disponível em: https://issuu.com/actar/docs/publicspace.

“City Council Spars Over Woonerf in South Lake Union”, disponível em: https://www.theurbanist.org/2015/01/19/city-council-spars-over-woonerf-in-south-lake-union/.